OBRAS
DE
HORACIO.

OBRAS

DE

HORACIO,

TRADUZIDAS EM VERSO PORTUGUEZ,

POR

JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO,

TOMO I.

Os quatro Livros das Odes, e Epodos.

LISBOA,
NA IMPRESSÃO REGIA.
Anno 1806.
Com licença de S. A. R.

PREFAÇÃO.

HE tão prodigiosa a multidão de Livros, que tem apparecido ha dois Seculos, e que continuamente vão apparecendo, que não ha Bibliotheca, por vasta que seja, que os contenha todos, e como os Auctores se persuadem que o Público os acceita favoravelmente, não se canção de os compor. Muitos ateimão em escrever, ainda que saibão, que o mais longo caminho que deve fazer seu Livro he da Prença para a Sepultura. Os que mais se illudem com a esperança da imortalidade, são os Poetas, e com tudo, quam poucos são os que não hajão experimentado o duro Imperio da morte? Contão-se acaso muitos Virgilios, e muitos Horacios desde o feliz reinado de Augusto? Sei que muitos me responde-

rão

rão com as palavras que Marcial dirigia a Valerio Flaco.

Sint Mæcenates, non deerunt tibi Flace Marones.

Illusoria desculpa, porque na verdade, quando ha Virgilios, logo apparecem Mecenas. A Protecção não dá Talentos, os verdadeiros Talentos grangeão Protecção. Não duvido que seja muitas vezes caprichosa a Fortuna dos Livros; alguns ha que morrem primeiro que seus Auctores, ainda que não fossem destituidos de merecimento. Esta fatal mortalidade se experimenta muito mais nos Poetas, que em outros quaesquer Compositores. O Público, Juiz imparcial, os condemna ao desprezo, e esquecimento, e não ha jámais appellar desta Sentença. Se algum incidente obscureceu alguns apenas nascêrão, como succedeu ao Paraiso perdido de Milton; outro incidente o descobrio, e lhe deu Fama, e Imortalidade. Se ouvirmos os Poetas, não há hum só, que se não prometta a si mesmo passar aos Vindoiros, cheio de gloria, e de applausos. Assoalhão por toda á parte, que tem commercio directo com o Olympo, que os inspira hum certo Nume, que seu Fogo lhe abra-

abraza o Entendimento, que vivem debaixo da sua Protecção, mas a pezar desta Protecção, e deste Nume, muitos tem existido, e existem, que não grangeão na Terra mais que desprezos, e vilipendios; e o Público tem razão, e não se illude. E com effeito, que coisa mais frivola, mais digna de hum profundo desprezo, que certas Composiçoens em verso, que se não vem directamente corromper os costumes, vem cançar a paciencia, e enjoar o homem mais distrahido, e superficial? Se Platão banio da sua Republica o Pai de todos os Vates, o grande Homero, mandando, assim he, que se lhe fizessem grandes honras, que se coroasse de Loiros; mas que se pozesse da parte de fóra das Portas da Cidade; que deve o Público fazer a tantos, e tantos Vadios, que nos não offerecem Iliadas, nem Odisseas, porém que nos imbutem Quimeras, e Monstros forjados na sua Imaginação? Que nos dão sem serem preguntados hum catalogo exacto de suas Paixoens, que nos querem matar com o rigor, e belleza das suas Amadas, que nos aturdem com o seu merecimento, e contínuas queixas do corrompido gosto do Seculo que os não estima, e emprega?

Que

Que paciencia se não aborrecerá das frioleiras do Seculo de seiscentos, em que parece que á porfia se querião degradar os Engenhos, e rediçularizar os Poetas! Deixo os Marinos de Italia, e os Gongoras de Hespanha, para me lembrar daquelles Portuguezes, que tão desgraçadamente, os seguírão, e imitárão. Na verdade, desde a morte de Francisco Rodrigues Lobo, e Vasco Mouzinho de Quevedo, até á creação da Arcadia, temos hum intervalo lastimoso. Houve, assim he, hum Diluvio de Poetas, e huma innundação de parvoices. Existio eclipsado o Astro da Poesia, e foi surgindo das sombras, ou chegou a E'poca da sua emersão, quando apparecêrão Antonio Diniz da Cruz, e Pedro Antonio Correa Garção. Estes se atrevêrão a hir desenterrar do pó das Bibliothecas os bons Quinhentistas. Leo-se, imitou-se Camoens, Ferreira, Bernardes, Lobo; lembrou-se hum Academico benemerito de fazer huma nova Edicçaõ de Fernão Alvares do Oriente, e envergonhárão-se os Portuguezes de haverem acordado tão tarde, quando França lhe offerecia Modellos em todo o genero acabados. Estimou-se, e reproduzio-se a antiga lingoagem, desterrarão-se os Equivocos, e reinou aquella magestosa simplicidade, que he o Ca-

ra-

racter dos Grandes Homens, e das Grandes Obras. Houve quem lesse, e entendesse Horacio, e esta Revolução felicissima contra as arreigadas preocupaçoens, e corrompido gosto, fez que a Poesia se aproximasse áquella perfeição de que tão desgraçadamente havia cahido.

Mas assim como a vida humana, e o estado moral, e politico dos Homens anda em huma contínua vicicitude, segue a mesma vicicitude as Sciencias, e boas Artes. Vai declinando o gosto, bem como desde a morte de Luis Racine, e Thomás, declinou em França o gosto, e perfeição da Poesia, e Eloquencia. Que composiçoens tem apparecido! A simplicidade nobre, e magestosa se vai seguindo a empolação redicula. Que Gongora, que Calderon, fez jámais hum verso como este:

» Eu, que cem vezes concebendo o Olympo?

Que Antonio da Fonseca Soares chamou jámais ao Téjo:

» Barbi canuto Téjo?

Que-

Que Academico dos Singulares comessou jámais hum Soneto aos annos de huma Mulher:

» Auriverdes Tritoens pulão na arêa,

E acabou com outros não menos expressivos:

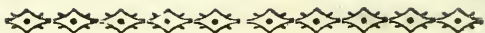
» E o Tempo quebra a Lurida Empulheta,
» E rasga a Morte os Crépes denegridos?

Se o Astro da Poesia não está de todo eclipsado, ao menos está retorgado.

Eu não posso tanto, que me atreva a dar á Patria originaes perfeitos, por mais que me lastime a decadencia em que vejo a Poesia. Talento frivolo, assim he, mas Talento agradavel, e que póde ter suas vantagens quando se lhe dá seu verdadeiro emprego. Horacio deve ser em todos os Seculos, a Lei, e o Exemplo. Vulgarizar Horacio, he huma grande Empreza, e hum grande remedio. Se a todos os que fazem versos se podesse dizer a respeito de Horacio, o que elle diz dos Exemplares Gregos:

Nocturna versate manu, versate diurna.

Se-

Seria escusada huma Traducção, e della teria pejo, pois o causa já o mister de Traductor; que Dôctos, e não Dôctos tem desgraçadamente usurpado. Mas nem todos entendem Horacio em sua lingoa materna, que até se vai desprezando o gosto da Latinidade, e nem as Traducçoens que delle ha em Prosa Franceza, e Portugueza, podem fazer conhecer hum Poeta de tão alta Jerarquia, não só porque he impossivel fazer conhecer o Espirito de hum Poeta em huma Traducção em Prosa, porque a Prosa nunca foi a lingoagem da Poesia; porém tambem, porque quasi todas as que existem são sobre maneira infiéis, e antes que demos huma idéa desta nossa Traducção; cumpre fazer conhecer as que existem; o que será objecto do seguinte Artigo.

ARTIGO I.

Das Traducçoens que se tem feito de Horacio em diversas Lingoas.

OS Francezes, que tem abrangido todos os generos de Literatura, comessárão a traduzir Horacio, desde que as Letras comessárão a florecer entre elles no Reinado de Francisco I. Jaques de Mondot, Monge Benedictino, fez a primeira Traducção de Horacio, e a imprimio em Leão no anno de 1579. Depois Lucas de la Porte, traduzio todas as Obras de Horacio, e as imprimio em 1584. Seguio-se a Traducção de Roberto, e Antonio de Agneaux, dedicada a Henrique III., e impressa no anno de 1588. Depois destes apparecêrão outros Traductores, como Nicoláo Rapim, Filippe des Portes, o Cardeal du Perron, e outros. Estas Traducçoens são presentemente ininteligiveis pela sua antiquada lingoagem. A primeira que appareceo capaz de se ler, foi a do infatigavel Traductor Maroles, impressa em 1660,

tão

tão literal, e tão gramaticalmente construida, que se fosse entermeando a Traducção no Texto, lhe podiamos chamar; Comento de Horacio, como chamamos ao Livro de que em nossas antigas Escólas se aproveitavão os Rapazes. Com tudo, esta Traducção abrio o passo ás outras, della se aproveitárão todos os que se seguírão, o primeiro que se valeo da Traducção de Maroles, foi o Padre Catrou, Jesuita; appareceo sobre os mesmos Vestigios a Traducção de Dacier; seguio-se a de Senadon, e a de Tarteron; depois a do Abbade Fontaines, com o seu Anonymo Continuador; e finalmente a de Batteux, que o mutilou horrivelmente. Parece que se devião satisfazer os Francezes com tantas Traducçoens, porém

Tenet insanabile multos scribendi cachoethes.

Depois destes Traductores todos que não sessavão de se accusar mutuamente de infidelidade, appareceo Regenhac com a sua Traducção de todas as Odes de Horacio, exacta na verdade, e nelle achei huma Opinião sobre a primeira Ode, que abracei por se me ajustar em extremo á Razão. Diz elle, e o prova, que não he Ode, mas hum Antiloquio,

ou

ou pequena Prefação, que o Poeta faz á Mecenas sobre as suas Poesias Liricas. A uniformidade dos versos, sem divisão de Estrofes he hum dos argumentos que mais me convencem.

Não parárão ainda aqui as Traducçoens de Horacio. Le Franc de Pompinhan, e o Marquez de la Fare, traduzírão em verso a maior parte das Odes, e parece que assinte se apostárão a dizer o contrario do que diz Horacio, ou talvez fosse por não poderem vencer a difficuldade que ha de traduzir de versos para versos hum similhante original. He certo que fazem nojo, nada ha mais superficial, não se conhece Horacio senão pelo Titulo.

Ha duas Traducçoens Inglezas de Horacio, huma antiga de Digbi, e outra mais moderna de Gernhingan. Ser-me-hia preciso hum mais profundo conhecimento da Lingoa Ingleza (tão difficil de entender nos Poetas) para ajuizar de seu merecimento, e fugimos sempre de Juizos precipitados, nada ha mais rediculo, que Decisoens de Oraculo, nada mais facil que dizer. Não presta, e desgraçadamente, nada ha mais vulgar que ouvir-se.

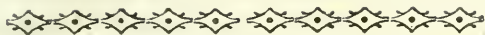
Em Italiano vi huma Traducção das Odes, feita em Tercetos, e isto basta. O admiravel Methas-

ta-

tazio traduzio a Arte Poetica, e a Epistola a Torcato, e na Collecção das Obras do sublime Poeta Fulvio Testi, vem algumas Odes magistralmente traduzidas, e se he licito dizer-se, até melhoradas.

Se ha em Hespanhol alguma Traducção não indaguei, nem indago. Temos duas Traducçoens das Odes em Portuguez, ambas em prosa, trabalho de dois zelosos Professores da Latinidade, e trabalho muito util para facilitar a boa intelligencia do Texto aos que se dedicão ao muito necessario estudo da Lingoa Latina, que tanto sem razão se despreza em nossos dias. He certo que não deve ser o unico emprego da vida do homem, mas he hum dos seus principaes ornamentos, e os Romanos nos deixárão tão sublimes Composiçoens em todo o genero, que parece que com ellas tambem nos legárão a obrigação de estudar, e entender a sua lingua, e nenhuma Traducção por boa que seja, dispensará jámais o estudo do Original. Não sei se existe alguma Traducção em Lingoa Alemaã, eu não a entendo, e nenhum conhecimento tenho da Literatura Alemaã vulgar, apenas conheço os quatro Volumes de Poesias, compiladas, e traduzidas em Francez por Hubert. Sei que até se fez huma Traducção de Horacio em

lin-

lingoa Grega , por João Bento , Doctor em Medicina , e Professor de Grego em a Universidade de Saulmur , o qual diz no Prefacio da Traducção Latina de Luciano, que traduzíra as Odes de Horacio em versos Gregos, guardando a mesma medida, e o mesmo numero de versos, trabalho tão penoso como inutil, e tão ingrato como maravilhoso: eis-aqui as Traducçoens de Horacio que podérão vir ao nosso conhecimento. Agora he tambem justo, que em artigo separado , eu falle da nossa Traducção , e de seus motivos.

ARTIGO II.

Da presente Traducção de Horacio, e das causas que a ella obrigárão.

HOracio he hum dos Poetas d'Antiguidade mais universalmente estimado, e applaudido. He hum Filosofo agradavel, que sem a enfadonha austeridade dos Declamadores, conduz o Homem do meio dos divertimentos ao amor da virtude, e entre os mesmos prazeres lhe faz conhecer a rapidez do tempo, a brevidade da vida, e a inevitavel necessidade de morrer. He o amigo dos Homens, não sessando de os reduzir aos simplices, e verdadeiros principios da Natureza, ensina-lhes a se contentar de pouco, e a desprezar o Fausto, e Luxo, como hum encargo, que por ser brilhante, não deixa de ser pezado. Inspira-lhes o amor do campo, debuxando-lhes com a maior energia, e vivacidade suas delicias, dando-lhes primeiro, o exemplo com seu continuado retiro. Estes são em breve os principios porque Horacio se faz

amavel a todos os Homens, mas não são estes só os motivos da minha simpatia com elle. Descubro-lhe hum caracter muito analogo ao meu. A minha Paixão predominante he o amor do socego a que alguns inquietos chamárão Preguiça. O socego pois he o Idolo a que eu sacrificarei voluntariamente a posse do Mundo inteiro, e não acceitaria hum Throno se mo offerecessem, com a condição de me envolver por hum mez só em huma Intriga, que me tirasse do seio d'Apathia em que encontro todos os prazeres, sendo os maiores, o Silencio, e a Incommunicabilidade, a que alguns Genios folgazoens dão o nome de Mizantropia. Eu me enquieto todas as vezes que a ordem da vida civil me põe na obrigação de fazer alguma coisa, e como vivo sem muitas relaçoens com os outros homens, gosto, como gostava o tranquillo la Fontaine do prazer de não fazer nada:

Je le verrai ce pais ou l'ōn dort
On y fait plus, on y fait nulle chose:
C'est un emploi, que je recherche encor.

Ora quando vejo Horacio fugindo ao primeiro en-

con-

contro na Batalha de Filippo, metter-se em Roma, e com a herança do Pai, e liberalidade de Mecenas, adquirir huma cómmoda subsistencia, desprezando não menos, que a dignidade de Secretario de Augusto, e passando depois disto a maior parte da vida na sua casa de campo, e encostado á sombra passar deliciosamente as horas na lição de Livros antigos, e empregar seus versos nos louvores da vida rustica, silencio, retiro, e mediocridade, ou em invectivar contra as desordens d'Ambição, Avareza, e futeis, e temultuosos empregos dos Homens, mas sem a vehemencia, e transportes, ou mordazes hiperboles de Juvenal, quando vejo digo, este asizado Filosofo, cujo caracter jámais se desmente, se eu posso sentir a inquietação de algum desejo vivo, só quizera existir assim, e ver-me constituido na mesma ditosa independencia, e mediocridade em que elle viveo. Ora eu compenso esta falta com o prazer de o vulgarizar, trabalhando pelo dar no mesmo tom, e felizmente a Poesia Portugueza he capaz de o fazer, a lingoa, he quasi tão rica, e tão harmoniosa como a Latina. Depois disto, o desejo sincero de obstar á corrupção, e decadencia da Poesia Portugueza, dando-lhe hum modello tão judicioso como

Horacio, e tão perfeito em todos os generos. Eis bastantes motivos para amar Horacio, e para traduzir Horacio.

Tem com tudo esta Traducção duas difficuldades da parte do mesmo Original para que sáia literal, e exactamente fiel: a primeira he, a exotica Sintaxe de que o Poeta usa: tem formulas particulares, e Helenismos, que se apartão muito do mechanismo ordinario da Lingoa Latina; porém como eu não intento dar ao meu nome a dezinencia em *us*, degole-se quem quizer por hum Archaismo, ou por hum Solecismo, porque eu estou persuadido, que as Traducções, devem-se dar por pezo, e não por medida, e quando he impossivel achar o identico, basta que se encontre o equivalente: e quando absolutamente se não póde verter a fraze latina na fraze correspondente Portugueza, he licito dar em outra fraze diversa o mesmo sentido do Auctor. Esta he a regra estabelecida pelo Conde de Roscomon no seu Poema da maneira de traduzir em verso, e pelo Abbade Bateux no Tratado das Boas Artes, reduzidas a hum mesmo principio, e ainda quando elles o não disserão, o diria com maior força a necessidade, e a diversidade das Lingoas, e o

que

que na Traducção em verso de Poetas Latinos, não despreza minucias Gramaticaes, não vence a difficuldade, e desta maneira venço eu, ou ao menos afronto a primeira.

A segunda he a tenebrosidade de huma grande parte dos Escritos de Horacio, não inherente, porém relativa. A perfeita ignorancia em que estamos sobre alguns costumes, ceremonias, e rediculos do tempo dos Romanos, nos torna impenetraveis, e inintelligiveis muitas das allusoens de que o Poeta está cheio. Podemos fazer huma idéa abstracta de hum Avaro, de hum Glotão, de hum Ambicioso, de hum Intermetido, de hum Fallador (o mais cruel dos Flagelos da Humanidade) mas as circunstancias particulares destes Individuos, e as suas relaçoens, nos são profundamente desconhecidas, enterrou-as o Tempo, e nunca mais apparecêrão. Que Mentecaptos tão solemnes se acharão em nossa idade dignos da Imortalidade, e cuja Apotheose em os Escritos de algum bom Satirico nos encheria de prazer, o qual já não sentirão os Leitores futuros, porque este prazer está sempre na razão da intelligibilidade, e conhecimento. Grande detrimento para os Escritos de Horacio! Antes se os antigos Scholiastes,

e Comentadores, em lugar das enfadonhas Discuçoens Gramaticaes, nos deixassem monumentos, que dessem claridade a suas contínuas Allusoens, e Allegorias!

A extrema delicadeza com que devem ser tratadas materias que offendem a decencia, e honestidade, e o perigo a que os costumes se expõe de se corromper, quando se debuxão os prazeres sensuaes com aquellas cores, que a Poesia empresta ás Paixoens, formão hum grande embaraço em huma completa, e literal Traducção de algumas Obras de Horacio. Os Romanos erão menos delicados sobre certos termos obscenos, que a Religião prescreve, e crimina; pasmo de ver como hum Cortezão como Horacio, escrevendo no meio da Côrte mais polida podésse usar de tão pouco rebuço nas suas expressoens, o mesmo observamos em o rigido Juvenal; porém nós vivemos em outro Seculo, outros costumes, em outra Religião: percão-se embora quantas Odes ha no Mundo, e quantas Satiras, e Epistolas até agora se hão composto, e não se offenda a modestia com huma só expressão menos casta. Eis-aqui porque sem respeito nenhum a Horacio ommittimos huma inteira composição que elle não devia ter feito, vem a ser o Epodo 12.º

Quid

Quid tibi vis Mulier nigris dignissima Barris.

Com a mesma liberdade, e com a mesma razão ommittimos huma parte da Satira segunda do Livro primeiro, onde não podemos de sorte alguma lançar hum véo sobre as turpitudes, que o Poeta revélla sem pejo algum; e nem por isto fica Horacio menos estimavel, e menos traduzido; e podemos muito bem com estas mesmas mutilaçoens, conseguir o fim que nós propozemos em o vulgarizar.

Resta dizermos alguma coisa sobre o trabalho da Traducção. Não ha por certo mister mais ingrato, e mais difficultoso, sempre o Original faz esquecer o Traductor, ainda que se conheça que o Copista teve mais trabalho na Traducção, que o Auctor na Composição. Isto se vê claramente na Traducção das Odes, não he traduzir em prosa, principiando, estendendo, e acabando quando querem, como fazem os Francezes, he traduzir literalmente, he ficar horas, e dias suspenso na escolha de frazes, porque o que he elevado em Latim, he baixo em Portuguez; he acabar-se a Estrofe Latina, e serem precisos ainda versos para se acabar a Estrofe Portugueza, e isto muitas vezes no fim da Ode,

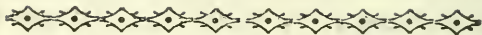
ven-

vendo-nos obrigados a regeitar o que tinhamos feito, e comessar de novo; he dar nobreza a composiçoens, que muitas vezes em Portuguez traduzidas literalmente ficarião intoleraveis, como o Epodo 3.º em que Horacio se queixa a Mecenas do guizado que lhe dera, temperado com muito alho. Mas em fim concluimos a Traducção mil vezes comessada, e mil interrompida; ora alentados com a utilidade que resultaria da leitura, e melhor estudo de hum tão grande Poeta, ora desanimados com a difficuldade quasi insuperavel da Empreza. Conheço que a deixamos de todo vencida, mas ao menos deixamos a estrada já batida, para que outro mais feliz Engenho se aproveite de nossas mesmas faltas, erros, e imperfeiçoens para o fazer melhor. Deixaremos grandes margens em nosso Livro, para que á sua vontade, justos Censores possão escrever quantas anotaçoens quizerem, se forem sensatas aproveitar-nos-hemos, se forem impertinentes, e maliciosas, o desprezo será a nossa desforra. Achar imperfeiçoens nos Homens, não he grande novidade, e enganar-se muitas vezes na intelligencia de composiçoens taes como as de Horacio, he condição de quem entra primeiro na Empreza de o traduzir em verso. As

As

As Notas melhores que até agora se conhecião, erão as de Bentheley, pois depois delle Alexandre Coningamio, descobrio nas mesmas notas, quatrocentos e tantos erros palmares.

Insere nunc Milibé Piros, pone ordine vites!

Vão lá traduzir em verso com a presumpção de não errar huma só vez!

ARTIGO III.

Sobre a Vida, e Escritos de Horacio.

HOracio se chama a si mesmo Quinto em a Satira 6.ª do Livro segundo. Todos lhe chamão Horacio, e elle mesmo o diz em termos expressos na Ode 6.ª do Livro quarto. Plutarco na vida de Lucullo lhe dá o nome de Flaco, e assim o declara o Poeta em o Epodo 15.º Foi a sua Patria a Cidade de Venuza, Colonia famosa dos Romanos na Apulia. Seu Pai, foi hum Escravo forro de baixa condição, e muito poucos bens, e sobre isto se póde ver a 4.ª, e 6.ª Satira do Livro primeiro, onde mostra em maravilhosos versos, qual seja o Pai de que cada hum devia desejar ter nascido. Alguns dizem que vendia sal, porém ha toda a razão para duvidar disto, porque Horacio o não teria dissimulado, antes expressamente nos diz na Satira 6.ª do Livro primeiro, que era cobrador de impóstos públicos. He certo que nasceo dois annos antes da Conjuração de

Ca-

Catilina, que Cicero descobrio em o anno de seu Consulado, que foi o de 690 da fundação de Roma. Nasceo pois Horacio em 688 da fundação desta Cidade, no Consulado de Lucio Aurelio Cotta, e Manlio Torcato, como elle mesmo o declara na Ode 21.ª do Livro terceiro, tempo em que tanto floreciáo em Roma, na Poesia, Catulo, Licinio, e Cina, na Eloquencia Cicero, Hortencio, e Quinto Catulo, na Filosofia, Varráo, e Nigidio Figulo.

Sendo ainda Menino foi trazido a Roma, para que se instruisse nas Letras. Seu Pai empregava nisto sumo cuidado, conduzindo-o elle mesmo ás Escólas públicas, como se vê pela Satira 6.ª do Livro primeiro, e 2.ª Epistola do Livro segundo, onde diz que vivêra em Roma 41 annos, que aprendêra de cór a Iliada de Homéro, sem nos dizer quaes foráo seus Mestres, ainda que na 1.ª Epistola do Livro segundo nos declara que os versos de Lucio Andronico, antigo Poeta Latino, lhe foráo dictados pelo Gramatico Orbilio, a que o Poeta chama *Plagosus*, Espancador. Este Orbilio viveo em Roma, no Consulado de Cicero, como nos diz Suetonio. Horacio aproveitando muito no Estudo das letras, porque de tudo era capaz seu grande Engenho, deter-

terminou sahir de Roma, e hir para Athenas, para ouvir de perto os maiores Filosofos, e sobre tudo os da Seita de Epicuro, cuja doctrina parece haver seguido, como se collige daquelles dois versos da Epistola 4.ª do Livro primeiro.

Me pinguem et nitidum bene curata cute vises,
Cum videre voles Epicuri de Grege Porcum.

Em Athenas se deixou arrebatar do Turbilhão das Guerras civis, tomando o partido de Bruto, e Cassio. Achou-se na Batalha de Filippo, sendo de 23 annos de idade. Julga-se que fôra Tribuno, porque na Satira 6.ª do Livro primeiro, diz a Mecenas, que occupára este posto.

Pela Epistola a Julio Floro, sabemos, que depois desta desgraçada Batalha, se entregára de todo ao estudo da Poesia, e nos diz na Ode 7.ª do Livro segundo, que perdêra o Escudo, e que depois disto, renunciára de todo o mister das armas. Neste mesmo lugar falla do perigo que corrêra em seu Naufragio, junto ao Cabo Palinuro.

Mecenas célebre valido de Augusto, foi seu particular amigo, e Horacio confessa francamente na

Sa-

Satira 6.ª do Livro primeiro, que era devedor de muitos beneficios á liberalidade desta illustre Personagem, que o acharia sempre prompto a lhe liberalizar maiores bens ainda, se mais desejasse. Nà Epista 7.ª louva, e celebra suas virtudes, e lhe diz, que podendo contar os Reis de Toscana entre seus Avoengos, se contentára com a simples qualidade de Cavalleiro Romano, Mecenas favorecia as Letras, e protegia os Homens dados a ellas, eis-aqui porque o Horacio nas Odes 16.ª do Livro primeiro, e 29ª do Livro terceiro, e no 1.º Epodo o chama seu soccorro, sua gloria. Honrava o dia dos annos de Mecenas, como hum dia sagrado, e festival. Viveo pois com Mecenas muitos annos em intima familiaridade, o que se vê em diversos lugares de suas obras, e particularmente na Satira 6.ª do Livro segundo.

Teve Horacio huma pequena Fazenda no Territorio dos Sabinos, que elle descreve, e pinta muito agradavelmente na Epistola 16.ª a Quinto, e vemos pela Satira 2.ª do Livro segundo, e pela Epistola 10.ª a Aristio Fusco, que com muito gosto se retirava dos motins da Cidade, para passar no Campo, onde tinha huma vida tranquilla, e socegada, go-

zan-

zando verdadeiras delicias , e pondo-se à cuberto da inveja , e inquietaçoens importunas , o que nos dá a conhecer que elle não era menor Filosofo , que Poeta , não querendo jámais exercitar emprego público , como quereria officios na Republica , hum Homem que não quiz ser Secretario de Augusto Cezar?

O mais claro testemunho que podemos ter das suas Letras , Sciencias , e boas qualidades , he a estima em que o tiverão as Pessoas de seu tempo mais recommendaveis por letras , virtudes , auctoridade , e riquezas. Elle escrevia com muita familiaridade a Marco Vepsanio Agripa , como se vê pela Ode 6.ª do Livro primeiro. Que diremos de Julio Antonio , Filho do Triunvir , de Assinio Polião , de Vario de Messalla , de Julio Floro , de Torcato , Maximo , Lolio , e Elio , e outras Personagens principaes do Imperio , com quem vivia familiarmente , como nos dizem seus versos ! Porém a amizade que elle mostra estimar mais , he a de Virgilio , chama-lhe a metade da sua alma. Virgilio , e Vario , o introduzírão na amizade , e lhe grangeárão a protecção de Mecenas. Estimou muito Valgio , Poeta célebre de seu tempo , como se vê pela Ode 9.ª do Livro segundo. Julga-se que Tibulo fôra tambem seu ami-

go ,

go, pela consolação que lhe derige na Epistola 4.ª

Ovidio falla de Horacio com muita distincção, chamando-lhe harmonioso, capaz de deleitar ouvidos sabios, porém Horacio não diz huma palavra só a respeito de Ovidio, assim como a respeito de Cicero, ambos seus contemporaneos. Nisto não podemos desculpar Horacio, tanto póde a dependencia até na alma de hum Filosofo tal como Horacio, não quiz certamente desgostar Augusto, fallando em dois Homens de tanto merecimento, como o maior dos Romanos, qual era Cicero, e o mais delicado, engenhoso dos Poetas, qual era Ovidio, porque Octaviano não gostava delles. Outro tanto não faria Juvenal, que eu prefirirei sempre a Horacio pelo lado da Moral.

Horacio nos diz em muitos lugares de suas Obras, que passára a vida gostosamente, satisfeito da sua condição, louvando o repouso, o asseio da Meza, e o bom vinho com seus amigos, desprezando o luxo, e grandes riquezas, como se vê nas Epistolas 1.ª, 14.ª, 15.ª, e 18.ª do Livro primeiro. Do que elle diz a Tibulo, que viria nelle hum Porco do Rebanho de Epicuro, muitos inferem, que era

gor-

gordo, mas elle diz na Epistola 20.ª, que era magro, pequeno, e delgado. Confessa na Satira 5.ª do Livro primeiro, que padecia huma Fluxão nos olhos, e que se servio do Colirio. Suetonio, e Eusebio nos dizem que morrêra de idade de 57 annos, no Consulado de Marco Censorino, e Caio Assinio Galo, que foi no anno de Roma 747, no mesmo anno morreo Mecenas.

Não só ao modo Poetico se promette huma gloria imortal pela excellencia de seus versos na Ode 30.ª do Livro terceiro; porém na Ode 4.ª do mesmo Livro, diz que fôra amado das Musas desde a sua Infancia; e na Ode 20.ª do Livro segundo nos diz, que será mudado em Cisne para voar pelo Universo.

A variedade das Odes, e de todas as Poesias de Horacio he maravilhosa, a escolha que faz de palavras he incomparavel. Todos os seus pensamentos são delicados, tudo diz a proposito, misturando nos Assumptos que trata, Sentenças gravissimas, e algumas vezes digressoens excellentes, como a das Danaides, de Europa, de Alceo, e Sapho, das Ilhas venturosas, da morte de Asdrubal, de Regulo, dos Gigantes, de Belorofonte, e outras Fabulas, e His-

to-

torias que tóca em outros lugares muito agradavelmente. Quintiliano nos diz, que Horacio entre os Liricos he quasi o unico digno de ser lido, porque muitas vezes se eleva, introduzindo com felicidade inumeraveis maneiras de se explicar inteiramente novas. Accrescentando, que o seu modo de escrever, he o mais puro, e judicioso. Persio falla delle com grandes elogios.

Dos que escrevêrão Comentarios, e observaçoens sobre as Obras de Horacio, não ha outro mais judicioso, segundo entendemos, que Dionizio Lambino. Fez muitas correcções importantes, tanto nas Edicçoens antigas, como nas Obras manuscritas do nosso Poeta. Cumpre com tudo confessar que lhe derão muitas luzes aquelles, que o precedêrão neste mister como Helenio Ancron, e Profirião, as Notas, e observaçoens de Emilio, de Julio Modesto, e de Terencio Escauro. Os Comentarios de Jorge Fabricio, de Kemenicio, de Christovão Landino, de Francisco Luizino, de Jaques Grifeville, de Jason de Nores da Ilha de Chipre, sobre a Arte Poetica, de Erasmo, de Aldo Manucio, de Celio Rhodigno, de Angelo Policiano, de Coccio Sabelico, de João Baptista Pio, de Jaques da Cruz, de Pedro Crinito,

de Henrique Glareano, de Francisco Robortello; de Ascencio Badio. Todos estes contribuírão para os grandes Comentarios, e clarissimas Anotaçoens do grande Filologo Dionizio Lambino.

Depois deste, muitos outros exercitárão seu engenho, e letras na exposição de Horacio, entre outros, os incomparaveis em saber, e Eloquencia Júlio Cezar Scaligero, Adrião Turnebo, Mureto, Jannus Dousa Holandez, Lipsio, Livino Torrencio, Pedro Nanio, Daniel Heincio, Thomás Bernardino, Parthenio, Federico Ceruto, que fez huma Paraphraze Latina; assim como Eirardo Lubino, Tertéro, e João Bond Holandez, de cuja Edicção em 24. nos servimos para esta Traducção, pela julgarmos a mais correcta, e na qual se não encontra hum só erro Typografico, a que possuimos he impressa em Amsterdão na Officina de Blaeu, no anno de 1650. Depois destes ha outros mais Comentadores, e Edictores de Horacio, em quem se observa hum grande cuidado na exactidão do Texto, como he a Edicção de Cuningamio. Deixamos de fallar nas Impressoens de Luxo, que continuadamente se fazem em Inglaterra, para não eternizarmos a Prefação. Os curiosos as poderão ver nos Gabinetes

de

de alguns Biblomaniacos, onde para seus Possuidores vivem eternamente fechadas.

Os testemunhos dos Auctores antigos sobre o merecimento de Horacio são muitos, e sabidos. Ovidio, Persio, Quintiliano, Sidonio Apolinar, Ausonio fallão com distincção neste Poeta. Nós accrescentaremos hum que talvez haja sceapado:

Elii Lampridii ex Alexandri Severi vita.

Latina cum legeret, non alia magis legebat; quam de Officiis Ciceronis, et de Republica. Nonunquam et Oratores, et Poetas, in queis Serenum Sammonicum, quem ipse noverat, et dilexerat, et Horatium.

LIVRO PRIMEIRO.

ODE I.

A Mecenas.

MEu illustre Brazão, meu firme amparo;
O' Prole de Monarcas, ó Mecenas!
Quantos verás, a quem sómente agrada
Erguer nuvens de pó no Olympio Estadio:
Se a méta esquivão co'as ferventes rodas,
Ao empunhar das palmas, se contemplão
Iguaes aos Numes, Arbitros do Mundo.
Dos inconstantes filhos de Quirino
Se a Turba elleva a triplicadas honras
Este, e se aquelle se compráz sómente
No celleiro juntar quanto debulhão
As eiras Africanas; cultivando
Co' liso ferro seu Casal paterno,
Nem d'Attalo c'os cofres o obrigáras
De Créta o mar fender em Cyprio Lenho;
Pávido Mercador, que se recêa
Do Sul raivoso nas Icárias ondas,
Louva o Clima natal, louva o descanço;
Mas logo espalma os destroçados Lenhos,
Mal soffrendo da Inopia a têrva fronte.
Outro c'o antigo Mássico espumante

Se apraz encher do dia inteiras horas,
De verde Arbusto reclinado á sombra;
Ou junto ao sossurrante, e sacro arroio.
Outro só gosta do fragôr da guerra,
Do marcio som do Pifano, e Trombeta,
Que as amorosas Mãis tanto detestão.
Da terna esposa deslembrado, véla
O Caçadôr ao frígido relento,
Se os fidos Caens a Côrsa farejárão,
Ou Março Javali lhe rompe as redes.
A douctas frentes reservados premios,
Aos Immortaes as Héras me emparelhão:
Separão-me do Vulgo a Sélva umbrosa,
E as Choréas dos Satyros, e Nynfas;
Se de Euterpe a sabôr, e de Polymnia,
Empunho a frauta, e o Lésbico alaûde:
Mas se aos Lyricos Vates tu me agrégas,
Ver-me-has, Mecenas, revoar nos Astros.

****

ODE II.

A Cezar Augusto.

ASsáz frígido Gello,
Devastador Granizo
Irado Jóve arremessou do Olympo:
Da rubra dextra desfexando raios,
Os Sacros Templos habateo, e as Áras,
E encheo de espanto de Quirino os Muros.

Te-

Temeo a afflicta Gente,
Que lhe tornasse a Idade
De que se queixa magoada Pirra
De ver monstros crueis, quaes nunca víra,
Quando levou Proteo o equoreo Gado
Por cima das Montanhas pedregosas.

Pelas cimas dos Olmos
Os Peixes se prendêrão,
Morada hum tempo das mimosas Pombas;
E as pavorosas Côrsas dividírão
As espraiadas furibundas ondas
Do Mar, que além dos términos corrêra.

Vimos o loiro Tibre
Co'as vagas enroladas
Em furia refluir do mar Tyrreno,
Do justo Numa derrubar, correndo,
A antiga habitação: co'a mesma furia
O Sacro Templo arruinar de Vésta.

Assim presume o Rio
Da consternada Esposa,
Que inda se queixa em vão, vingar a offensa;
Corre furioso pela esquerda margem,
As ribas excedendo, em quanto Jove
Tamanha furia lhe reprova irado.

A muito diminuta
Florente Juventude,
Dos crimes de seus Pais victima infausta,

Hum dia escutará como empunhárão
Contra seu peito os Cidadãos a espada;
Que contra os Pérsas empunhar devêrão.

Qual dos Numes devemos
Chamar do excelso Olympo,
Que seja esteio ao vacilante Imperio?
Com que Cançoens, e sacrosantos Hymnos
Deveráõ puras, candidas Donzellas
'A gram Vésta invocar, já surda aos votos?

Qual dos Numes celestes
Jóve dos Ceos envia
Nosso crime expiar? Desce ligeiro,
O' fatidico Apólo, e nossos votos
Escuta de huma vez; desce, e nos hombros
Candidos lança o refulgente manto.

Désce com meigo aspécto
Ou tu, Venus rizonha,
A cujo lado o Rizo, e as Graças vôão.
Ou tu, Marte feróz, se inda piedoso
Volves da Esféra luminosa os olhos
Aos desprezados teus miseros Filhos.

Assáz de crébras lides
Já fartar-te devêras,
Tu, que te aprazes do clamôr guerreiro;
Dos lisos Elmos, e de ver o rosto
Do Soldado Africano, quando em campo
Abate o féro Imigo, envôlto em sangue.

Mudada a alada fórma,
Se de hum lindo Mancebo
Imitas o semblante, ah! vem, Mercurio,
Da clara Maia divinal Progenie:
Digna-te ser, se as súpplicas escutas,
Digna-te ser o vingador de Cezar.

E muito tarde vólta
Ao refulgente Olympo,
E lédo permanece, e lédo mora
Entre os afflictos Filhos de Quirino;
Inda que irado contra os vicios nossos,
Não fujas d'entre nós, qual foge o vento.

Aqui grandes triunfos
Do peito préza, e ama:
Digna-te ser chamado o Pai da Patria,
O' Monarca, ó Senhor, e não consintas,
Cezar, que impunes campeando insultem,
A augusta Roma os Cavalleiros Médos.

****

O D E III.

Ao Navio, que conduzia Virgilio.

POssão de Chypre a poderosa Deosa,
E de Helena os Irmãos, lucidos astros,
E o Pai dos Ventos governar-te, ó Lenho,
A quem Virgilio se confia: póssa

Fazer que assópre só d'Apulia o Vento;
Por que intacta, e segura,
Essa metade de minha alma leves
A ver d'Athenas as tranquillas praias.

Tinha por certo circundado o peito
De triplicado bronze, e férro aquelle,
Que ao truculento mar lançou primeiro
Fragil ligeira náo, sem ter receio
Da crua guerra dos oppostos ventos,
Nem das Hyades tristes,
Ou furia insana de raivoso Nóto,
Do Adriatico mar déspota horrendo.

Que genero de morte pôde aquelle
Temer, que a seccos olhos, vio nadando
Por entre as vagas túmidas os Monstros?
Que vio sem medo Acroceraunеas Róchas?
Debalde Deos, da Terra o Mar separa,
O Mar insociavel,
Se as sacrilegas náos transpõem, sem pejo,
Os já prescriptos terminos vedados!

Dos transes todos soffredor teimoso,
Corre por elles o Mortal aos crimes,
E Prometheo sacrilego no Mundo
O fogo introduzio, roubado aos Astros:
De Males hum tropel desceo com elle,
Males não vistos d'antes:
Se era tardo até alli o extremo golpe,
Então foi prompta em nos ferir a Morte.

Dédalo então, co'as inconcessas azas
Aos miseros Mortaes, girou nos ares:
Então com força insolita do Inferno
Valente Alcides despedaça as portas.
Nada he difficil aos Humanos! Loucos
Contra os Ceos se conjurão,
E não consentem que deponha Jove
Das mãos iradas furibundos raios.

* * * * * * * * * * * * * * * * * * * *

ODE IV.

A Publio Sexto.

JA' foge o duro Inverno, e volta alegre
Nas azas do Favonio a Primavera:
Ao fundo Pégo as Maquinas conduzem
Os Baixeis, que varárão.
Deixa o Gado os curraes, e deixa o Fogo
O Lavrador contente; por que observa
Livres do Gello os campos dilatados.

A' frouxa luz da prateada Lua,
Conduz das Nynfas Cytherea os Chóros;
Vem com ellas as Graças, e alternadas
A dura Terra pizão;
Em quanto anda Vulcano, envôlto em chamma,
Aos hórridos Ciclópes accendendo
As affumadas, tristes Officinas.

Ago-

Agora cumpre de cheirosas flores,
Que já brótão da terra, ou verde Murta
Ornar, cingir a nitida madeixa:
Ora offertar se deve
Ao caprípede Fauno em denso Bosque
As promettidas victimas, ou queira
Tenro Cabrito, ou mansa Cordeirinha.

Com seu pé sempre igual, pálida Morte
A's portas das Choupanas, e Palacios.
Eis bate imparcial. Sexto ditoso,
Da passageira vida
O leve curso, longas esperanças
Formar nos véda; a Noite se aproxima;
Já, já te aguardão fabulados Manes.

E de Plutão sombrio a estreita Casa
Já te espera tambem: subito entrares,
Não serás mais o Arbitro do Vinho,
Tirado em léda Sorte:
Não verás mais de Licidas o rosto,
Que a Juventude férvida namora,
Por quem as Môças arderáõ de amores.

****

ODE V.

A Pirra.

QUe delicado Môço,
De recendentes balsamos banhado,
E ornada a frente de purpureas rosas,
Comtigo foge, ó Pirra,
A' grata sombra de escondida Gruta?
E por quem toucas a madeixa loira?

Tu sem pompa formosa,
Tu bella lhe pareces?.... Quantas vezes
Verá quebrada a Fé, que hoje lhe juras,
Inexperto observando,
Co' sôlto vento da inconstancia tua
Revôlto o mar, que socegado corta!

Elle, incauto, imagina
Que ha de ser d'outro amor teu peito intacto,
Elle, que hoje te abraça, e cégo espera
Que não serás mudavel....
Ah nescio! Inda ha de ver fugir, qual vento,
Os inconstantes feminis favores?

Desgraçado daquelle,
A quem tão bella, falsa não pareces!
Do Sacro Templo o muro, onde pendente

Te-

Tenho o Painel votado,
A todos mostra que offertára ao Nume,
Ensopados, vestidos na tormenta.

✳✳✳✳✳✳✳✳✳✳✳✳✳✳✳✳✳✳✳✳

ODE VI.

A Agripa.

COm voz altissonante,
Digna da argentea Homerica Trombeta,
Só Vario aos astros levará teus Feitos,
Teus Loiros triunfaes, e as nobres Palmas,
Que teus Soldados alcançárão, quando
Mandas-te as Legioens no Mar, e em Terra.

Eu não me atrevo, Agripa
Expôr, cantando, a cólera de Achiles,
Nem os trabalhos do sagaz Ulysses
No plano extenso dos ceruleos mares:
Nem a vingança do celleste braço
De Pelope, e d'Atreo na infame Casa.

Froxo, a tanto não chego:
Suspende-me o Rubór, e a fragil Musa
Co' a Lyra imbele a tanto não se atreve;
E nem devo apoucar com fraco Engenho
O brado excelso das virtudes tuas,
E as de Cezar, magnanimas Façanhas.

Quem

Quem com senoros versos,
Póde cantar do formidavel Marte
O ferreo Escudo, a Malha diamantina?
E Merião de Teucro pó coberto?
As implacaveis iras de Diomédes,
A quem torna Minerva igual aos Numes?

Eu de cuidados sôlto,
Apenas canto festivaes Banquetes,
Os combates das tímidas Donzellas,
Que do Moço atrevido o rosto ferem:
E inda que arda de amor na chamma immensa,
Sempre voluvel sou, sempre inconstante.

* * * * * * * * * * * * * * * * * * * *

O D E VII.

A Numacio Planco.

QUantos a Ródes tecerão louvores,
A Mitelene, a E'fezo, e Corintho
De dous mares cercada,
Que em torno abração torreados Muros!
Outros só louvão a soberba Thebas,
A fatidica Delfos, a quem tanto
Honrárão Fébo, e Bacho,
E a fresca Tempe de Tessalia ornato!

Exaltaõ outros a famosa Athenas,
Da intacta Pallas protegida sempre:

E

E cantão em seus versos
A verde Oliva dos Heroes ornato.
Outros em honra da soberba Juno,
Louvão Argos, Missenas opulenta,
Que férvidos Ginetes
Cria, apascenta nos viçosos campos.

Mas nem da austera, soffredora Esparta,
Nem de Larissa as copiosas Mésses,
Tanto agradar-me podem,
Quanto de Albunea as ressonantes grutas,
Quanto me apraz do rápido Anienno
A clara linfa, os lagos transparentes,
Os Tiburtinos Bosques,
E os amenos Jardins, que as agoas cortão.

Bem como o Nóto, que dos Ceos desterra
A tempestade sôlta, as nuvens negras,
Assim, prudente Planco,
Affóga em vinho os túrbidos cuidados:
Desterra a vil tristeza, e torna leve
Da vida o pezo, ou denodado sigas
No campo o féro Marte,
Ou nos Bosques de Tivoli repouzes.

De Salamina desterrado Teucro,
Fugindo o austero Pai, diz-se que ornára
De verde chôpo a frente,
Assim bradando aos pávidos amigos:
Vamos onde nos chama hoje a Fortuna,
Mais branda, que meu Pai, e em vosso peito

Nu-

Nutrí doce esperança,
Em quanto Teucro vos defende, e guia.

Esforçados Guerreiros, quantas vezes
Móres males comigo suportasteis!
Apólo me affiança
A fundação de nova Salamina:
As mágoas desterrai; duras fadigas
Sepultai no Licôr do alegre Bromio,
A' manhá sulcaremos
No procelloso Mar de novo as ondas.

****

ODE VIII.

A Lidia.

EU te conjuro pelos Numes todos,
Que me digas, ó Lidia,
Por que motivo queres
Perder o gentil Sibaris de amores?

Do Marcio campo se enfastia, e foge,
Elle, que duro, e forte,
Paciente soffria
O enovelado pó no ardor da calma!

Já não sopêa o férvido Ginete
Entre os iguaes na Idade,

Co' bronzeado freio
Regendo a seu sabôr o incerto passo.

Já nadando não corta ao Tibre as ondas,
E na valente luta
Teme banhar em oleo,
Como em sangue de viboras, seus membros.

Nem traz pizados, de vestir as armas,
Os musculosos braços,
Elle, que tão louvado
Lançando o Disco foi, brandindo a Lança!

Por que se esconde, dize, qual o Filho
Da maritima Thetis
Nos dizem se escondêra
Antes que Troia se tornasse em cinzas!

Para que as véstes de gentil Mancebo
Aos olhos o roubassem,
E assim levar não fosse
Aos Lícios Esquadroens o ferro, e a morte.

ODE

* * * * * * * * * * * * * * * * * * * *

ODE IX.

A Taliarco.

O' Lha como branqueja ao longe a néve
Na espadua do Soracte, e como as Selvas
Mal sustentão, gravadas,
Da néve o pezo, que lhe escarcha os Troncos.

Observa os Rios na carreira prezos,
O' Taliarco! Próvido affugenta
Os rigores do Inverno,
Fazendo arder no lar, não parco a lenha.

Dos Sabinos Toneis extrae a farto
Almo Licôr que afferrolhado víra
Passar quatro vendimas,
E larga o resto aos providentes Numes.

Se elles o vento impetuoso enfreão,
Que no fervido Mar sôlto bramia,
Já não vérgão os Ramos
Do açoitado Cypreste, e Freixo antigo.

Não queiras indagar quanto se envolve
Entre os véos do Futuro. Eia, aproveita
Os dias, que a Fortuna
Te permitte lograr na curta idade.

Go-

Goza do Filtro da Belleza, goza
Na leda Juventude a Dança, o Canto,
Em quanto, inda tardia
Velhice Amorosa ao longe aponta.

Retorna voluntario ao Marcio campo,
Ao Circo volta; ao escorregar das sombras,
Aos amantes coloquios
Nas aprazadas horas não te esquives.

Retorna ao riso delator da Môça,
Que no recanto se te esconde: e busca
A prenda, que ella deixa
Tirar do braço, ou mãos não pertinazes.

****

ODE X.

A Mercurio.

O' Progenie de Atlante, ó tu Mercurio,
Facundo Numen, que aos Mortaes primeiros
Selvaticos costumes
Podeste amaciar com doce Canto,
Da lucta varonil co'as Leis, e exemplo.

Serás dito em meus versos Mensageiro
Do Grande Jove, dos potentes Numes,
E da encurvada Lyra

O

O primeiro Inventor. Festivo, e cauto
Para esconder sagaz, jocoso furto.

Quando Apolo intentou com voz severa
Tenro, mimoso Infante intimidar-te,
Se roubados do Armento
Os Toiros lhe não désses, rio gostoso,
Sentindo menos a sonora aljava.

Conduzido por ti Priamo pôde
Sahir dos muros da cercada Troia,
E os ferozes Atrides,
O Thezalico fogo, e a vigilante
Guarda pôde enganar, seguro, e livre.

Tu justas almas aos Elysios guias,
Das leves sombras o esquadrão governas
Com o caduceo doirado:
Hes agradavel aos Supremos Numes,
Ou governem no Olympo, ou no Acheronte.

****

O D E XI.

A Leoconidis.

AH! Não procures indagar que termo
Tenha prescripto o Fado a nossos dias;
Vedado he saber tanto:
Os Vaticinios Babylonios deixa,

Para aprender á sopportar constante
Os assintes da Sorte.

Ou Jove te destine mais Invernos
A' curta Idade, ou seja o derradeiro,
Este, que ao Mar Tirreno
As furias quebra nas oppostas Róchas,
E nelle a Parca inexoravel fèxe
O círculo da vida.

Se hes prudente, se hes cauta, arraza as Taças
De doce vinho, apouca as Esperanças
Em duração táo breve.
Em quanto assim discorro, a Idade foge:
Aproveita o presente, e náo confies
Crédula no Futuro.

****

ODE XII.

A Augusto.

QUe Heroe, ó Clio, que Mortal famoso
Hoje cantar destinas?
Na doce frauta, ou na sonora lyra?
Qual dos supremos Numes
Deve escutar os écos de seu Nome,
Ou nos umbrosos serros
Do Pindo, do Eliconio, ou Emo algente,
Onde os virentes Bosques

A voz seguírão do cantor de Tracia,
Que os Rios caudalosos
Com arte Maternal suspender pôde,
E o impeto dos ventos,
A quem, como se ouvissem, attrahidos
Do som da eburnea lyra,
Os agrutos carvalhos escutárão.
Porém a quem primeiro
Devo louvar em meus cadentes versos
Que ao A'rbitro do Mundo,
Ao Supremo Poder, que os Numes rege;
Os Humanos Destinos,
A Terra, o Mar, as Estaçoens, e Tudo?
Nada póde crear-se,
Que igual lhe seja, que segundo exista:
Depois delle, com tudo,
De grande, alto louvor Palas he digna.
Não deixarei teu Nome
Em culpado silencio, ó Bacho invicto.
Da caçadora Deosa
O louvor cantarei. Do loiro Apolo
As infaliveis sétas,
E de Alcides tambem. D'ambos os Filhos
De Léda enobrecidos,
Hum no manejo do feroz Ginete;
Outro na forte lucta:
Pois quando ao Nauta tímido apparece
A refulgente Estrella,
Nas praias adormece o Mar cavado,
As ondas se aquietão,
Fogem as Nuvens, emudece o Vento:

 Tan-

Tanto poder conservão!
Mas depois delle, Rômulo decanto,
E o pacifico Imperio
De Pompilio tambem, e o Sceptro altivo
Do soberbo Tarquinio:
Do inflexivel Catão levo ás Estrellas
A morte generosa;
E o grão nome de Régulo, e de Escauro;
De Paulo sempre invicto,
Tão pródigo da vida, quando vence
A pérfida Cartágo:
De Fabricio frugal, do grande Curio
D'empessados cabellos,
Mas na Guerra esforçado: e de Camillo
A rígida Pobreza:
A todos estes produzio pequeno
Lar, e mesquinha Herança.
A Fama de Marcello medra, e cresce,
Qual arvore fecunda:
Entre todos de Julio a Estrella brilha,
Qual brilha a prateada
Lua entre os Astros, que menores girão.
O' Protector, ó Nume,
Progenie de Saturno, que defendes
Os míseros Humanos!
Derão-te os Fados o sublime emprego
De proteger a Cezar:
Tu primeiro do Mundo o Throno occupa,
E Cezar o segundo;
Ou elle em justa Lide os Parthos vença,
Que o Lacio ameaçavão,

Ou já nos Climas do vencido Oriente
Vença os *Séras*, e os Indes:
As rédeas tome do terreno Imperio,
Em quanto Tu primeiro
Fazes tremer o refulgente Olympo
No coche magestoso,
E contra os Bosques profanados lanças
Os crepitantes Raios.

* *

O D E XIII.

A Lydia.

QUando louvas, ó Lydia,
De Télefo o gentil rozado Cólo
Os torneados braços,
Meu coração em cólera se abraza,
E a negra Bilis nas entranhas ferve.

A Razão me abandona,
Foge do Rosto a côr, e hum frio pranto
Escorrega nas faces.
Ah! quanto indica devorante chamma,
Que dentro de meu peito eprende, elavra!

Ardo em chammas, se vejo
Pelo teu cólo de alabastro impréssos
Os signaes desgraçados

Des-

Desses transportes, que excitára o vinho,
Ou nos labios de purpura os descubro:

Indignos caractéres
De hum indiscreto amor. Ah! nunca esperes
Que seja invariavel
Quem póde ser cruel, que offende aquella
Bôca, onde Venus nectares derrama?

Felizes muitas vezes
Sómente aquelles são, cujo amor puro
Une em perpetuos laços,
Sem que o desgosto, o dissabor os solte
Antes do extremo, inevitavel golpe!

* * * * * * * * * * * * * * * * * * * *

ODE XIV.

A' Republica, sobre a Guerra Civil.

O Desgraçada Náo, que novas ondas
De novo aos mares férvidos te levão?
Que fazes, imprudente! ah! vem depressa
Acolher-te no Porto!

Já trazes o costado aberto em rombos,
Já navegas sem remos, já quebrado
Teu Mastro foi dos insoffridos Ventos,
E Tufoens Africanos.

Gé-

Gémem-te, estaláo-te as Antenas. Podes
Sem Massame vogar? Acaso intentas
Sem força resistir ao duro embate
Do Mar imperioso?

Rotas as Vélas tens, e já na Popa
Os Numes não existem, que tu póssas
Na Tormenta invocar, quando te vires
Sossobrada nas Ondas.

Sejas de hum nobre Bosque embora a Filha,
Fosses, ah! fosses construida embora
De Pinheiro do Ponto; em vão te jactas
De tal Estirpe, e nome!

Jámais o Nauta tímido confia
Nas entalhadas Popas: se não queres
Ser ludibrio dos Ventos, não te arrisques
A tentar novos mares.

Duro tedio té agora me causavas;
Mas já sinto temor: eu te conjuro
Que as Ciclades evites, que espalhadas
Pelos mares fluctuão.

ODE

* *

O D E XV.

O Vaticinio de Nereo sobre a Ruina de Troia.

QUando o falso Pastor pelos extensos
Mares levava Helena em Náos, que forão
No Ida fabricadas;
Em não grato silencio os Ventos prende
Nereo, que assim cantando lhe descobre
Seus implacaveis Fados.

Quantos malles com tigo hoje conduzes
A' casa Paternal! Armada a Grecia
Com guerreiras Falanges,
As tuas Nupcias desfará, e o antigo
Imperio de Priamo.

Quanto suor já cobre, e quanto inunda
Guerreiros, e Cavallos! Quanto estrago
Tu, Barbaro, conduzes
A' Geração de Dardano! Minerva
O Morrião já fexa.

A Egide embraça, os férvidos Ginetes
Raivosa ao carro ajunta; e tu soberbo
Co'a protecção de Venus,

Teus

Teus ondados cabellos enastrando,
Tanges a frouxa lyra.

Móles Cançoens entoarás, que podem
Ser agradaveis ás Troianas Môças:
Sobre teu brando leito
Debalde evitarás guerreiras lanças,
Duros farpoens Cretenses.

Debalde esquivarás veloz Aiáce,
E dos Guerreiros o clamor horrendo;
Até que torpemente
O adúltero cabello, ah tarde! vejas
Manchado de poeira.

Não ves já perto de Laerte o Filho,
Que á Patria te conduz o estrago, e a morte?
Não ves Nestor prudente?
O Salamino Teucro ás armas feito?
E Stenelo famoso?

Se he preciso guiar falcados coches,
Quem mais perito Auriga? Olha, conhece
A Merião soberbo,
E mais valente que Tideo, furioso
Diomedes te busca.

Mas tu, qual Cérvo tímido, que observa
No valle opposto o Lobo: deslembrado
Da relva humedecida,

Li-

Ligeiro fugirás, mal respirando
Na rápida carreira.

Não erão estas as promessas dadas
A' requestada Helena: e se demora
A colera de Achiles
O dia infausto das Matronas Frigias,
E a ruina de Troia;

Alguns Invernos passaráõ: de todo
O Grego Fogo em lastimosas cinzas
Ha de deixar desfeitos
Os doirados Palacios, que já forão
De Troia os ornamentos.

****

O D E XVI.

A Tindaris.

TU, Filha mais gentil, que a Mãi formosa,
Eia, esqueção-te os versos criminosos,
Partos do meu furor: lança-os no fogo;
Ou, se te apraz, os lança
Do Adriatico Mar nas bravas ondas.

Nem Pythio Nume, nem feroz Cibelle,
Nem Bacho os Sacerdotes mais accende
Em vivo Fogo; ou loucos Coribantes

Com

Com mais furor arrufão
Atroadores Timpanos sonoros:

Como da Raiva o ímpeto execrando,
A quem Noríca Espada rão suspende;
Nem revoltoso Mar, ou Fogo ardente;
Nem Jupiter irado,
Vibrando com tumulto accezos Raios.

De Prometheo se diz que ao já vivente
Mortal primeiro, que formou de Terra,
De muitos Animaes unira hum pouco,
Mettendo-lhe no peito
De hum Leão féro o coração raivoso.

Deo fim a raiva ao mísero Thiestes;
E em cinzas transformou vastas Cidades;
Sobre as ruinas de habatidos muros
Fez passar lizo Arado
Devastador Exercito insolente.

O teu furor, ó Tindaris, applaca;
Eu delle fui a victima igualmente:
Na minha Juventude incauta, e leve
O furor me dictava
Ligeiros Jambos contra ti vibrados.

Agora, ó bella Tindaris, procuro
Mudar em meigas expreçoens os duros
Opprobrios, que detesto: assim tu voltes,

Qual dantes me escutavas,
A ouvir amante, e sustentar-me a vida.

ODE XVII.

A mesma.

O Veloz Fauno muitas vezes troca
O Lyceo verdejante
Do meu Lucretil pelo campo ameno,
E nelle meus Rebanhos
Defende cuidadoso
Do quente Estio, dos chuvosos Ventos.

'As petulantes Cabras, sem receio,
Pelos quietos Bosques
Do recatado arbusto as folhas comem;
E os cheirosos Tomilhos;
Alegres, e seguras,
Nem de enroscadas Sérpes se receáo.

Nem Lobos Marciaes a garra empolgáo
Nos tenros Cordeirinhos:
Quando nos Montes, Tindaris, ressoáo,
Ou nos profundos Valles,
E nas quebradas Róchas
Da Frauta Pastoril doces assentos.

A minha Piedade apraz aos Numes,
Os Numes me protegem;
Dos meus cadentes versos se enamorão:
Opulenta Abundancia
Ha de, ó Tindaris, dar-te
Aqui do campo os bens com larga copia.

Aqui n'hum Valle retirado podes,
A' sombra recostada,
Esquivar-te ao furor de Sirio ardente:
Do terno Anacreonte
Podes cantar co'a lyra
Da saudosa Penélope os tormentos:

Ou Circe amante do prudente Grego,
Que, de amor inflammada,
Geme, suspira em vão, e ao Mar se queixa:
E podes do innocente
Almo Licôr de Lesbos
A' sombra despejar doiradas Taças.

C'o Filho de Seméle não mistura
Aqui furioso Marte
Seus cruentos estragos. Nem tu deves
Aqui temer que Ciro
Zeloso te maltrate,
E as insolentes mãos te lance ao Cólo.

Que mais violento, e forte te espedace
Nos doirados cabellos
A Grinalda gentil, que os cérca, e prende:

Que

Que te rasgue, iracundo,
O vestido innocente,
» Bello ornamento de teu corpo airoso.

ODE XVIII.

A Quintilio Varo.

PRimeiro, ó Vario, que a sagrada Cepa
Não disponhas outra arvore, nem planta
No viçoso Terreno,
Que em Tivoli possues, e em torno á antiga
Muralha de Catillo.

Mil pezares Tionêo permitte aos sóbrios,
Que humedecer não querem seccas fauces
Com seu Licor fagueiro:
Nem d'outra arte do peito se desterrão
Os mordazes cuidados.

Quem, depois de beber, maldiz a Guerra,
Ou sente o pezo da fatal Pobreza?
Quem deixa de seguir-te,
O' Padre Bacho, ó Graciosa Venus
Entre as festivas Taças!

Mas não excedas, parco, as justas métas
Nas dadivas de Bromio; o exemplo brada
Dos Lapitas ferozes

Em

Em sanguinaria Lide c'os Centauros
Depois de exausto o Vinho.

E que liçoens não dão Scitonios Póvos
A quem Bromio castiga, quando accezos
Em Bachicos furores,
Co'a perturbada Mente não distinguem
O Crime da Virtude?

O' Bassareo sincero, não receies
Que eu te provoque invicto, e que indiscreto,
Revele teus mysterios,
Que os verdes, densos Pampanos encobrem,
Ignotos aos Profanos.

Sésse o Tambor, a Berecinthia Frauta,
A quem cégo Amor proprio, e Gloria insana
Vão seguindo de perto,
Co'a vitrea Fé, que estólida publíca
Confiados arcanos.

ODE XIX.

A Glicera.

DE Amor a Mãi tyranna,
E o Filho de Seméle,
O ocio, a liberdade hoje me obrigão

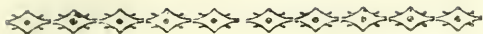
A submetter o Cólo ao Laço, ao Jugo
Do brando Amor, que abandonado havia:

De Glicera o semblante
Mais puro, e refulgente,
Que de Paros o marmore, me abraza:
O seu desdem me inflamma, e aquelles olhos,
Onde doces prizoens só vejo, encontro.

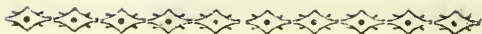
De todo no meu peito
Se entranha a Cypria Deosa,
E deixa o Templo, e vem, não me consente
Que eu já nos versos meus dos Scitas cante,
Ou féros Parthos, que fugindo atacão.

Não quer celébre a Gloria
De seu Imperio alheia.
Trazei vivos Torroens, Mancebos, ponde
Verbena em torno delles, e aureas Taças
Enchei de antigo, de espumante Vinho.

Talvez que meiga, e branda,
A Bella, que eu adoro,
Depois do grato Sacrificio, venha:
» E já não dura, meus suspiros oiça,
» E escute o Voto, as Victimas acceite. »

ODE

ODE XX.

A Mecenas.

TErás, caro Mecenas;
Não licor d'alto preço em vitreas Taças;
Mas do humilde Sabino,
Que eu guardo em Gregas Urnas arrolhado
Desde o festivo dia,
Em que do Patrio Tibre ambas as margens,
E o Vaticano Monte
De teu louvor os écos repetírão,
Quando o Romano Povo
No grande Circo te applaudio contente.
Tu podes com grandeza
Beber do Vinho Cécubo, ou d'aquelle,
Que no Lágar Calleno
Ha muito se expremeo; pois não se arrazão
Os meus humildes Cópos
De Falérno c'os rúbidos Licores,
Ou Nectar Formiano.

ODE XXI.

Elogio de Apólo, e Diana.

DAi louvor, Castas Virgens, a Diana,
Vós, Môços, celebrai o intonso Apólo,
E a Gráo Latona, que o Supremo Jove
Tanto do peito amára.

Cantai a Deosa, que se apraz dos Rios,
Das verdes Balsas, dos cerrados Bosques,
Que o frio Algîdo cobrem, o Erimanto,
E a viceјante Licia.

Dai louvores iguaes á fresca Tempe,
Mancebos, celebrai de Apólo o berço,
Dellos, Patria do Nume insigne, e grande
Nas Sétas, e na Lyra.

Com vossas préces commovido o Nume,
Apartará do Povo de Quirino,
E de Cezar tambem, da Patria Esteio,
Os terriveis Flagellos.

Levará contra os Persas, e Britanos
A lagrimosa Guerra, a Fome horrenda,
E a Pestilencia, que conduz ao Mundo
A Morte intempestiva.

ODE

* * * * * * * * * * * * * *

ODE XXII.

A Fusco.

O Constante Varão de intacta vida,
E que a maldade, e vicio ignóra, ó Fusco,
Jámais carece de Africanas Lanças,
Ou de Arco retorcido,
Ou de prenhe Carcáz de ervadas Sétas.

Corra atravéz das Syrtes estuosas,
Ou o inóspito Caucaso trasmonte,
Ou já devasse as Regioens, que inunda
O fabuloso Hidaspe:
Marcha seguro, da Virtude armado.

Ha pouco hum Lobo nos Sabinos Bosques,
Em quanto descantava a formosura
De Laláge em meus Versos, livre, e sôlto
De túrbidos cuidados,
Prestes fugio de mim, que inerme estava.

A bellicosa Daunia igual protento
Em seus Bosques não cria, e nunca, eu fico,
Pelos desertos áridos de Juba,
Ás garras estendendo,
Rugio Leão mais féro, ou Sérpe horrenda.

Leva-me aos Campos perguiçosos, onde
Nem verde Planta, ou Arvore veceja,
Com brando vento estivo recreada,
E ás Regioens sombrias,
Que em névoa ingrato Jove involve, e abafa.

Leva-me ao Clima inospital, por onde
Fébo o Coche conduz, proximo á Terra:
Amando me acharás tranquillo, e lédo.
A Laláge formosa,
Ou ria, ou falle encantadora sempre.

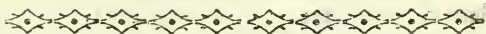
* * * * * * * * * * * * * *

O D E XXIII.

A Cloris.

FOges de mim, ó Cloris, mais ligeira,
Que a timorata Corsa,
Que busca a Mái nos solitarios montes,
Que até se assusta, e tréme,
Dos sussurrantes Ventos, e das Folhas.

Se o vão sôpro dos Zéfiros menêa
Os enramados Troncos,
E se a Cóbra sagaz, passando, move
As balsas enlaçadas,
Frio, prompto tremor lhe agita os membros.

Eu não corro apóz ti, qual Tigre horrendo,
Ou Leão de Getulia,
Que iroso te atassalhe: e pois he tempo
De dar a mão de Esposa,
Tímida, os passos maternaes não sigas.

O D E XXIV.

A Virgilio.

Pode o Pejo vedar o amargo chôro,
Devido á morte de hum Varão tão caro?
Sem fim dos olhos se debruce o Pranto.
Tu, Melpómene, entoa
Lugubres Cantos; pois te afina a Lyra,
E a voz te empresta o refulgente Apólo.

Somno eterno a Quintilio os olhos cérra?
Quando o Rubôr singello, a incorruptivel
Fé, da Justiça Irmã, quando a Verdade
Verão igual na Terra?
Para todos os bons morte sensivel,
» Foi lagrimosa de Quintilio a mórte.

Ah! tu, mais que ninguem, deves carpilo!
Mas teu amor, Virgilio, em vão supplíca
Quintilio aos Numes: nada alcançarias,
Inda que a doce Lyra

Do

Do brando Orfeo, que as arvores ouvião,
Para o chamar do Averno, ora empregasses.

Não voltará seu sangue á sombra nua,
Se Mercurio huma vez co'a horrivel vara
Lhe assignalou lugar: he surdo ás vozes,
E os Fados não se mudão.
He duro o golpe: mas á dôr, sem cura,
Dá brando lenitivo a Paciencia.

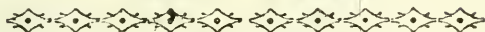
* * * * * * * * * * * * * *

ODE XXV.

A Lidia.

NÃo tão frequentes atrevidos Môços
Nas cerradas Janellas
Vão já pulsar, ó Lidia, e já não rompem
Teu prolongado Somno:
Fechada a Porta permanece, aquella
Porta, que n'outro tempo
Tão facil se moveo nos férreos gonzos:
E já de dia em dia
Menos escutas os chorosos écos:
= E dormes socegada
= Longas noites, em quanto o triste Amante
Por ti doido suspira?
Em breve chorarás, Lidia, os desprezos
De Amantes orgulhosos,

Lá

Lá n'hum Canto mettida em Noite escura,
Quando o Nordéste frio
Nos Interlunios se embravece, e bérra:
A devorante chamma
D' hum affecto brutal então raivosa
Te ferverá no peito,
Formando então de balde inuteis queixas.
A léda Mocidade
Só préza Héra viçosa, e escura Murta,
E lança seccas folhas
No Hébro arrebatado, amigo, e socio
Do desabrido Inverno.

ODE XXVI.

A E'llio Lamia.

ACceito ás Nove Irmãas; tristeza, e medo
Entregarei aos petulantes Ventos,
Que os vão submergir no mar de Créta;
Sem que me dê cuidado
Que Rei se tema do gellado Norte,
Quem Teridates sobressalte agora.

Tu, ó doce Pimplea, que te aprazes
Tanto das frescas, crystalinas fontes,
Téce de flores huma c'roa, téce,
Que ao meu prezado Lamia

(Pe-

(Pemio assáz merecido) a fronte exorne;
As honras, que lhe dou, sem ti não valem.

Prepara para Lamia hum novo Plectro,
De novas cordas encordoa a Lyra,
Mais sublimes Cançoens hoje medita
No Lesbico alaûde;
He de Lamia o louvor, de Lamia o nome
De ti, das Irmáas tuas digno emprego.

✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳

ODE XXVII.

Aos Amigos.

COmbater-se com Cópos, que nascêrão
Para gerar prazer: barbara usança
He só dos Traces. Esquecei-vos della,
E com sanguineas Lides
Não obrigueis a Bacho
A se despir da natural modestia.

Das tortas serpentinas, e das taças
Ah! quanto dista a Simitarra horrenda
Dos aguerridos Médos! Eia, Amigos,
Nos festivaes Banquetes
Moderai os clamores,
Sem grita á Meza recostai-vos sempre.

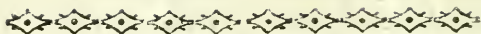
Que-

Quereis que eu prove do Falerno annoso!
Pois de Megalla Opuncia o Irmão me diga
De que suave, na morada frida
Elle morrer se sente,
E que inflammada séta
Lhe vare o terno coração no peito.

Não de outra sorte beberei comvosco,
Seja quem for a Formosura, seja,
Que te inflamme d'amor; ella não póde
Em vergonhosos laços
A vontade prender-te,
He sempre o teu amor, nobre, e puro.

Seguro, eia, confia a meus ouvidos
Amorosos segredos . . . . . Desgraçado,
Digno Mancebo de melhor emprego!
Em que céga Caribdis
Eu náufrago te vejo!
Que Feiticeira de Tezalia póde.

Que Mágico, ou que Deos póde arrancar-te
Das frias mãos do lívido veneno,
Que já te lavra nas profundas veias?
Pêgazo remontado
Apenas poderia
A' tri-fronte Quimera hoje arrancar-te.

ODE

ODE XXVIII.

A Archita Poeta de Tarento,

TU, que medias a extensão dos Mares,
E grandeza da Terra, e calculavas
A multidão sem numero de area,
O' Filosofo Archita,
Hum só punhado misero de terra
Nas praias de Matino hoje te prende.

Tu devias ser victima da morte;
De nada te servio tentar co'a Idéa
As cellestes mansoens, correr ligeiro
O radiante Olympo.
Tambem expirou Tantalo, que pôde
Sentar-se á Meza dos Supremos Numes:

E Titono morreo, que além dos ares
Pôde ser transportado, e tambem Minos,
De quem confiou Jupiter segredos,
Sentio da Morte a Foice:
O Tartaro a Pytagoras conserva,
Que inda mais de huma vez entrou no Abysmo.

Fmbora elle mosrrasse pelo Escudo,
Arrancado da abobada do Templo,

Que

Que nos tempos de Troia elle existíra;
Interprete famoso
Da Natureza, e da Verdade, apenas
Deixou á negra morte a péle, e os nervos.

Huma noite funesta espera a Todos:
Da Morte huma só vez se piza a estrada;
Huns, arrastrados das insanas Furias
A sanguinoso Marte
Vão servir de espectaculo medonho:
Expira o Nauta sôfrego nos Mares.

Dos Anciãos, dos Môços se misturão
Os mesmos Funeraes: nenhuma Vida
A' dura Lei de Prozerpina escapa:
A mim hum Sul raivoso,
Que acompanhava d'Orionte a Estrella,
Me submergio do Ilircio nas ondas.

Mas tu, ó Marinheiro, ah! não duvides
Alguma arêa derramar nos ôssos,
E na frente insepulta. Assim tu póssas
Escapar do naufragio,
Quando assoprarem denodados Euros,
E fizerem bramir da Hisperia as ondas.

Sómente os Bosques Venuzinos soffrão
A furia da Tormenta; e o premio digno
Então das mãos de Jupiter recebas,
Que os Justos remunéra:

Tam-

Tambem to póde conceder Neptuno,
Dos sacros muros de Tarento guarda.

Porém se hum crime commetter não témes,
Que a teus Netos talvez seja funesto,
Ah! praza aos Justos Ceos, que a dura pena
Da Lei, que tu desprezas,
Em ti venha a cahir: seja eu vingado,
Sem que valer as Victimas te possão.

Inda que o Vento te convide aos mares,
E queiras já partir; detem-te, espera,
Eu te seguro que a demora he breve:
Com piedade derrama
Tres vezes sobre mim mesquinha terra,
Deixa as praias então, no Mar te engólfa.

* * * * * * * * * * * * * *

ODE XXIX.

A Iccio.

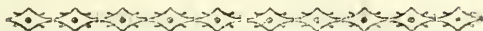
Desejo ardente, ó Iccio, hoje te inflamma
De possuir Arabicos thesouros,
E aos Monarchas Sabêos preparas Guerra,
Nunca jámais vencidos:

Tu já fórjas grilhoens ao Médo horrivel:
Ah! que Matrona barbara se apresta

A' servir-te de Escrava, quando em campo
Chorar o Esposo extincto?

Ou que Regio Mancebo delicado,
De fragrantes cabellos, e instruido
No manejo das Sétas, e dos Arcos,
Te ha de servir as Taças?

Quem depois disto negará que podem
Tornar atrás os Rios despenhados
De escarpadas montanhas, e que póde
Tornar o Tibre á fonte?

Se vir que trócas de Panecio os Livros
De alto preço, e de Sócrates a Escóla
Pelas Hiberias Malhas? Tu, que davas
Hum tempo outra Esperança.

ODE XXX.

A Venus.

O' Venus soberana,
Tu, que Paphos, e Gnido senhoreas,
Deixa a dilecta Chypre,
Corre ligeira a presidir no Templo,
Que a formosa Glicera te consagra.

Ve-

Venha tambem comtigo
O férvido Menino; as Graças nuas,
As Ninfas delicadas;
Venha Mercurio, venha a Mocidade,
Que he só amavel, quando vem comtigo.

* * * * * * * * * * * * * *

ODE XXXI.

A Apólo.

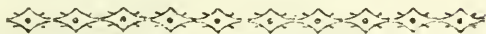
QUe póde o Vate supplicar a Apólo,
Quando enche a taça de espumante Vinho,
E liba em honra sua? ah! não lhe pede
As abundantes Mésses,
Que pelos campos de Sardenha ondeão:

Não os gratos Armentos, que se nutrem
Da abrazada Calabria nas campinas,
Nem oiro, nem marfim da Indiana Terra,
Nem os campos extensos,
Que o Liris réga co'as tranquillas agoas.

Embora expremão no Lagar Caleno
Rôxas uvas aquelles, que a Fortuna
Benigna bafejou. Mercador rico,
Que os Africanos Mares
Tantas vezes no anno impune sulca;

Be-

Beba em taças doiradas o exquesito
Licôr, que elle trocou por opulentas
Merces de Siria. A mim nenhum tormento
Me causa o sustentar-me
De azeitonas, chicoreas, frescas malvas.

O' Filho de Latona, eu só te peço
Me dês gozar com animo tranquillo,
Com saude robusta o que eu já tenho,
Sem velhice injucunda,
Entoando Canções na eburnea Lyra.

ODE XXXII.

A Lyra.

SE, de cuidados desprendido, ó Lyra,
A' sombra recostado,
Versos dignos de ti cantava outr'ora,
Humilde te supplico
Eterna duração dês a meu Canto:
Eia, ó Lyra, acompanha
Lyricos versos em Latino Idioma:
Modulou-te primeiro,
Raio da Guerra, o Cidadão de Lésbos,
Que ou no Mavorcio Campo,
Ou dando fundo ás Náos na fresca praia,
Cantava de contínuo

As Musas, e Liéo, e a Cypria Deosa
E o folgazão Menino,
Que ella não deixa separar do lado:
E Licas magestoso
De negros olhos, de cabellos negros.
O' de Apólo ornamento,
Prazer de Jove, harmoniosa Lyra,
De meus duros trabalhos
Em todo o tempo balsamo suave,
O' Lyra, eu te saûdo:
Invocada por mim, propicia acude
A meus férvidos votos.

* * * * * * * * * * * * * * * * * *

O D E XXXIII.

A Albio Tibullo.

Consternado Tibullo, ah! não lamentes,
Além dos termos, que a Razão prescreve,
Nos tristes sons de funebre Ellegia
Da inumana Glicéra
A esquivança, e rigor; se pôde, ingrata,
Antepor-te hum Rival mais bello, e môço.

Arde de amor a candida Licoris
Pelo voluvel Ciro: eis-que perdido
O vejo apóz de Filis, arrastrando
Desprezadas correntes,

E mais depréssa tímidos Cordeiros
Em doces laços viveráõ c'os Lobos,

Que ella do indigno Adultero compense
Os inuteis suspiros: assim julga,
Assim o determina a Cyprea Deosa;
Que se compraz mil vezes
De unir á férreo jugo almas diversas,
Diversos rostos; com maligno Brinco.

De mim só te direi, que amor mais nobre,
Mais delicado amor dentro em meu peito
Tinha firmado para sempre hum throno;
Com grilhão mais suave
Eis me prende Mirtale, inda mais dura,
Que o Mar, que bate de Calabria as praias.

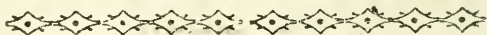
* * * * * * * * * * * * * *

O D E XXXIV.

A Si mesmo.

EM quanto insanas maximas seguia
De Epicuro brutal, dos Altos Numes
Os Altares Turicremos não forão
Frequentados por mim: hoje mareio
Por outra esteira as infunadas vélas,
E o Pólo, que deixára,
Começo a demandar. Jove supremo
Com crepitante raio as nuvens rasga:

Já pelos ares líquidos eu sinto
Rodar, correndo, o fulgurante Carro,
Oiço os rinchos dos férvidos cavallos;
A bruta maça da pezada Terra,
A funda Estige, os serpeantes Rios,
O Ténaro horroroso,
Os alicerces do ellevado Atlante,
De frio espanto, e de pavor já tremem.

A forte mão de Jupiter potente
Mil vezes, se lhe apráz, muda os Destinos,
E no lugar do túmido, e soberbo
Faz sentar o Pequeno, o Humilde, e Baixo;
Eclipsa a luz, e faz brilhar a sombra:
A estrondosa Fortuna
Do mais alto da Róda este derruba,
Ao mais alto da Róda elleva aquelle.

ODE XXXV.

A Fortuna.

O Deosa, que presides
No excelso Templo do aprasivel Ancio,
Que do mais baixo dos degráos só pódes
Levantar os Mortaes ao Throno, á Gloria,
E converter em lucto
Os mais soberbos, inclitos Triunfos.

Se os votos te dirije
O pobre, humilde Lavrador nos Campos;
O que, ousado, cortando o Mar Carpacio;
Em Britanico Lenho o vento afronta;
Te chama soberana
Das impoladas, inconstantes ondas:

Os Scytas vagabundos,
Os indomaveis, e ferozes Gétas,
O duro Lacio, os Reinos, as Cidades,
As proprias Mãis dos barbaros Monarchas,
Purpurados Tyrannos
Receião teu poder, temem teu Nume,

Para que não derrubes
Com baque injurioso a alta columna,
Que firme se levanta, e firme existe;
Para que o Povo revoltoso ás armas
Os Cidadãos não chame,
Quebrando o Jugo do severo Imperio.

Na marcha te precede
A indomavel, cruel Necessidade,
Nas mãos de bronze pendurados léva
Duros Prégos Trabaes, cunhas de ferro
De lado te acompanhão
Severa Escarpa, derretido chumbo.

Adora-te a Esperança,
E a Fé rara no Mundo, que se arrêa
De vestiduras candidas: não deixa

De seguir-te tambem, quando abandonas,
Já mudado o vestido,
Dos Potentados túmidos os Lares.

Mas o vulgo inconstante,
A Meretriz perjura as costas volta;
E, seccos os Tonéis, falsos Amigos
Apressados, e tímidos se escondem;
Dolosos, não se atrevem
Da vil Penuria a supportar o Jugo.

Guarda, protege Augusto,
Que voa a desfexar da Guerra os Raios
Contra os Britanos, ultimos no Mundo,
E dos Mancebos o Esquadrão guerreiro,
Temido no Oriente,
Nas rubras praias do Eritreo temido.

Derrama-se-me o Pejo
Sobre as humidas faces, se me lembro
Das mal-fexadas cicatrizes nossas,
De iras Fraternas, vergonhosos crimes,
Dos Cidadãos extinctos
Entre os furores da Civil Discordia.

Nós, ímpios Architétos
Da férrea Idade, que domina agora,
Em feios crimes nos manchâmos todos:
Nada intacto ficou. Temor dos Numes
Suspender nunca póde
As ímpias mãos dos revoltosos Môços.

As

Ás Sacrosantas Aras
Nem mesmo forão da Impiedade o freio.
Embebe, ó Deosa, nos ferozes peitos
Dos Massagétas, e Arabes impuros
Áquelle duro ferro,
Que, em nova Fórja temperado, brilhe.

* * * * * * * * * * * * * *

ODE XXXVI.

A Pomponio Numida.

HOje applacar destino a altos Numes
Com denso fumo de fragrante Incenso,
C'os doces sons da harmoniosa Lyra:
O quente sangue de feroz Novilho
Correrá nos Altares,
Já que das praias ultimas da Hespéria
Intacto, ó Deoses, Numida trouxestes.

Depois da dura ausencia, ó quão suaves
Em seus Amigos ósculos imprime!
Mas entre todos que ternura amostra
Ao dulcissimo Lamia, inda lembrado
Da aliança firmada
No estudo, e letras da primeira Idade,
Quando a Tóga viril juntos tomárão!

Seja notado tão formoso dia
Com branca pedra: sem repouso, e modo

As

As Taças espumíferas se emborquem:
Em danças festivaes hoje se excedão
De Marte os Sacerdotes:
Nem por Dámalis seja hoje vencido
Basso em vasar de hum sorvo os Tracios Cópos.

Não faltem Rosas nos Festins, não faltem
De Aipo as grinaldas, os Festoens de Lirios;
E a delicada Dámalis a todos
As meigas vistas, amorosas roube,
Sem que dos ternos braços
Do seu novo Amador seja arrancada,
Onde, qual Hera o tronco, o estreite, aperte.

* * * * * * * * * * * * * *

O D E XXXVII.

Aos Amigos.

PUlse-se a terra co'a liberta planta,
He este o dia, que vasar devemos
Os arrazados Cópos, e enfeitarmos
De opíparas viandas
As ricas Mezas dos Supremos Numes.

Era até agora hum crime das herdadas
Adégas paternaes tirar o antigo
Almo Licôr do Cécubo espumante,
Em quanto audaz Rainha
Ao Capitolio a morte apparelhava:

E contra as Aguias do Romano Imperio
Insana conspirava, entre os Eunucos,
De corruptos mortaes rebanho abjecto;
Para tudo atrevida,
Embriagada da fagueira Sorte.

Hum Lenho apenas, escapando aos damnos
Do incendio voracissimo, lhe extingue
As iras, e o furor: o invicto Cezar
Enche de espanto, e medo
De Egypcio vinho a perturbada Mente:

Corre apóz ella, que fendia os Mares,
Temendo as costas da fatal Hesperia;
Como segue o Falcão tímidas Pombas,
E o Caçador a Lebre
Nos largos Campos da nivosa Emonia.

Ao duro Cólo do soberbo Monstro
Hia lançar aspérrimas cadêas,
Ella, buscando com valor a morte,
Nem como o debil sexo
Teme a vista, o relampago da Espada:

Nem co' armada veloz, a ocultas praias
Fugindo, reparou bélicas perdas:
Vio arder, sem pavor, seus Regios Paços,
E as asperas Serpentes,
D'onde beba o veneno, escolhe, e aperta.

Co'a decidida morte inda he mais bravo
Seu nobre coração. Só teme a Roma
Ir nas ligeiras Náos, Rainha excelsa,
Ao soberbo Triunfo,
Como humilde mulher, dar pompa, e nome.

✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻

ODE XXXVIII.

Ao Creado.

DA Persia os apparatos aborreço,
Nem tão pouco me apráz flórea grinalda:
Ah! não te cances em buscar-me agora
As Rosas, que vem tarde.

A simples Murta basta, ella te adorne,
E esta Meza frugal; nada he mais proprio
De ti, Servo, e de mim, que bebo á sombra
Dos Pampanos frondosos.

LIVRO SEGUNDO.

ODE I.

A C. Asinio Pollião.

ARdua Empreza, e fatal! Das duras armas
Escreves, Pollião, das turbulentas,
E Civis Dissençoens, quando Metéllo
Nas mãos as Faxas Consulares tinha,
Da Fortuna os Caprixos,
Dos Reis as cavilosas Alianças,
Dos buidos Punhaes inda manchados
De sangue não vingado: ah! tu caminhas
Sobre fogo de cinzas mal coberto!

Da severa Tragedia a Musa hum pouco
Da Scena se retire, em quanto a Roma
A pública harmonia, dás, e firmas;
E calsarás depois no grande assumpto
O Cothurno de Athenas,
O' tu da Curia Oraculo sublime,
Dos assustados Réos Patrono, e Escudo,
Cuja fronte o Dalmatico Triunfo
Ornou de eternos, de viçosos Loiros.

Já c'o duro fragôr da Marcia Tuba
Féres o attento ouvido, e já ressoão
Agudos écos do Clarim sonóro;
C'o lampejar das fulgurantes armas
Os cavallos se assustão,
E perde a côr o Cavalleiro ouzado:
Já vejo os Capitães, de pó cobertos;
Tudo ficou vencido, e só não fica
Do inflexivel Catão o peito invicto.

Juno, ou quem quer dos Numes, que defende
Os Africanos tórridos, já deixa
A não vingada Terra, promettendo
Dos Vencedores a futura Prole
Aos Manes de Jugurta.
Que pingue Terra c'o Latino sangue,
Coberta de Sepulchros, não declara
As ímpias Lides, e da Hesperia o baque,
Que além das margens se escutou do Eufrates?

Que Golfão tão remoto, ou praia extrema
Da Guerra os tristes écos não repetem?
Que Mar não muda a côr c'o Lacio sangue?
Que Região, que Clima intacto existe
Deste sangue Romano?
Pára, atrevida Musa, tu deixáste
Os risos folgasoens; ah! não me inspires
As Nénias de Simonides: entoa
Na Gruta de Dione hum som mais brando.

ODE

ODE II.

A Sallustio Crispo.

O Sallustio, inimigo de Thesoiros,
Que debaixo da Terra
O insasiavel Avarento esconde,
Só brilha o metal loiro,
Quando discreta máo o emprega, e gasta.
Viverá Proculeio,
Assoberbando a Idade, e a Fama eterna
Nas refulgentes azas
Além dos E'vos levará seu nome:
He este o premio digno
Da afeição paternal, com que soccorre
Os Irmáos habatidos.
Vence a cobiça, reinarás seguro
Em mais extenso Imperio,
Que huma, e outra Carthago te formárão,
E se acaso juntasses
A Libia ardente co'a remota Hespanha,
Cruel contra si mesmo,
Seu mal, bebendo, o Hidropico accrescenta,
Se das veias não tira
Fatal veneno, se do corpo inerte
A languidez não foge,
Ardua Virtude, que aborrece o Vulgo,
Arranca diligente

Dos

Dos ditosos ao numero Faártes,
Ao Throno levantado,
Ao Throno augusto, que occupára Ciro;
E ao rude povo ensina
Mais sublime lingoagem, quando entrega
O seguro Diadema,
O merecido Loiro, o Imperio, o Sceptro
A'quelle só, que póde
Olhar com fixos, imudaveis olhos
Os montoens das Riquezas.

* * * * * * * * * * * * * *

O D E III.

A Délio.

O' Délio, que inda hum dia á Parca dura
Has de o feudo pagar, guarda seguro
Huma alma igual na prospera Fortuna,
Entre os golpes da Sorte.

Ou vivas sempre da Tristeza em braços,
Ou ja nos dias festivaes te encostes
Sobre a miuda relva, onde te alegres
C'o Balsamo Falerno:

Onde ingente Pinheiro, e o branco Chôpo
Com a rama enlaçada a sombra offrecem,
E donde as margens fugitivo lambe
O trémulo Ribeiro.

Neste Alvergue ditoso ajunta o Vinho,
Os suaves Perfumes, frágeis Rosas,
Em quanto o soffre a Idade, os bens, e a Parca
Não corta os negros fios.

Hum dia deixarás Bosques viçosos,
A Casa, os Campos, que humedece o Tibre,
E hão de vir a gozar riquezas tantas
Teus sôfregos Herdeiros.

Ou tu procedas de Hinaco opulento,
Ou nascesses Plebeo, de que aproveita,
Se inda has de vir a ser victima hum tempo
Do inexoravel Pluto?

A' mesma méta caminhâmos todos:
Vivem cerradas dos Mortaes as Sortes
Nas fataes Urnas do Destino, vivem
De todos ignoradas.

Sobre nós foi lançada: ou cedo, ou tarde
Se ha de extrahir em fim; e entrar devemos
Na fatal Barca, que nos leve hum dia
Para eterno Degredo.

ODE

* * * * * * * * * * * * * *

ODE IV.

A Xantio Fócio.

NÃo te envergonhes, amoroso Xantio,
Das pezadas cadeias, que ao teu cólo
Lança humilde creada:
De Briseida rende o niveo rosto
Achiles denodado,
Que dos grilhões d'Amor zombava ufano.

O féro coração de Aiace duro,
C'o doce aspeito da gentil captiva
Sentio de amor os golpes:
E o grão Filho de Atreo, entre seus loiros,
Da roubada Donzella
Sentio a escravidão, e ardeo no fogo:

Quando as Falanges barbaras rompêra
Achiles vencedor, quando aos Troianos
Heitor arrebatado
Aos Esquadroens Argolicos cançados
Deixava mal seguros
Os Baluartes da fadada Troia.

Ah! tu não sabes, se da loira Filis
Os Pais afortunados quererião
Honrar-te c'o subido

Brazão de Genro seu. Ella por certo
Prantea o illustre sangue,
E os Penates crueis, que á assim ultrajão.

Nem te lembras que vem de Plebe abjecta
Essa Escrava gentil, que amante adoras;
Que tão candido peito,
Huma alma tão fiel tão generosa
Não veio á luz do dia
De Pais humildes, de pudenda Stirpe.

Louvo seu rosto, o magestoso talhe,
O niveo seio, os braços torneados:
He meu louvor sincero;
Ah! não te assalte do Ciume a Furia;
Que sobre a frente minha
Já vem o oitavo lustro as cans lançando.

* * * * * * * * * * * * * *

ODE V.

A Lalage.

INda não póde a simplice Novilha
Suster no cólo delicado o jugo,
Nem do Toiro robusto
Inda póde acceitar o afago, a chamma.

Inda lhe apráz sómente o Campo extenso,
E as vitreas agoas, donde foge a Calma;
Brincando entre os Salgueiros;
Só busca os seus iguaes, tenros Novilhos.

Deixa o desejo prematuro, deixa
Inda dos verdes, amargosos cachos;
Eis o Outono já voa,
Que a flava côr em purpura converte.

Então te seguirá; que a leve Idade
Rápida foge, e os annos lhe accrescenta,
Que da existencia tua
Inexoravel, apressada córta!

Já, rompendo as barreiras do rebuço,
Esposo ha de buscar audaz Lalage,
Para amor desejada,
Mais do que Cloris, que a fugáz Folóe.

De seu cólo, e seu rosto a téz mimosa
Mais alva ha de brilhar, que a argentea Lua
Brilha em noite serena
Pelo crystal dos mares transparentes.

Inda mais bella, que o formoso Gyges,
Que entre as Möças gentis engana os olhos,
Que o sexo não distingue
No rosto ambiguo, nos cabellos soltos.

ODE

* * * * * * * * * * * * * * * * *

ODE VI.

A Septimio.

TU, que os paizes da remota Cadiz
Foras, Septimio, viajar comigo,
E o Cantabro indomado,
Que o jugo não sentio das armas nossas,
E as inospitas Sirtes
Lá d'onde as ondas Mauritanas fremem.

Ah! praza aos Ceos, que da velhice minha
Na Argolica Tivóli os dias passe;
Que ella seja a guarida,
Onde descance o corpo trabalhado
Das fadigas dos Mares;
Das longas marchas, das sanguineas Guerras.

Mas se a Parca inimiga este repouso
Tão doce me negar; irei contente
A's margens do Galézo,
Onde encerada pélle os vélos cobre
Das simplices ovelhas;
E aos férteis campos, que regeo Falanto.

Este recanto de aprazivel Terra,
Entre todas, me apráz, onde as Abelhas
Os Nectares destilão,

Que igualão, vencem Nectares de Himeto;
E a verdejante Oliva
Disputa á de Vanáfro o preço, e o gosto.

Aqui duravel Primavera existe,
E manda Jove tépidos Invernos;
E o levantado Aolonio
De verdejantes Pampanos se arrêa,
E os almos dons de Bromio.
Em nada inveja aos de Falerno sentem.

Chama por nós a Terra afortunada,
E os seus oiteiros apraziveis chamão:
Aqui derramar deves
Com saudade lagrimas sinceras,
Sobre as tépidas cinzas
Do Vate amigo, que verás extincto.

****

ODE VII.

A Pompeo Varo.

DEsejado Pompeo, tu que entre todos,
Que vestírão comigo as férreas armas,
Viste sempre comigo á morte o rosto,
Mandando Bruto as Legioens Romanas;
Que propicio Destino
Te conduz outra vez á Italia, a Roma?

Quan-

Quantos passámos saborosos dias
C'os dons de Bromio em extase suave;
Afugentando os túrbidos cuidados?
De verdes c'roas circundando a frente,
E os lustrosos cabellos
C'os perfumes balsamicos da Siria?

Eu vi comtigo os Campos de Filipo;
Fugi comtigo ao vencedor ovante,
Arremessando com desdoiro o Escudo;
Quando, perdida a natural coragem,
Os Esquadroens vencidos
Mordêrão torpemente o infausto Campo.

Porém Cilenio, prompto revoando,
Pelos líquidos ares me levava,
Das triunfantes Legioens á vista:
A ti as ondas túmidas no seio
De novo te levárão
A' tempestade da sanguinea Guerra.

Eia, teus votos satisfaze a Jove,
E o fatigado corpo em guerras tantas
Vem repousar ás agradaveis sombras,
Que os verdes Loiros meus em torno espalhão;
Nem poupes a torrente
De almo Licôr, que preparado tenho.

Quem me destapa os arrolhados Botes
Do Mássico, que extingue, a dor, e as mágoas?
Quem me derrama os Balsamos suaves?

Quem d'Aipo, e Murta me enterlaça as C'roas?
Quem do alegre Banquete
Venus Arbitro escolhe, e quem do Vinho?

Não devo enfurecer neste almo dia,
Inda mais do que as Ménadas, e os Traces?
He doce o meu furor: cumpre que eu beba
Em largas ondas o espumante Bromio,
Se a bemfazeja Sorte
Traz a meus braços o perdido Amigo.

****

O D E VIII.

A Julia Barina.

OS juramentos teus acreditára,
Barina enganadora,
Se alguma vez a pena
De teus perjúrios sobre ti cahíra;
Se teus eburneos dentes se manchárão,
E as brancas unhas o esplendor perdessem.

Mas quando o Ceo conjuras, quando fórmas
Imprecaçoens horrendas,
Então pérfida brilhas
Com maior atractivo, e mais belleza,
E fórmas mais prizoens, e hes digno objecto
Do violento amor de incautos Môços.

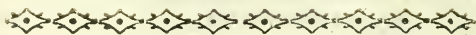
In-

Inda que as cinzas Maternaes enganes,
E da calada Noite
Os vivos Luminares,
Os luminosos Ceos, e os Astros todos,
E jures pelos Numes, que no Olympo
Da fria morte a força, não receião.

Sorrio-se Venus do attentado; rirão
As simplices Napeas;
Rio-se o feróz Cupido,
Que, na cruenta pedra de continuo
Assacalando as inflammadas sétas
No coração, indómito, as embebe.

Mais se accrescenta, quanto mais perjura
De teus adoradores
O numero infinito:
Recresce a escravidão; e os que primeiro
Protestárão, cruel, quebrar teus ferros,
Beijão de novo as rispidas cadêas.

Temem-te as Mãis, receião que lhe encantes
Os Filhos amorosos,
E os Velhos avarentos
Te receião tambem, e teme a Esposa
Que hum só suspiro teu lhe prenda o Esposo,
Que á pouco unio com ella o laço eterno.

ODE

ODE IX.

A Valgio.

NEm sempre a chuva das opacas Nuvens
Sobre as campinas cae, que o frio aperta:
Nem sempre as ondas do Mar Caspio assoitáõ
Horrisonas Procellas.

Nem sempre o inerte gêllo adstringe, aperta
As montanhas da Armenia, ó Valgio amigo:
Nem sobre o Gargano os Carvalhos, Freixos
Assoita o sôlto vento.

Mas tu te queixas sem cessar da morte,
Que o bello Mistis te arrancou dos braços;
Em teu amor o Véspero te observa,
E a matutina Estrella.

O Velho, a quem o Ceo deo tres Idades,
Não chorou sempre Antiloco, nem sempre
As afflictas Irmãas c'os Pais cançados
Por Troilo chorárão.

A's queixas feminis põem termo hum dia:
E antes a Lyra se consagre ao Grande,
Invencivel Augusto, que amontoa
Seus Troféos memorandos.

He

He já vencido o rígido Nifates,
E o grande Rio, que enobrece a Média,
A's barbaras Naçoens agrilhoadas
Se accrescenta de novo;

De assombro as ondas túmidas abate:
E os Gelloens indomaveis já não passão
Nos férvidos Ginetes as balizas,
Que o Vencedor lhes dera.

* * * * * * * * * * * * * *

O D E X.

A Licinio.

TErás, Licinio, vida mais segura,
Se do alto Mar nas ondas espumantes
Nem sempre te engolfares; se nem sempre,
Temendo a Tempestade,
Apertares c'o bórdo a iniqua praia.

Quem amar a feliz mediocridade,
Tranquillo ha de viver, e a humilde casa
Sem grandes móveis vê; mas vê contente,
Que o Varão comedido
Não quer habitação digna de Inveja.

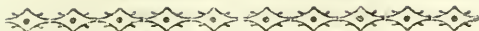
He quasi sempre o levantado Pinho
Dos ventos mais batido, e as altas Torres

Dão

Dáo mór baque, cahindo; e o Raio accezo,
Quando as nuvens divide,
Busca primeiro os Montes empinados.

Hum bem formado coração confia
No meio das Desgraças: quando a Sorte
Lhe mostra meigo, e serenado o rosto,
Com prudencia receia
Do lédo estado a súbita mudança.

Hum mesmo Jove traz, e acaba o triste,
O desabrido Inverno: se he contrario
O Tempo, que passou, hoje he propicio:
E a Lyra, que foi muda,
Ao canto agora as Musas desafia.

Nem sempre o Arco atéza o loiro Apólo,
Tu vive igual em ambas as Fortunas:
E se hum propicio vento enfuna as véllas,
Tu, sabio não entregues
O panno todo ao sôpro lisongeiro.

ODE XI.

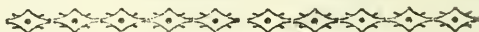
A Q. Herpino.

Do belicoso Cantabro não queiras
Os designios saber, Herpino, e menos
A indagar te afadigues
O que projecta o Scyta, a quem da Hisperia
O Adriatico devide, e nem receies
Que honestos meios de viver te faltem;
Com muito pouco se contenta a vida.

Fóge ligeira a léve Mocidade,
Eclipsa-se a Belleza, e de repente
A Velhice enrugada
Os folgazoens amores afugenta,
E até dos olhos fóge o doce somno:
He momentanea a duração das Flores,
Muda sempre de aspeito a argentea Lua.

O Espirito apoucado ah! não fatigues
Para os Numes sondar! Antes á sombra
De hum Platano frondoso,
Ou de erguido Pinheiro recostados,
Lédos bebamos: de purpureas rozas
A encanecida frente coroando,
Nella se entorne o Balsamo d'Assiria.

Bromio dessipa os túrbidos cuidados,
Ah! que déstro Mancebo nos arraza
Do espumante Falérno
As Taças, que primeiro arrefecêra
Nas torrentes das agoas fugitivas?
Quem Lidia nos trará? Lidia que a custo,
Sempre abandona o retirado Alvergue?

Venha a engraçada Lidia, e pressurosa
Comsigo traga a marchetada Lyra;
Eia, ó Môço, lhe intíma:
Venha de aspécto, e de vestidos, simples;
He mais bella, e gentil quando enterlaça,
Qual Espartana Môça, as aureas tranças
Em modestos Listoens, sem artificio.

ODE XII.

A Mecenas.

NÃo queiras, ó Mecenas, que eu decante,
Ao som da branda, harmoniosa Lyra,
As guerras longas da feróz Numancia,
Nem o duro Anibal, nem de Sicilia
Os espumantes Mares,
A quem sangue Africano purpurea.

Nem

Nem Lapitas cruéis, e Hiléo biforme,
C'os dons de Bromio furioso, e bravo;
Nem a Titania Stirpe destroçada
Pela possante máo do forte Alcides,
Cuja Stirpe orgulhosa
As bases fez tremer do etéreo Olympo.

Nos Historicos Fastos, ó Mecenas,
Melhor dirás de Augusto o Nome, e a Gloria,
Os immortaes Triunfos, e os domados,
E já vencidos Reis ao carro prezos,
C'os alterosos Cólos
Inda em cadèas, ameaçando a Roma.

A branda Musa, que me affina a Lyra,
Só me inspira Cançoens, com que celébr[e]
Da tua Amada, de Licimnia os olhos,
Que doces luzes vividas derramáo,
E o terno, e firme peito,
Que com amor igual te corresponde.

Ella jámais sem garbo o Corpo airoso
Fez ver na Dança férvida; e sem graça
Jámais se ouvio soltar da boca as frazes:
Com que attractivos cruza eburneos braços
Co'as nitidas Donzellas
No dia festival, sacro a Diana!

Ah! náo trocáras seu cabello ondado
Pelos thesouros da opulenta Persia,
Pelas Frígias Riquezas, e por quanto

Os belicosos Arabes encerrão;
Quando ella a nívea face
Présta a teus beijos sôfregos, e ardentes:

Ou quando, armada de Desdens, recusa,
Com simulada tyrannia, afagos,
Que, mais que o amante sôfrega, os deseja:
Ou quando ella primeiro os arrebata
Ao suspirado amante,
Que o coração lhe prende, e lhe avassalla.

* * * * * * * * * * * * * *

ODE XIII.

A huma Arvore.

Em negro dia, ó Árvore funesta,
Por sacrilega mão foste plantada,
Para damno, e ruina
Dos tardos nétos em remota Idade,
E para opprobrio da viçoça Aldea.

Creio que hum Impio, ó Tronco desgraçado,
Fôra o teu Plantador, Impio, que a morte
Dera aos Pais innocentes;
Que á noite os lares maculou c'o sangue
(Deshumana Traição!) de Hospede incauto.

Co'as

Co'as sanguinarias mãos tinha mil vezes
Os Venenos de Colcos misturado,
Quem plantou no meu Campo
Arvore tão fatal, que ao proprio dono
Injusta morte lhe ameaçou na quéda.

Nas carregadas sombras do futuro
O mal, que fugir deve, o mal, que vôa,
Nunca o mortal penetra:
Nauta Africano o Bósforo receia;
Do negro Fado em nada mais se teme.

Do Parto a simulada fuga, as sétas
Do Romano Soldado o peito aterrão;
E as cadêas de Roma,
O Italico Poder, a força invicta
Enchem do Parto o coração de susto.

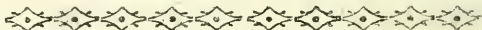
Mas a Morte impervista a todos rouba,
E sempre ha de roubar! Quão perto estive
De ver de Porserpina
O negro Imperio, o Julgador Eáco,
E o doce Elysio, habitação do Justo!

Já quasi via a namorada Sapho
Queixar-se ao som do Lésbico Alaûde
Das Patricias Donzellas:
E o forte Alceo, cantando em aurea Lyra,
Os trabalhos do Mar, da Guerra os transes.

Os

Os assombrados Manes lhe escutavão
As sublimes Cançoens, dignas de ouvir-se
Com sagrado silencio;
Mas a Vulgo das Sombras se amontoa
Por lhe escutar a Guerra, e os Reis vencidos.

E devo-me assombrar! se a mesma Féra
De cem cabeças, por ouvir-lhe os versos,
Applica o negro ouvido:
Na frente das Eumenides as cóbras
Se recreião co'a harmonica Toada!

O triste Prometheo, Tantalo afflicto
Sentem repouso no cruel suplicio
Co'a doce melodia:
Nem o armado Orion dispara as sétas
Contra os féros Leoens, timidos Linces.

O D E XIV.

A Posthumo.

FOgem os annos, Posthumo, apressados;
Religiosa Piedade em vão procura
Deter os passos da Velhice, e Morte;
Não lhe suspende os golpes.

In-

Inda que intentes applacar com sangue
De triplice Hecatambe, os dias todos,
O inflexivel Plutão; surdo a teus votos,
As Parcas não suspende.

O Triplicado Gerião, e a Ticio
Nas tristes ondas prende: á Terra quantos
Devem sustento seu, ou Reis, ou Povo,
Tem de passar a Estige.

Em vão se evita a Guerra, em vão fugimos
Do Adriatico Mar ás ondas roucas;
Debalde temos medo ao Sul no Outono,
Que os córpos nos ataque.

Do sinuoso Cocito, e negro as ondas
Perguiçosas, e a vil Prole de Dánao,
E do Eolio Sizifo a pena eterna,
Verá todo o vivente.

Deve deixar-se a Terra, a Casa, a Esposa,
E das, que amaste em vida arvores tantas
Nenhuma seguirá rápido Dono,
Mais que o odiado Cipreste.

Então consumirá pródigo Herdeiro
Prenhes Toneis do Cécubo espumante,
Que ora, tão resguardado, e cauteloso,
A cem chaves ferrólha.

Com

Com profusão no rico pavimento
O Vinho entornará, mais generoso,
Que o Falerno Licôr, que espuma, e corre
Nas Pontificias Mezas.

* * * * * * * * * * * * * *

ODE XV.

Aô Luxo do seu Seculo:

OS Palacios Reaes já deixão poucas
Geiras de Terra ao Lavrador cançado;
E já se formão mais extensos tanques,
Que o Lago de Lucrino.

Os solitarios Platanos frondosos
Já crescem nos Terrenos, onde os Chôpos
N'outro tempo co'as vides pampinosas
Aos ares se ellevavão.

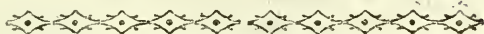
A pálida Violeta, a fresca Murta,
O Imperio todo das cheirosas Flores
Brotão donde crescia a proveitosa,
Pacifica Oliveira.

Os immortaes Loireiros enlaçados
Formão á calma escudo impenetravel:
Luxo, que proscreveo Catão, Quirino,
E d'outros mil o exemplo.

Dòs

Dos Cidadáos a Renda era acanhada,
Era o Estado opulento, e ninguem tinha
Os espaçosos Porticos, patentes
A's viraçoens do Norte.

Então as justas Leis não consentião,
Que os Cidadãos frugaes se envergonhassem
Do assento humilde, que lhes dava a Terra
Na vicejante rélva.

Queria a Lei que a Pública Riqueza
Opulentas Cidades levantasse,
E aos Altos Deoses erigisse os Templos
De marmores lustrosos.

O D E XVI.

A Grósfo.

COmbatido das ondas precellosas
Do mar Egeo, o Nauta amedrontado,
Descanço pede aos Deoses, quando às Nuvens
O rosto encobrem da serena Lua,
Quando a Pollar Estrella
Ao Marinheiro pálido não brilha.

Entre os horrores da sanguinea Guerra,
A furiosa Tracia aos Numes pede
O socego tambem, e o Persa armado

De burnido Carcáz; que se não mérca
O invejado repouso
A preço d'oiro, Purpura, e Diamantes.

Não tem poder os fúlgidos thesoiros,
Ou Lictores, que os Consules precedem,
De afugentar de hum peito atribulado
Os túrbidos cuidados, que á porfia
Amontoados vôão
Em tôrno até dos aureos Alizares.

Vive com pouco satisfeito ó Sabio,
A quem parca Baixéla, mas herdada
Brilha na frugal Meza; e nem lhe tira
Na fria noite o lisongeiro somno
O temôr descorado,
Ou vil cubiça nunca farta de oiro.

E se he tão breve a robustez da Idade,
Para que são projectos orgulhosos,
Deixando a Patria, procurando ao longe
Remotos Climas, que outro Sol aquenta?
Ninguem foge a si mesmo,
Inda que fuja do Natal Terreno:

Entra com elle o roedôr cuidado
Dentro das Nãos pejadas de Riquezas:
Nem deixa de ir apóz do cavalleiro,
Mais velóz, do que o Gamo timorato,
Mais que as azas dos Euros,
Quando derramão túrbidos chuveiros.

Quem sabe ser feliz co'hum Bem presente
Não cura o que o Futuro encerra, e guarda:
Sabe adoçar c'hum riso as amarguras,
Inda mais tristes que a implacavel Morte:
Nenhum Mortal existe,
Que afortunado sempre, e em tudo o seja.

Roubou a morte intempestiva Achilles:
Foi minando Titon longa Velhice,
Talvez que o Tempo avaro me conceda
Aquelles mesmos bens, que a Ti negára,
Inda que cem rebanhos
Vejas pastar nos Campos de Secilia:

Inda que visses rinchar, em tôrno, o altivo
Feróz Ginete, que apetece a Guerra,
E idoneo ao jugo da fugáz Carróça:
Inda que as Láns, em Purpura Africana
Vezes duas tingidas,
Fulgurantes vestidos te preparem.

A Parca, que não mente, a mim me otorga
Pouco, mas fertil, rustico Terreno:
Da Grega Musa o delicado Estillo:
Hum coração, que a desprezar se atreve
De hum inconstante Vulgo
As decisoens malignas, e os Caprichos.

* * * * * * * * * * * * * *

ODE XVII.

A Mecenas.

MEcenas, meu amparo, e gloria minha,
Para que me atormentas
Com tuas longas, repetidas queixas!
Aos Deoses não apraz, nem cumpre a Horacio
Que tu sintas primeiro a Lei da Morte.

Se a Foice inexoravel te cortasse
A Ti, que hes da minha alma
A metade melhor, eu não quizera
Mais a Vida reter, já não tão cara;
Nem já sobrevivendo inteiro, e o mesmo.

Ambos nos fechará hum mesmo dia
Na triste sepultura.
Não to prometto em vão: juntos iremos:
Se me precédes tu, seguir-te-hei prompto,
Companheiro fiel no passo extremo.

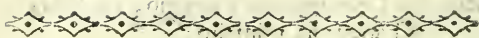
Nem do teu lado separar-me póde
A ignivôma Quimera;
Inda que surja o centímano Gias,
De ti me arrancará: he Lei suprema
De Justiça immortal; mandão no as Parcas.

Vissem dos Ceos embora Escorpio, ou Libra
O meu dia primeiro;
Ou fosse Capricornio, que preside
Da Hespéria ao mar, despotico tyranno:
São sempre iguaes a tua, a minha Estrella.

A protecção de Jupiter potente
Te salvou compassiva
Das influencias de Saturno impío;
E do Fado imminente as azas léves
Retardou Jove na velóz carreira:

Quando em alto clamor, Povo apinhado
No pomposo Theatro
Teu louvor ás Estrellas levantava.
Sobre mim já, cahindo hum duro Tronco,
Hia a fechar-me o círculo dos dias;

Se a mão de hum Fauno, tutelar dos Vates,
Não desviasse o Golpe.
Tu consagra-lhe as Victimas, e os Templos;
Eu, pobre, em seus Altares nada pósso
Mais offrecer, que hum simplice Cordeiro.

ODE

O D E XVIII.

A hum Avarento.

O Candido marfim, cûpulas d'oiro
A minha pobre habitação não cobrem;
Nem columnas de Marmore Africano
Sentem pezadas Traves,
Que o Luxo foi cortar no Monte Himeto.

Nem d'A'talo occupei, herdeiro ignoto,
Os doirados Palacios, nem conservo
Fiéis Escravas, que me teção promptas
Finas lãns ensopadas
Mais de huma vez em purpura Espartana.

Só vive, a par de mim, Honra, e Virtude,
Vive Engenho, e Saber; e inda que humilde,
Não se dedigna de buscar-me o Grande:
Jámais fatigo os Numes
Com imprudentes, orgulhosos votos.

Nada mais peço ao poderoso amigo:
Vivo contente co'a pequena Herdade.
Corre hum dia apóz outro; a nova Lua
A seu fim se encaminha;
E tu, quasi a morrer, marmores cortas:

Es-

Esquecido do Tumulo, levantas
Soberba Habitação: fórças as ondas
A retirar-se da aprazivel Baias,
Inda não satisfeito
De ser senhor do vasto Continente.

A sórdida Avareza te constrange
A transgredir os términos do Campo,
Que o teu Visinho possuia, e estendes
As posseçoens soberbas,
Invadindo do Pobre a Herdade antiga.

Já dos paternos Lares despejado,
Foge co'a Esposa miseravel; léva
Ao cólo os tristes, sórdidos Filhinhos,
E os antigos Penates,
» Condoidos das lagrimas, que entorna.

Mas o duro Opulento não conserva
Mais certa habitação, que o O'rco avaro;
A Terra abre igualmente huma garganta
Aos potentes Monarcas,
E ao Pobre, a quem faltou parco sustento.

E o Barqueiro, Satélite do Inferno,
Ao sagaz Prometheo jámais consente
As ondas repassar da Estyge horrenda,
Inda que lhe offereça
Cofres pejados do metal luzente.

Elle o soberbo Tantalo conserva
Em duros Cêpos, e à Tantalea Prole:
E escute, ou não os votos do Indigente,
O livra, ou tarde, ou cedo,
Das miserias, das lastimas da vida.

✱ ✱ ✱ ✱ ✱ ✱ ✱ ✱ ✱ ✱ ✱ ✱ ✱ ✱

ODE XIX.

A Bacho.

EU vi nas Grutas de escarpadas róchas
(Creião-me os tardos Seculos futuros)
Bacho ensinando sonorosos versos,
As Ninfas, que aprendião,
E fitas as orelhas,
Os Capripedes Satiros em tôrno.

E vôe; repentino, immenso Espanto
De mim se apóssa, me penetra a mente:
De Bacho chêio o coração, se alegra
Com prazer turbulento;
O' Nume poderoso
No formidavel Tirso; eia, perdôa.

Devo cantar das Tiades fogosas
A céga agitação, a exuberante
Fonte de Vinho, os Nectares suaves,

Fon-

Que em borbotoens espumão:
E dos cavados Troncos
O mel, que estilla, renovar no Canto.

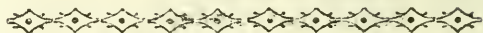
Da linda Esposa, que povôa os Astros,
Devo cantar a C'roa fulgurante:
De Pentheo a sacrilega morada
Coberta de ruinas
Por tua mão potente,
E do Tracio Licurgo a morte, o Fado.

Tu na carreira suspendeste os Rios:
Hum freio aos mares barbaros pozeste:
Nos cabeços dos Montes solitarios
Com viperinos laços,
Sem fraude, e sem veneno
As tranças das Bistónides apértas.

Quando de ímpios Gigantes a cohorte
Por montes sobre montes escalava
Os sublimes Alcaçares de Jove,
O temerario Réco
Por terra derrubaste
Co'as fortes armas de hum Leão sanhudo.

Inda que as danças, os fagueiros risos
Te pertencessem mais, que a horrenda Guerra;
Em ti juntando os jógos, e as peilejas,
Da Paz entre as doçuras,
Da Guerra nos furores,
Hes Numen folgazáo, Numen guerreiro.

Tu

Tu co'a frente adornada de aureas pontas,
Do implacavel Plutão no Imperio entraste;
Vio-te o feróz Cerbéro, e meigo, e brando
Co'a lisongeira cauda,
Co'a lingoa triplicada
Os membros te afagou, beijou-te as plantas.

O D E XX.

A Mecenas.

JA' não com frouxas, e vulgares azas,
Biforme Vate, os liquidos espaços
Cortando irei ligeiro,
Nem mais serei habitador da Terra.

Maior que a inveja, deixarei o Mundo,
Inda que em pobre Berço me embalárão;
Pois me amaste, Mecenas,
Da Estige zombo, e zombarei da Morte.

De áspera péle as pernas se revestem,
Transforma-se-me a frente em alvo Cysne;
Léve, branca plumagem
Povôa minhas mãos, meus hombros cobre.

Mais

Mais, que o Filho de Dédalo, ligeiro,
Roucas praias do Bósfero já vejo;
Descubro, Ave canora,
Libicas Sirtes, Hiperboreos Campos.

Ver-me-ha Cólcos, e o Géta, que disfarça
O medo, á vista da Cohorte Marsia:
Repetiráõ meu nome
Frios Geloens, o Ródano, o Ibéro.

Não sôe em minha morte a Nenia triste,
Nem torpe chôro, e funebres queixumes:
Sufoca teus clamores,
E inuteis honras do Sepulchro poupa.

LIVRO TERCEIRO.

ODE I.

A Si mesmo.

ODeio o Vulgo, delle me separo.
Attendei-me em silencio; hoje descanto,
Interprete das Musas,
Nunca escutados Versos, aos Mancebos,
A's candidas Donzellas.

Potentes Reis aos subditos commandão,
Jove commanda aos Reis, Jove supremo,
Que tanto se ennobrece
Co'a morte dos Gigantes, que governa
C'hum só aceno o Mundo.

Em maior copia as Arvores disponha
Este no proprio chão: ao Marcio Campo,
A's Honras aspirando,
Desça aquelle, ou melhor na fama, e gloria,
Nos singellos costumes:

Ou

Ou com mór turba de leaes Clientes:
Com igual Lei, fatal Necessidade
Méde os Grandes, e Humildes;
Os nomes todos dos humanos volve
No espaçoso cofre.

Da Secilia os Banquetes jámais podem
Adormecer aquelle, que pendente
Vê cortadôra Espada
Suspensa apenas de delgado fio,
Sobre a cabeça impía.

Gostar não póde os sons harmoniosos
Da Cithera canora, nem lhe trazem
O somno saboroso
Das namoradas Aves o gorgêo
Na léda madrugada.

Não foge o brando somno das humildes
Habitaçoens dos Rusticos; nem foge
Das umbríferas Balsas:
Nem de Tempe aos frondosos arvoredos,
Que Zéfiros meneão.

Jámais assusta o Mar tempestuoso
A quem só busca o necessario á vida:
Nem do chuvoso Arcturo
A negra Tempestade desatada,
O socego lhe turbão.

Nem

Nem o intristece a frígida Saraiva,
Que inda tenro Bacello assoita, e crésta:
Nem o Campo infecundo:
Nem culpa o iniquo Inverno, ou Sirio ardente,
Se as arvores não brotão.

Sente o Peixe no Mar, que o Mar se estreita
C'os grandes mólhes, que no Mar se lanção:
A mão industriosa
Alli profunda os gróssos alicerses
De Habitaçoens soberbas:

Mas o frio Temor, tristes Receios
Alli morão c'o altivo Potentado:
Nas bronzeadas Quilhas
Se introduzem com elle, e o vão seguindo,
Se a cavallo campêa.

E se os brilhantes marmores de Frigia,
Se a fulgurante Purpura, se os doces
Nectares de Falerno,
E se da Persia os Bálsamos não podem
Afugentar as mágoas:

Para que hei de erguer Porticos soberbos
De nova Architectura em cem columnas,
Que a Inveja me difame?
Por molestos thesoiros trocar devo
Os vales de Sabino?

ODE

ODE II.

Aos Amigos.

NA tenra Idade se acostuma o Môço
A supportar o pezo da Pobreza
No duro emprego da sanguinea Guerra;
Para que póssa hum dia
Sobre o feróz Ginete
Varar co'a lança o denodado Persa.

Passe o dia ao calôr, e a noite ao frio,
E se assignalle em duvidosos transes:
Desde as ameias da muralha o veja
A Esposa do Tyranno,
Que nos declara a guerra,
E o veja afflicta, e pálida a Donzella:

E suspirando, exclame: ah! não provoque
Meu Esposo Real, inda inexperto
Nos Jógos perigosos de Mavorte,
Este Leão sanhudo,
A quem furor cruento
Léva por entre os Esquadroens, que morrem.

Expirar pela Patria he honra, he gosto:
A Morte corre a póz do fugitivo:
A Mocidade tímida não poupa:

Inex-

Inexoravel sempre,
Ao fugitivo, ignavo
Vará na fuga o tímido costado.

Desconhecendo a sórdida repulsa,
Virtude marcial scintillá, e brilha
Co'as incorruptas Honras: as Secures,
Insignias Consulares,
Não depõem, ou recebe
Só por arbitrio do favor do Povo:

Aos indignos da Morte os Ceos rasgando,
Por varedas jámais trilhadas d'antes
Ignota aos fracos lhes franquea a estrada:
A' gloria os encaminha;
Dos vulgares congressos,
Rouba-os da Terra com ligeiras pennas.

Tem silencio fiel tambem seu premio,
Quem mysterios incognitos de Céres
Ao mundo revelar, em fragil quilha
Embravecidas ondas
Não sulcará comigo,
E os mesmos Lares não teremos ambos.

Dos mortaes ultrajado, ás vezes Jove
Na mesma pena, castigando, envolve
O Justo, o Criminoso: e o Raio accezo,
Inda que tarde venha,
Raras vezes perdoa
Culpada Frente, que o percede em crimes.

ODE

* * * * * * * * * * * * * *

ODE III.

Ao Virtuoso.

NEm o furor de amotinado Pôvo;
Nem violento rosto d'hum Tyranno,
Nem a força dos Austros sibilantes,
Que ás ondas Adriaticas revolvem,
Nem o potente braço
De Jove irado, que arremessa os raios,
Turbão o peito do Varão constante,
Em seus justos propositos firmado:

Estale o Ceo, e se desfaça o Mundo,
Vêllo-hão ferir impávido as ruinas.
Polux desta arte, e Alcides vagabundo
Subirão aos alcaçares dos astros,
Onde glorioso Augusto
Bébe, a par delles, robicundo, o Nectar;
Credôr da Divindade, ao jugo indóceis,
Desta arte, ó Bacho, os Tygres te levárão.

Tal, no carro sanguineo de Mavorte,
Fugio Quirino ás vagas do Acheronte:
A Apothéose Romulea approvou Juno,
E assim fallou aos Deoses convocados:
Troia, ó Troia, os teus muros
Juiz fatal, Juiz incestuoso,

Co'huma estranha Mulher póde em ruinas,
E em cinzas converter teus edeficios.

Entregue ao meu poder, e ao de Minerva,
Tinha sido a Cidade, e o Rei, e o Povo,
Do tempo, em que o fatal Laomedonte
Jurada convençáo negára aos Numes:
Da Adúltera de Espartha
Já cessou de existir o Hóspede infame,
Já náo existe Priamo, que os Gregos,
Soccorrido de Heitor, punha em derrota.

Por nós acceza, terminou a Guerra:
Eu cedo a Marte minhas iras, cedo
O Neto aborrecido, ao Mundo dado
Por Mái Troiana, consagrada aos Numes:
Benigna, lhe consinto
Que no Throno Estellifero se assente;
Que alli goze do Nectar; que contado
Póssa já ser no numero dos Deoses.

Mas cumpre que entre Troia, e Roma exista
Embravecido mar, que os Desterrados
Reinem n'outro lugar, sejáo ditosos,
Que o Sepulchro de Priamo, e de Páris
Calque o disperso armento,
E que as Féras alli guardem seus filhos:
Floreça em tanto o Nobre Capitolio,
E dicte á Média as Leis soberba Roma:

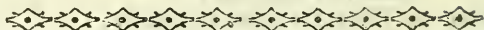
Do Universo aos confins léve seu nome,
Onde da Europa a Lýbia o mar sépara,
Onde o túmido Nilo os Campos réga:
Será mais forte, desprezando o oiro
Inda não escavado,
Melhor na Terra aos olhos escondido,
Do que adoptado dos Mortaes ao uso,
Humanas mãos sacrilegas tornando.

À toda a parte as armas triunfantes
Léve, e devasse as Regioẽns ardentes,
E os climas; onde o frio o Imperio estende:
Mas aos guerreiros Filhos de Quirino
Os Fados lhe descubro
Com justa condição; que deslumbrados
Com seu proprio fulgôr, jámais se atrevão
A erguer de Troia os derrubados muros.

Se outra vez renascer de Troia a gloria,
Com sinistros agoiros, habatida
Será segunda vez com quéda infausta;
A Esposa, e Irmãa de Jove as triunfantes
Beligeras Falanges
Saberá conduzir: se o mesmo Apólo
De bronze as circundar, meus proprios Gregos
Vezes tres desfarão de bronze os muros.

Terceira vez, a Esposa em Captiveiro,
Hirá chorando o Esposo, e o Filho extinctos: ....
Mas onde, ó Musa, te diriges? Pára
Não convem tal assumpto á branda Lyra:

 Tão

Táo sublimes verédas
Deixa, audáz, de seguir; jámais profiras
Os Supremos Oraculos dos Numes;
Que avilta humilde tom grandes objectos.

ODE IV.

A Caliope.

DE'sce dos Ceos, Caliope Rainha,
Da Frauta ao som descanta
Suave melodia;
Seja, se assim te apraz, co'a vóz sonora,
Ou seja ao som de harmoniosas cordas
Da doce Lyra, dádiva de Apólo.

Náo ouviz a toada? ou já me illude
Huma loucura amavel?
Enganáo-se os sentidos,
Ou sua vóz escuto, e vejo errante
Pelos Bosques a Diva, onde murmuráo
Puras correntes, auras boliçosas?

Fóra d'Apulia, no Vulturio Monte
As fabulosas Pombas
De folhas me cobriráo,
Nos tenros annos da viçosa Infancia,
De brincos juvenis quando enfadado,
O somno os frôxos olhos me prendia.

Pas-

Pasmárão de Acheroncia os moradores,
E os rudes habitantes
Das Brenhas de Bantino.
E os que morão nos campos de Terento,
Que jaz humilde nos profundos vales,
A' vista do prodigio se assombrárão:

Tranquillo adormecendo, audáz infante,
Entre ferozes Ursos,
E Viboras atrozes,
De sacros Loiros, de virentes Murtas
Pelas ligeiras Pombas circundado,
Não sem vontade dos supremos Numes.

Comvosco vivo, ó Musas tutelares,
Ou suba ás escarpadas
Montanhas de Sabino,
Ou do frio Preneste o campo habite,
Ou nos Bosques de Tivoli frondosos,
Ou de Baias nas agoas crystalinas.

Vossas Fontes só busco, eu amo as vossas
Choreas engraçadas;
Nos campos de Filipo,
Quando deo costas o Esquadrão rebelde;
No arbóreo Transe, mares da Sicilia,
Defendido por vós, salvei-me á morte.

Se vós comigo sois, Nauta atrevido,
Eu transporei as ondas
Do Bósforo fremente;

E seguro comvosco, a ardente arêa
Contente irei passar da Assiria praia,
Com vossa Protecção, Musas, tranquillo.

Hirei comvosco ver duros Britanos,
C'os Hospedes, ferozes;
Os Geloens sempre armados
De Arco, e Carcáz, e venenosas sétas;
C'o sangue equino os Concanos contentes,
E os largos rios da gellada Scytia.

Vós, quando acantonou Cezar invicto
As Legioens cançadas,
Findando-lhe as fadigas,
Então, ó Musas, com sonoros versos,
Que resõão nas Grutas do Permesso,
Lhe recreasteis Marciaes Trabalhos.

Vós inspirais suavissimos conselhos,
E cheias de alegria,
Apreceais seus fructos:
Eu sei que Jove a Gigantesca Próle,
Que Titan procreou, impia caterva,
C'o Raio assolador sumio no Averno:

Elle, que o Mar ventoso, e a Terra inerte
C'hum aceno modera;
Que as ingentes Cidades,
Os Reinos do Pavôr, excelsos Numes,
Os immensos mortaes, unico em mando,
Rége com pura, imparcial Justiça.

Gra-

Graves terrores imprimíra em Jove
Táo atrevida Raça,
Em forças portentosa,
De terriveis Irmáos, que unidos todos,
Amontoando montes sobre montes,
Foráo o Pélion sobrepôr ao Olympo.

Mas que podia Encélado arrogante,
Mil troncos despedindo,
O reforçado Mimas?
Que podia Tifeo, Reco orgulhoso,
Co'a móle immensa Porfirião terrivel,
Contra de Pallas a sonora Egide?

De hum lado estava o ávido Vulcano,
E d'outro lado Juno,
C'o Patareo Apólo,
Que não larga o Carcáz, que de Castalia
Nas puras agoas as madeixas lava,
Que Délos senhorea, e as Licias Sélvas.

A Fôrça sem conselho expira, e morre,
De seu pezo opprimida,
E os Numes sempiternos
A Fôrça ellevão, que a Prudencia guia
E odeiáo o Valôr, que n'alma o Crime
Premedita, dispõem, e o Crime exérce.

O Centimano Gias me affiança
A Celléste Verdade,
Que aos Homens annuncío;

E o Sacrilego Orion, que a vida exala
A duros golpes de empenadas sétas;
Quando se atréve a profanar Diana.

Doeu-se a Terra de se ver coberta
Destes hórridos Monstros,
Que em seu seio nutríra;
Géme, vendo seus Filhos sepultados
No fundo Abysmo: nem consóme o fogo
O duro Monte, que os opprime, e esmaga.

Não deixa a Ticio o Abutre, que as entranhas
Reproduzidas cóme,
Eterna sentinella,
Que vigia o Sacrilego insolente:
E cem cadêas Peritôo reprimem,
Insolente amador de Proserpina.

* * * * * * * * * * * * * * * * * *

O D E V.

Em Louvôr de Augusto.

DO Olympo troadôr cremos que Jove
Empunha o Sceptro d'oiro,
Por que de lá desfexa o raio accezo;
Mas entre nós Augusto
Será, qual Numen, respeitado sempre,
Depois que ao Capitolio

Trou-

Trouxe em cadêas os Bretoens, e os Persas,
Que o jugo desdenhaváo.
Náo foráo vistos do vencido Crasso
Os captivos Soldados
Viver unidos (Que torpeza!) a estranhas
A Barbaras Esposas?
O Guerreiro de Apulia, o Marso horrivel,
Das armas esquecidos,
Da nobre Tóga; dos Brazoens antigos,
E do nome Romano,
Dos sacros Fógos eternaes de Vésta,
Salva a potente Roma,
E o nome augusto do supremo Jove,
Náo passáráo a idade
Servindo o Rei de effeminados Persas?
O' mudados costumes!
O' brio antigo do Senado, e Curia!
O próvido Discurso
De hum Régulo feróz taes damnos via,
Regeitando constante
As vergonhosas condiçoens; temendo
Dar á vindoira Idade
Funesto exemplo, productôr de estragos,
Se as captivas Falanges,
Sem Roma as resgatar, náo fossem mortas:
Eu vi (o Heroe clamava)
As Armas, e as Bandeiras arrancadas
D'entre as máos dos Guerreiros,
Suspensas pelos muros de Carthago,
Sem se entornar o sangue:

Eu

Eu vi dos Cidadãos os livres braços
 (Que pejo !) agrilhoados !
Vi de Carthago as Portas, e as Muralhas
 Já sem temôr, abertas;
E as extensas Campinas, que algum tempo
 Forão por nós taladas
Eu vi cobertas de ondeantes mésses.
 Póde o duro Guerreiro,
A preço d'oiro aos Barbaros comprado,
 Com mais valor, e brio
As fortes armas empunhar de novo?
 Ah! incautos, ao damno
A infamia accrescentais. Não recupéra
 As primitivas côres
A Lãa molhada em Purpura de Tyro;
 E a sólida Virtude,
Abalada huma vez, jámais resurge
 No effeminado peito,
Que aos torpes vicios se entregára Escravo:
 Acaso a timorata
Cérva, rompendo o laço, audáz peleja?
 O que ao pérfido Imigo
Huma vez se rendeo, será ousado:
 O que temèra a morte,
E que seus braços algemados víra
 Pizará triunfante
Segunda vez as armas de Carthago?
 O', Pudôr! ó famosa
Carthago, que creceste co'as ruinas
 Vergonhosas de Italia!

Diz-

Diz-se que o forte Régulo, sentindo
O pezo das cadêas,
O ósculo meigo da púdica Esposa
Desprezára constante:
Que arredára de si os tenros Filhos;
Fitando os tôrvos olhos
Na dura Terra, em quanto o vacillante
Senado confirmava
No conselho té alli por ninguem dado;
E entre afflictos amigos
Não se condemne com valôr não visto
A perpétuo degredo:
Bem sabia que o barbaro verdugo
Lhe prepara tormentos;
Mas não d'outra arte intrepido se aparta
D'entre os tristes Parentes,
E d'entre o Povo, que lhe embarga os passos,
E deixa, alegre, a Curia,
Como se fôra de Vanafro aos Campos,
Ou da Espartana Trento,
Depois de haver no Tribunal composto
Populares Demandas.

ODE

****

ODE VI.

Aos Romanos.

SEreis, Romanos, victimas da pena,
Que os justos Ceos em cólera fulminão
Contra os feios delictos
De vossos Avoengos,
Em quanto os Templos dos supremos Numes,
Que os E'vos arruináo, reparados
Se não virem por vós, em quanto as Aras
Não tenhão cultos, como tinhão d'antes.

Por que dobrais a triunfal cabeça
A's Leis do Olympo, commandais no Mundo;
Este o principio d'onde
Nasce vossa Grandeza;
He este o termo das façanhas vossas:
Os Numes desprezados quantos malles
A' desgraçada Italia tem mandado,
A' Italia envolta agora em pranto, em lucto!

As Falanges de Pácoro, e Monésses
Tem já por duas vezes repulsado
As Romanas Falanges,
E cheias de ufania
Já de nossos despojos se adereção:
O Daçe, o negro Ethiope orgulhoso

De-

Demolindo já vão soberba Roma;
Que a *Sedicção* domestica arruina.

Campêa o Dace Cavalleiro, e atéza
Os formidaveis arcos: coalha os Mares
O Ethiope em Galéras:
Calamitosos Tempos!
O Leito Nupcial géme ultrajado:
D'esta empestada origem quantos máles,
Calamidades quantas se derramão
Na triste Patria, no aviltado Povo!

Apenas tóca a desenvolta Môça
Madura idade, que termina a Infancia,
As Jónicas Coréas
Estúda cuidadosa;
Nas indecentes artes adestrada,
Móve com arte o corpo melindroso,
E desde os tenros, vicejantes annos
Desordenado amor a abraza, e prende.

E já ligada a Nupciaes cadêas,
Despréza as Leis do Thálamo; só busca
Adúlteros amores
Travar co'a mocidade,
Que ás lautas mezas maritaes concorre:
Nem escolhe a quem dê vedados gôstos
Em lugar recatado, hóras escusas,
Quando a sombria noite o Sol eclipsa.

Cor-

Corre prompta ao adúltero reclamo,
Do não ignaro Esposo á face, aos olhos,
E vende a preço d'oiro
A honra pudibunda
Ao rude Nauta, ao Mercador inchado.
Não de taes Pais nascêrão valerosos,
Esforçados Guerreiros, que algum dia
O mar de sangue Púnico tingírão.

Não foi esta a Progenie, que abatêra
O duro Pirro, Antiocho soberbo;
Que Anibal formidavel
Afugentou da Hespéria,
Foi a Prole de rusticos Soldados;
Afeita a abrir co' retorcido arado
A dura terra, a conduzir nos hombros,
Ao arbitrio da Mái, cortados troncos:

Quando o brilhante Sol no ardente plaustro
Descia aos braços da cerúlea Thétis;
Dando lugar ás horas
Amigas do repouso,
Mudando as sombras dos fragosos montes:
Então com mão robusta aos Bois cançados
Do largo Cólo o jugo desprendiao;
Mas que não mudão Seculos ligeiros!

De nossos Pais a idade já passada
Foi mais fértil de crimes, e maldades,
Que os Seculos antigos
Dos nossos avoengos;

E he mais funesto o Seculo, que passa;
E inda daremos aos tardios E'vos
Mais preversa Relé, que exceda em crimes
Quantas a Terra povoárão d'antes.

* * * * * * * * * * * * * * * * * *

O D E VII.

A Asteréa.

Porque, formosa Asteréa, noite, e dia
Prantêas sem repousa
O terno Giges, o exemplar dos firmes?
Os Zéfiros galernos,
Mal apontar no Mundo a Primavera,
A teus amantes braços
Bem depréssa o trarão, e enriquecido
Co'as Joias de Betinia.
O denodado Sul co'as frias azas
Ao Orico o levárão,
Quando surgia Capricornio, quando
Sonoras Tempestades
O salso mar co'as nuvens confundião:
Aqui frigidas noites
Em pranto amargo o triste tem passado:
Debalde aqui procura
Com artificios mil render-lhe o peito
De Cloé o Nuncio astuto,
Ella, que por arder nos teus amores,
Desgraçada se chama;

Lem-

Lembra-lhe o exemplo da infiel consorte
Do desgraçado Préto,
Que em chammas, e furor o Esposo abraza
A dar tyranna morte
Ao púdico, infeliz Bellorofonte,
Por culpa, que não tinha:
E do triste Peleo já quasi entregue
A's Parcas desumanas;
Por que despreza as impúdicas chammas
De Hypolita amorosa;
E assim disfarça o crime, assim lho inspíra
C'os exemplos do crime:
Mas elle surdo, qual rochedo Icário,
Despréza as magas vozes:
Assim tu de Epipeo despréza os doces
Ternissimos afagos:
Ah! não te illuda a mágica figura!
Nenhum, nenhum mais déstro
No manejo dos férvidos Ginetes,
Nenhum do flavo Tibre
Córta; nadando, as ondas mais ligeiro.
Tímida as portas fecha,
Não venhas escutar o tom magoado
Do Sonoro Alaude;
E nem te abrande a vóz, que tantas vezes
Insensivel te chama.

ODE

* * * * * * * * * * * * * * * * * * *

O D E VIII.

A Mecenas.

DOuto Mecenas; que possues; que sabes
Do Grego, e do Romano ambas as lingoas;
Talvez hoje te assombres,
Vendo-me adicto ás Leis do celibato,
Queimar incensos; e esparzir mil flores;
Do alegre Março na primeira Aurora.

Tinha eu votado neste dia á Bromio
Doces viandas, e espumante sangue
De alvo, ligeiro capro;
Com festejo annual sagro este dia;
Nelle escapei ás mãos da negra Morte,
Quando arvore fatal vinha esmagar-me.

Hoje a Pipa se encéta, que me guarda
O almo, annoso Licôr, no consulado
Arrolhada de Planco:
Eia, empunha cem côpos; e os despeja
A' saude do Amigo, á quem os Fados
Das mãos tirárão da cruenta Parca.

Dure o prazer em quanto a noite dura,
E veja o dia, ao recolher das sombras,
Inda accezas as tochas:

Reine a serena paz, reine a alegria,
E do Banquete opíparo se ausentem
O clamor triste, as iras inflammadas.

Deixa do Estado o pezo hum pouco agora;
Foi já cortado o Exercito dos Dacos,
Já o Médo inimigo
Com suas proprias armas se debélla;
E já na Hespanha o Cantabro rebelde,
Inda que tarde, agrilhoado géme.

O feróz Scyta, os arcos afrouxando,
O Campo já nos céde: e removido
Aos públicos cuidados,
Esquece-os por hum pouco, e os dons acceita,
Que este momento de prazer te offrece;
E deixa o pezo dos negocios serios.

ODE

* * * * * * * * * * * * * *

ODE IX.

DIALOGO

Entre Horacio, e Lydia.

Horacio.

EM quanto amavel me julgaste, ó Lydia,
Nem mais digno Rival teu cólo eburneo
Com seus braços cingia;
Que os Monarcas da Persia
Passava mais feliz da vida as horas.

Lydia.

Em quanto estranho amor dentro em teu peito
Não ateou seu fogo, e Clóe em quanto
Não preferiste a Lydia,
Via voar meu nome
Ao nome suprior de Ilia Romana.

Horacio.

A bella Clóe me conserva prezo
C'os encantos da vóz, c'os sons da Lyra;
Por ella a morte afronto,
Se os Fados lhe outorgarem
Existencia immortal; morro contente.

Lydia.

Em mutuo amor meu peito enlaça, e prende
Calay lindo Mancebo, por quem léda
Duas vezes a morte
Eu soffrerei constante,
Com tanto que da morte o isente Jove.

Horacio.

Mas dize, ó Lydia, se as primeiras chammas
Se atearem de novo, e se o pescosso
Sob hum jugo de bronze
Sujeitarmos de novo
Se me esquecer de tudo, e amar só Lydia?

Lydia.

Inda que Elle he mais bello, que as estrellas,
E tu mais vário, que a voluvel folha,
Mais irado, que os mares,
Comtigo viver quero,
E a existencia findar comtigo ao lado.

✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳

ODE X.

A Licia.

SE as frias agoas do apartado Tanais
Tu bebesses, ó Licia:
Se a barbaro Marido
Fosses viver ligada; terno pranto
Derramáras talvez, se me observasses
Dos bravos Aquilloens jazer batido
Debalde á tua inexoravel porta.

Tu náo ouves os ventos sibilantes,
Que as Janellas te assoitáo,
Que impetuosos bramem
No Bosque, que te cinge o doce Alvergue?
Náo vês cahir do Ceo sereno, e claro,
Por máo do hiberno Jove, a neve alpina?
Deixa o genio cruel, que offende a Venus.

Téme náo retroceda a Roda incerta
Da ímproba Fortuna:
Teus Pais náo te geráráo
Mais casta que Penélope indomavel,
E sempre dura aos aîs de amantes ternos;
Vê que nem sempre soffrerei constante
A noite fria, a chuva procellosa.

Inda que tenhas inacésso o peito
A's dádivas, e préces:
Nem o pálido Amante,
Nem o Esposo infiel entre outros braços,
Te renda ao meu amor: ah! sê piedosa
Aos ais de hum infeliz..... Mas tu hés tronco,
Tens a aspereza de Africanos Monstros.

* * * * * * * * * * * * * *

ODE XI.

A Mercurio.

VErsos, que possão comover de Lydia
O sempre duro coração de bronze
Inspira-me, ó Mercurio, (e pois soubeste
Com teu potente ensino
Ao docil Amphião inspirar cantos,
Que poderão mover alpéstres róchas):
Que desprendes septísona harmonia,
E tu eburnea Lyra,
Hum tempo muda, e ingrata, hoje sonora
Nas lautas mezas dos mortaes luzidos,
Dos altos Numes nos soberbos Templos.

Qual o Ginete férvido, indomavel,
Que sôlto vaga por extensos campos,
As leis do jugo marital não sabe,
Ignora a doce chamma,
Que lavra occulta em coraçoens amantes:

Ah!

Ah! sinta o fogo, que me abraza, e prende,
Tu domar podes carniceiros Tigres,
Levar comtigo os Bosques,
Ligeiros Rios suspender na fuga;
Do Tartaro cruel terrivel Guarda,
O Cérbero afagaste, e deo-te entrada.

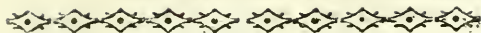
Viboras cento da medonha fronte,
Como toucado horrendo, lhe pendiáo,
E das fauces trilingues se exalava
Pestífero veneno:
Sorriráo-se Ixion, e o desgraçado
Ticio tambem, com rosto contrafeito:
Sêccas jazêráo por hum pouco as urnas
Das Danaides tristes,
Mal lhe afagaste com sonoras vozes,
Unisonas de Orfeo ao mago canto,
Os absortos, atonitos ouvidos.

Lydia ingrata, e cruel escute, aprenda
O crime, e a pena, táo patente aó Mundo,
Das Donzellas fataes: e as vacuas urnas,
Pelos abertos fundos
Vertendo a linfa, sem sessar de enchellas:
Conheça os fados eternaes, que o Orco,
Bem que tardio, para os Impios guarda.
As Irmáas sanguinosas,
(Que maior crime caberá n'hum peito!)
Votando á morte seus leaes consortes,
Rasgáo-lhe os coraçoens c'o ferro impío.

Di-

Digna do leito nupcial, com gloria
Mentio ao Pai perjuro huma de tantas,
E da memoria dos longinquos E'vos
Faz-se credôr seu nome.
Acorda, ó doce Esposo, e rompe os laços,
Ah! rompe os laços do fagueiro somno,
Antes que sejas victima da morte,
Meiga exclamou desta arte:
Engana o Sôgro, e as Irmáas perversas,
Que innocentes Esposos atacalhão,
Quaes Leôas os simplices Novilhos:

Eu, mais humana que os ferozes monstros,
Nem dar-te a morte, nem prender-te quero:
Embora Danao barbaro me envôlva
Em asperas correntes:
Seja a doce piedade em mim punida;
A vida ao Esposo dei; tal foi meu crime:
Seja por elle aos campos desterrada
Dos Numidas ferozes:
Por Mar, ou Terra ah! tu foge ligeiro,
Em quanto Venus favorece a fuga,
E em meu Sepulchro imprime os meus queixumes.

ODE

ODE XII.

A Neobula.

HE condição das míseras escravas
Do caprichoso Amor, viver na angustia;
Nem jámais procuráráo
Afogar seus cuidados
Nas rubras ondas de espumante Bromio;
De hum Tio ralhador temendo a lingua.

O folgazáo Menino de Cithéra,
Neobula gentil, das máos te rouba
O lanoso exercicio;
E de Hébro a formosura
Faz que te esqueças do ligeiro fuzo,
E dos empregos da sagáz Minerva.

Inda melhor que o gráo Belorofonte,
Hébro subjuga o férvido Ginete:
Náo céde a algum na lucta,
Nem céde na carreira,
Se os membros juveniz no Tibre lava,
Membros, que o oleo mais flexiveis torna.

Nin-

Ninguem melhor os Gamos fugitivos
Vára, correndo co'a empenada séta:
Nas hervosas Campinas
Ninguem mais denodado
Espera o Javali, entre arvoredos,
E espeças matas escondido aos olhos.

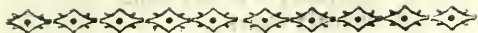
* * * * * * * * * * * * * *

O D E XIII.

A Fonte Blanduzia.

O' Fonte de Blanduzia, mais brilhante
Que o Crystal, digna de espumante Bromio,
De flores coroada
A' manhá te verás: tenro cordeiro,
A quem na fronte túrgida já rompem
As retorcidas pontas, e a quem Venus
A seus combates chama, dessangrado,
Por offerta has de ter na vítrea margem.

A flagrante Canícula náo póde
C'os abrazados raios offender-te:
Em tuas frescas agoas
Mitiga a sêde o vagabundo Armento.
Terás, ó Fonte illustre, eterna fama
Sempre nos versos meus, e o verde tronco,
Que se ergue d'entre a Rócha, donde brotáo
As tuas doces, murmurantes agoas.

ODE

ODE XIV.

Ao Povo Romano.

EIs torna Augusto, ó Povo de Quirino,
Da extrema praia da remota Hespanha,
Adornado de Loiros,
Que a preço de seu sangue o Heroe só mérca,
Qual vencedor Alcides,
Tendo de monstros despejado terra.

Saia ao encontro seu a Esposa terna,
De hum unico hymeneo nos laços preza,
E aos altos, justos Numes
Pendure offrendas nas sagradas Aras:
E a pudica Donzella,
A digna Irmãa do vencedor sublime.

Das Virgens, dos Mancebos, que escapárão
Da Guerra aos transes, com decencia venhão
As Mãis ao sacrificio:
Vós, ó Esposas, ó Donzellas, Môços,
Concorrendo aos festejo,
Evitai proferir sinistras vozes.

O fausto dia, que celebro ovante,
De mim desterra os túrbidos cuidados:
Já não receio as ondas

Da

Da civil Tempestade, e já não temo
A violenta morte,
Quando Cezar sustem do Imperio as Rédias.

Traze-me, ó Servo, os vasos de perfumes:
Grinaldas traze, e o envasilhado Bromio,
Que vio a Marcia Guerra,
Se he que escapou algum Tonel outrora
A's exactas pesquizas
De Spártaco servil, e aos vagos Socios.

Chama a Neéra, cuja vóz me encanta,
Que á préssa adorne os lúcidos cabellos;
Se inexoravel Guarda,
Que a avara Porta de contínuo espreita,
Os passos te retarda,
Volve ligeiro á habitação de Horacio.

O meu cabello, que a alvejar começa,
Adóça, abranda os férvidos Espritos,
Que os combates anhelão:
Na idade juvenil, mais iracundo,
Não soffrêra as repulsas,
Regendo as faxas consulares, Planco.

ODE

* * * * * * * * * * * * * *

ODE XV.

A Cloris.

E Sposa dissoluta
Do miseravel Ibico, póe termo
Póe termo de huma vez á torpe vida:
Pérto da sepultura,
Não venhas enlutar, nuvem sombria,
As candidas Estrellas, misturada
Na alegre Dança das louçãas Donzellas.

O que he proprio de Fióe,
A' longa idade não convem de Cloris:
Qual agitada Tiade, pulsando
Os Timpanos sonoros,
Tal tua Filha expugna; e as portas rompe
Dos férvidos Mancebos, que enamora,
Inspirando-lhe amor, qual tu não pódes.

O delicado Nótho
Vorazes chammas em seu peito ateia,
Possuida de Amor tenra Novilha,
Mais não brinca no campo:
Fia a Lãa de Luceria, e deixa a Lyra,
Deixa a croa de rosas; torpe Vélha
Não merece o Licôr do alegre Bromio.

ODE

ODE XVI.

A Mecenas.

DA bronzeada Torre as férreas portas,
E de féros Mastins tristes latidos
Guardarião assáz Dánae fechada
De Adúlteros nocturnos,
Se a bella Venus, se amoroso Jove
Do vigilante Acrizio não zombassem,
Medroso guarda da encerrada Môça:
Era livre o caminho, e não guardado,
Se a estrada se franquea
O mesmo Jove, convertido em oiro.

Fórça o oiro os Satélites armados,
E com mais furia despedaça as penhas,
Que o Raio accezo, que das nuvens desce
Com ímpeto horroroso:
Do Vate Argivo a habitação, e os Lares
Desfeitos em ruinas se abysmárão,
O lucro os habateo: pôde o Monarcha,
Progenitor do Heroe, que vence Arbella,
A' força de thesoiros,
Render Cidades, e os rivaes Monarchas.

Os intractaveis, barbaros corsarios
Dão com prazer as mãos aos laços de oiro:

A dura fome, os ávidos cuidados
Mais, e mais se exasperão
De haver thesoiros, se os thesoiros crescem;
Eu com justiça detestei, Mecenas,
Honra, Brazão dos Cidadãos Romanos,
Erguer conspícua a fronte entre os illustres,
Inda que a vóz do Mundo
Entre os Vates me exalte, e me destingua.

O Varão sabio, que os desejos corta,
E os apetites férvidos refrea,
Dos Numes liberaes mais dons alcança:
De tudo desunido,
Busco o Reducto dos que nada querem;
Dos Opulentos deixo a companhia,
E mais soberbo de pizar riquezas,
Que de encerrar nos próvidos Celleiros
As abundantes Mésses
Do infatigavel Lavrador da Apulia.

As claras agoas de perenne fonte,
De poucas geiras hum cerrado bosque,
Da loira Mésse impreterível Renda
Me tornão mais ditoso,
Que o largo Imperio da Africana Terra:
Eu não possûo da Calabria fértil
Ricas Colmeas, o espumante Bromio,
Nos bojudos Tonéis não me envelhéce;
Nem da Galia nos pastos
Os Rebanhos lanigeros conservo:

Mas de mim foge a incómmoda Pobreza:
Se eu quizera mais bens, tu m'os darias:
Refreada a Ambição, melhor preencho
Meus pequenos Deveres,
Do que se aos Frigios campos ajuntára
Da rica Lidia as Possessoens, e o Throno:
Aos, que desejão muito, o muito falta:
He só feliz, e venturoso aquelle,
A quem Jove supremo
Com parcas mãos o necessario outorga.

* * * * * * * * * * * * * *

ODE XVII.

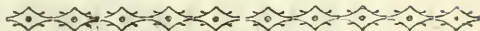
A E'lio Lamia.

O Respeitavel E'lio, que descendes
Do antigo Lamio, d'onde o nome honroso
Hoje os Lamias conservão,
Memoraveis nos Fastos de Quirino.

Tu vens d'aquelle, que n'hum tempo o Sceptro
Do Formiano Povo, e Imperio teve,
Onde a nynfa Mericia
As verdes margens illustrou do Liris.

E pois nas azas dos fogosos Euros
Correndo a Tempestade, á manhã deve
Cobrir de leves folhas
O Bosque, e de Alga as prais encurvadas:

Se acaso não me engana o triste agoiro
Da annosa Gralha, que promette a chuva:
Na antiga, sêca lenha,
Pois podes tanto, a lavareda atêa.

Com teus Escravos, da tarefa livres,
Ao Genio alegre as libaçoens offrece
Do generoso Vinho,
Sacrificando-lhe o Leitão bimestre.

ODE XVIII.

A Fauno.

FAuno, amador das fugitivas Nynfas,
Meigo, e benigno por meus campos passa,
E poupa estrago aos tímidos rebanhos,
Quando delles partires.

Sempre te offreço o tenro Cordeirinho,
Quando se fecha o círculo dos annos;
Então se entorna o Vinho em teus Altares,
Fuma o cheiroso Incenso.

E quanto torna o frígido Dezembro,
Em honra tua pelo hervoso prado
Brinca o Gado contente, e fólga a Aldêa,
C'os Bois do jugo sôltos.

Por entre os já não tímidos Rebanhos
Passa o Lobo voráz, derrama o Bósque,
Em honra tua, as folhas verdejantes,
Sobre a Terra contente.

O duro Cavador, que alegre exulta,
Piza tres vezes com prazer a terra,
Que elle aborrece, por que ingrata, e dura
Os braços lhe cançára.

* * * * * * * * * * * * * *

O D E XIX.

A Telefo.

TU nos contas, ó Telefo, as Idades
Desde Inaco vertidas
Até Códro, que á morte, não medroso,
Pela Patria se deo: de Eáco a Próle,
E as sanguinosas Lides,
Que junto aos muros seus Troia observára.

Esquece-te o melhor: dize a que preço
Os Balçamos de Chio
Nós devemos comprar: quem deva as agoas
Dos banhos aquecer; quem nos prepare
Reparado aposento,
Que nos defenda da Invernal saraiva.

Aprom-

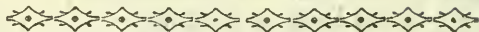
Apprompta, ó Môço, o férvido Falerno
Da renascente Pébe:
Arraza as Taças, que libar devemos,
Quando a Noite mais alta os carros guia,
E em honra de Murena,
Nove Cópos, ou tres mistura ás Taças.

O Vate que ama as impares Donzellas,
Excitado c'o Bromio,
Beberá nove Cópos: o que ás Graças,
Que co'as nuas Irmáas ligeiras girão,
Anellar ser acceito,
Temendo as dissensoens, só tres enxugue.

Apraz-me enfurecer: por que não oiço
Os sons harmoniosos
Da Berecinthia Gaita? e por que vejo
Muda, e suspensa com a Frauta a Lyra?
Detésto a dextra ociosa:
Eia, desfolhem-se as fragrantes Rosas.

Oiça Lico invejoso o estrepitoso
Som da amavel loucura,
E a bella Môça, que he de Lico impropria,
Atenta nos escute, em quanto Clóe,
Por amor conduzida,
Teus meigos braços, Telefo, procura:

Formosissimo Telefo, que imitas
No cabello anellado,
Na linda face o Véspero brilhante,

Goza de Clóe, em quanto me abrazea
A mimosa Glicéra
A fogo lento as míseras Entranhas.

ODE XX.

A Pirro.

NÃo vês, ó Pirro, o precepicio infausto,
A que te expoens, roubando os tenros filhos
Da Leôa Africana?
Fugirás temeroso do combate,
Levando a susto a Preza agrilhoada.

Cheia de amor, correndo, ella se avança
Por entre a turba dos gentis Mancebos,
Busca o lindo Nearco:
Prepara-te ao combate; a illustre Preza
Será do Vencedor o premio, a gloria.

Em quanto tu ligeiros Passadores
Sobre o arco atezado despedires,
Ella os dentes afia:
Juiz imparcial da alta peleja,
Já depõe a seus pés Nearco a palma:

E aos Zéfiros suaves já permitte,
Que em tôrno a seus cabellos perfumados
Se agitem boliçosos:

Tão

Tão bello se verá, qual Nireo fôra,
Qual Ganimedes foi, roubado ao Ida.

* * * * * * * * * * * * * *

O D E XXI.

Ao seu Tonel.

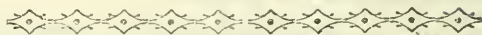
ALmo Tonel, que viste a luz do dia
Juntamente comigo, quando Manlio
Obteve o Consulado,
Ou póssas atear féros debates,
Ou brincos folgazoens, loucos amores:
Ou derrames nas pálpebras o somno:

Sahe da profunda Adéga, em que hes guardado,
Seja qual for o Mássico, que encérres;
Neste festivo dia
Destapado serás, corra o teu néctar
Em ondas suavissimas, tranquillas;
Será bebido em honra de Corvino.

Inda que elle empregado nas severas,
Socraticas Doutrinas, nunca austéro
Te olhará com desprezo;
Pois do antigo Catão diz-se que hum tempo
A indomavel virtude se aquecêra
C'os dons alegres do festivo Bromio.

O' dadiva dos Numes, tu produzes
No austéro coração doce tormento,
E teu vapor suave
Descobre até dos sabios os cuidados,
Reconditos arcanos patentea,
A esp'rança outorga ao coração anciado.

Ao mísero Indigente communicas
Resolução, vigor, e já cercado
Das armas, que lhe emprestas
Dos mesmos Reis a cólera não teme;
Entre os cerrados esquadroens mettido,
Das bravas Legioens não teme o ferro.

As Graças sempre juntas, que não podem
Seus laços desatar: risonha Venus,
De Bacho acompanhada,
E as vivas luzes dos brilhantes Fachos
Te hão de fazer correr, té que afugente
O Sol com sua luz dos Ceos os Astros.

ODE XXII.

A Diana.

VIrginal Deosa, Tutelar dos Bosques,
E dos montes sombrios,
Tu, que tres vezes invocada, acodes

A's

A's Mãis afflictas no apertado lance;
E que, triforme Deosa,
Das mãos as roubas da implacavel morte:

Grato te seja o vecejante Pinho,
Que assombra com seus ramos
A minha humilde, rustica morada;
Annual offerenda, em honra tua
Lédo te vóto o sangue
De cerdoso animal, que obliquo morde.

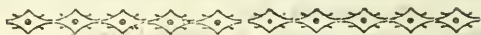
* * * * * * * * * * * * * *

O D E XXIII.

A Fidilla.

SE as mãos humildes para os Ceos levantas,
O' rustica Fidilla,
Quando mostra nos Ceos a argentea Lua
A renovada face:
Se com cheiroso Incenso, e novos Fructos,
Ou com a voráz Pórca
Os Numes do teu Lar fazes propicios,
Nem do Austro raivoso
Fecundas Vinhas chorarás quebradas;
Nem tuas loiras Mésses
O duro estrago sentiráõ da alfôrra;
Nem provaráõ teus Filhos
Os golpes da Estação, que traz os fructos;
Por que a Victima pura,

Que

Que entre as Néves do Algido se nutre,
E crésce, e se apascenta
Entre as viçosas Faias, e os Carvalhos,
Que de Alba os Campos cobrem,
Dos sagrados Pontifices o ferro
Tingiráõ com seu sangue:
Mas tu, que adornas com cheirosa Murta,
E grato Rosmaninho
De teus Penates a elevada fronte,
Não precisas que o sangue
Das ovelhas pacificas se entorne.
Se tóca nos Altares
Tua innocente dextra, não mais grata
A's Deidades supremas,
Por lhe offertar custosos donativos,
Os contrarios Penates
C'o crepitante Sal, piedoso Bôlo
Tornarás teus amigos.

O D E XXIV.

Contra os Ricos Avarentos.

INda que excedas na opulencia, e fausto
Os thesoiros dos Arabes, dos Indos,
Que a fôrça invicta das Romanas armas
Té agora não tocárão:

In-

Inda que estreites as extensas praias
De hum mar, e de outro mar com teus Palacios,
Se a indomavel, fatal Necessidade
Seus prégos diamantinos

Nas frentes suberbissimas encrava,
Pódes acaso aos golpes esquivar-te
Do gellado pavôr, quebrar da morte
Os invenciveis laços?

Melhor o agreste Scyta, cujo alvergue
Sobre sonóros eixos se transfére,
Melhor sabe viver o Gêta duro,
Que os soberbos Romanos.

Cresce entre elles commum doirada Mésse;
Dáo cultura annual a hum campo; e deixáo,
Para os outros gozar de iguaes fadigas,
O Prédio desfructado.

Terna madrasta amima a prole alheia,
Que a mái perdêra; nem a rica esposa
Calca, fiada no formoso amante,
De seu marido o cólo.

O dóte de mais preço he só Virtude;
Eis a herança melhor: e a Castidade
O Leito Nupcial defende, e guarda
De adúlteros amores:

A

A falsidade he crime, e a morte o premio:
Quereis, ó cidadãos, pôr termo a tantas
Mortandades cruéis, e hum duro freio
Lançar á civil guerra?

Debaixo das estatuas ler impresso
De Pai da Patria quem deseja o nome,
Se opponha á corrupção desenfreada,
E irá famoso aos E'vos.

Até quando (ó maldade!) á inveja entregues,
A' existente virtude odio teremos,
Desejando gozar da já passada
A' muito a nossos olhos!

Mas de que servem funebres queréllas,
Se a dura pena não refrea o crime?
E de que servem Leis, se os bons costumes
O vigor não lhe outorgão?

Já da tórrida Zona o Clima ardente,
E as Regioens do congellado Póllo
Não tem barreiras, que sustenhão, prendão
Mercador atrevido:

O mar cavado não suspende o Nauta:
A Pobreza he baldão, que a tudo obriga,
E das varedas da Virtude afasta
Os míseros Humanos.

Levemos pois ao Capitolio excelso
Ricas Joias, as Pérolas, o Oiro;
Se nos chama o louvor, lancem-se ao fundo
Dos mares empolados.

E se o remorso o coração nos fére,
Delle as paixoens indómitas se arranquem;
A mocidade férvida se afaça
Aos marciaes empregos.

Reger não sabe o Môço o duro freio
Ao Ginete feróz, e téme a caça;
Mas perde o tempo nos perversos Jógos,
Que a sabia Lei defende.

O Pai perjuro, que engrossar deseja
Avido Herdeiro, engana o socio, o amigo:
Em vão tráfico vil lhe augmenta o oiro,
E vive na indigencia.

* * * * * * * * * * * * * *

O D E XXV.

A Bacho.

D'Onde me levas, Bromio; eu já me sinto
Cheio de teu furor! Que fundas cóvas,
Que emaranhados Bosques já deviso!
Eu vôo sobre as azas
D'Estro sublime, desusado Fogo?

Er-

Erguer nobre Brazão destino a Cezar:
Eu vou levallo aos astros refulgentes,
Ao Sólio augusto do supremo Jove:
Ao som da Lyra canto
Nunca escutados, sonorosos versos.

Qual sobre o cume dos alpéstres montes
A férvida Bachante, quando acorda,
Descobre ao longe o Rhódope trilhado
De barbaras pégadas,
A fria Tracia, o Ebro congellado.

Tal eu vejo assombrado os densos Bosques,
As escarpadas Róchas. Oh! das Nynfas,
E das Bachantes Arbitro, que podem
Com vigoroso braço
Quebrar, fender os arreigados Freixos.

Nada humilde ouvirás, nada abatido
Hoje nos versos meus, nada de Humano:
Ardua empreza he seguir-te, ó Bromio, ó Nume!
Que a sublime cabeça
De vecejantes Pampanos adornas.

ODE

* * * * * * * * * * * * * *

O D E XXVI.

A Venus.

JA', digno escravo da Belleza hum tempo
Não melitei sem gloria: agora as armas,
E a eburnea Lyra, por troféos penduro
Nas paredes do Templo.

Lancem-se aos pés do Simulacro os fachos,
As rígidas Bipénes, e Alavancas,
Com que outro tempo as portas se forçárão
Das Bellas insensiveis.

Formosa Deosa, tutelar de Chypre,
Potente Nume na calmosa Memphis:
Ah! digna-te huma vez a dura Cloris
Ferir com teus flagellos.

ODE

* * * * * * * * * * * * * *

ODE XXVII.

A Galatea.

TRistes presagios acompanhem sempre
Em seus caminhos os malvados todos;
A estrada lhe atravésse
Lôba feróz dos Lanuvinos campos,
Prenhe Cadella, ou pérfida Raposa.

Enroscada Serpente lhe resurja
Debaixo de seus pés, qual léve séta,
E silvando assanhada,
Póssa do côche, que o conduz, co'a vista
Os ligeiros cavallos assustar-lhe.

Mas para aquelles, cuja ausencia eũ temo,
Como Agoireiro próvido desejo,
Que o Côrvo os ares córte
Do lado Oriental, antes que a Ave,
Que a chuva nos prediz, busque a Lagôa.

Parte feliz, ó Galatea, e vive
Onde a fortuna te levar, lembrada
Sempre do antigo amante:
Nem sinistro Picanso, ou Gralha errante
Suspender póssa teus ligeiros passos.

Mas

Mas vê com quanto horror se precepita
O chuvoso Orionte! Eu sei qual seja
O recurvado seio
Do sombrio Adriatico, e do vento,
Que hoje galerno sópra, a vil perfidia.

De nossos féros Inimigos sintão
As Esposas, os Filhos duros golpes
Dos Furacoens soberbos,
Que desde o fundo escuro os mares volvem,
Que ao longe fazem rebramir as praias.

Assim do níveo Toiro a éspadua hum dia
Pelo mar opprimio crédula Europa,
E descobrindo o engano,
Debalde então temeo do mar as furias,
Então debalde vio nadantes monstros.

Ha pouco havia nos floridos Prados
De mil boninas enastrado a c'roa,
Que ás Nynfas destinava;
Escolhida da noite escura, e fria,
Nada póde ver mais, que os Ceos, e as ondas.

E apenas tóca da opulenta Créta
Com cem Cidades as soberbas praias,
De espanto, e raiva cheia,
Assim bradava: ó Pai, ó doce nome
De Filha, que eu deixei! onde hoje existo!

Sáo

São reaes minhas lagrimas, meus crimes?
Ou sônho vão me illude a Fantazia?
Acaso antes quizera
Colher no Prado hervoso as tenras flores?
Ou vir do mar azul cortando as ondas?

De furor, que meu peito abraza, escalda,
Tão possuida estou, que o faláz toiro,
Tão loucamente amado,
Despedaçára intrépida, quebrando
As temidas em vão ferozes pontas.

Abandonei sem pejo os patrios Lares:
Resta-me apenas a Infernal Morada:
Por que a aguardo mais tempo?
Se algum dos Numes Sempiternos me ouve,
Inérme aos Leoens rábidos me exponha.

Antes que o Tempo no meu rosto apague
A luz, a formosura, eu seja preza
Dos esfaimados Tigres:
Europa, indigna Europa, hum Pai deixado
Teu crime aos olhos teus julga, e castiga.

Que esperas? que detens? quem te suspende
A merecida morte? Acaso a falta
De duros Instrumentos?
Eis tens os troncos de hum Carvalho, e o cinto,
Que inda teu corpo felizmente aperta.

Se

Se mais te apráz o precepicio, aos olhos,
D'além se mostra alcantilada rócha:
Eia, aos ares te lança;
Ou, resoluta em fim, Régia Donzella,
Servir em ferros vis barbara Esposa.

Taes queixumes, sorrindo-se, escutavão
A Cypria Deosa, o pérfido Cupido,
Que a Mái acompanhava,
Sem que atezasse as retorcidas pontas
Da eburnea Lua, d'onde embebe as sétas.

Ao brinco dando fim, exclama: Europa,
Eia, põe termo ás lúgubres querêllas,
Aos duros ameaços;
Que bem depressa o Toiro aborrecido
Tu verás meigo receber teus golpes.

Conhéce que hes de Jupiter Esposa:
Deixa os suspiros vãos; mostra-te digna
Da sublime ventura:
Tu vais dar nome, e fama sempiterna
A' melhor Parte do habitado Mundo.

* * * * * * * * * * * * * *

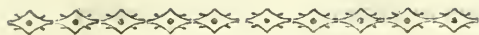
ODE XXVIII.

A Lidia.

HE sagrado a Neptuno este almo dia,
Oh Lidia, que faremos?
De huma austéra Moral rebate a força;
De recondita Adéga extrahe contente
Doce Licôr do Cécubo espumante.

Metade já transpõe do curso, o Dia,
Suspenso me parece:
Tira oh Lidia gentil de teu Celleiro
A antiga Talha, que o Licôr nos guarda
Desde o tempo de Bíbulo lacrada.

Firão-se as cordas da toante Lyra,
Cantemos á porfia
Ou de Neptuno a magestade, e as verdes
Madeixas das Nereidas. Tu canta
De Latona, e de Centia as leves sétas.

Depois unindo a voz, hymnos diremos
A' Deosa que preside,
Sobre as fulgentes Cicladas, que Páphos
Busca no Carro de atrellados Cisnes;
E, á fria Noite entoaremos Nenias.

O D E XXIX.

A Mecenas.

A Ti d'Etruscos Principes, Progenie
Destino oh meu Mecenas, inda intacto
Tonel de Licôr rubro,
E para ornar-te a frente,
Guardo enastradas pudibundas Rosas
E o Bálçamo, que entorne em teus cabellos.

Não te detenhas, vem; nem sempre observes
Da fresca, e grata Tivoli os oiteiros
De Túsculo as Campinas:
Deixa, a Grandeza, a Pompa
A quem de perto companheiros seguem
Momentos sem sabor, Tédio importuno.

Deixa os altos Palacios, que se mettem
Nas enroladas Nuvens; não te encante
Da Septicole Roma
O fumo, o reboliço:
Aos opulentos Principes, he grata
Em tudo a variedade, o novo em tudo.

Hum Banquete frugal, Sadio, e Limpo,
Sob Alizares rusticos disposto
Sem Docéis recamados

Sem purpura, e sem oiro
Trazem ás frontes, que o cuidado enruga
Serena paz, e candida alegria.

Já de Andromeda o Pai mostra seus fógos:
Já se enfurece Procião, já brame,
A Canicula ardente;
O Sol abraza os dias
Fatigado Pastor co'o manso Armento
Busca as Sombras, o Rio, e os Ventos dormem.

Tu novas Leis meditas, que o socego
A Patria possão dar, ao Estado, ao Mundo
Receias os projectos
Que contra Roma fórmão
O Tánais discordante, o adusto Séres
E Bactra, que já foi de Ciro o Imperio.

Deos esconde o futuro em sombra espéssa
Com prudente concelho: e dos Humanos
Escarnéce os temores,
Se além do justo passão:
Tu só te occupa do presente, e deixa,
O mais ás Leis da Providencia eterna.

Tudo se volve qual perenne Rio
Que huma vez socegado, os mares busca;
Outra vez espumando
Leva as penhas, e troncos
As Aldêas, o Gado, ao longe sôão
Das agoas co'o bramido, o Bosque, o Monte.

Man-

Manda em seu coração, só vive alegre,
O que póde exclamar, hoje existimos:
Embora envolva Jove
O Ceo d'escuras nuvens
No dia que ha de vir, ou surja alegre
Nelle o sereno Sol, e o Pólo aclare.

Frustrar não póde o Fado, o que he já feito
E, huma vez existio: não póde o Fado
Aniquillar os factos,
Que sobre as leves azas
Troxe inconstante, fugitivo Tempo:
» Taes são as Leis que Jupiter promulga.

Obstina-se a Fortuna em seus Caprichos
Sempre se apraz de lúgubres revézes:
E as quiméricas honras
Hoje léda me ortorga,
Logo, volvendo a roda, esparge aos outros
Os bens, que liberal, me dera, outr'ora.

Se os pés suspende Lubricos, a louvo:
Se bate as leves pennas, eu lhe entrego
Contente, o que me déra,
E na propria virtude
Me envolvo, e me reparo, e busco ancioso
Sem Gloria, sem Brazoens, Pobreza honrada.

Se as véllas rasga subita Procélla
Eu não recorro a vergonhosas préces
Por que Neptuno irado

Me

Me poupe as opulentas
Merces de Chipre, e Tiro, sem que ao fundo
Do avaro Mar augmentem os thesoiros.

Nos escarcêos da solta Tempestade
Tranquillo, hei de sulcar em lenho exiguo
As empoladas ondas
Do Egêo amotinado:
Hirei seguro com galerno vento
Co'o gémeo lume que he propicio aos Nautas.

* * * * * * * * * * * * * * * * * *

O D E XXX.

A Melpomene.

DEi fim a hum monumento, he mais duravel
Que as soberbas Pyramides, que o bronze,
Alluilo não podem
Rápidas agoas, que os Penhascos minão,
Nem dos fogosos Aquiloens os sôpros,
Ou dos ligeiros Seculos a fuga,
E a serie immensa dos vorazes Tempos.

A fria mão da morte impetuosa
Não pôde todo reduzir-me a cinzas;
A minha melhor parte
Se ha de evadir de Libitina aos golpes
Crescerá meu louvor d'idade em idade,

Em

Em quanto entrar do Capitolio as portas
O Sacerdote co'a Vestal modésta,

Por onde, pobre d'agoa, o Dáuno corre
Que agreste Povo innunda, e ferteliza;
E o A'ufido espumante,
Volve apressadas, rápidas correntes
Dirão, que humilde em Berço, e grande em nome
Sobre a Terra existi, que ao Lacio estyllo
Juntei primeiro Eólicos assentos.

E tu, do proprio merito escudada
De justo orgulho cheia, oh Musa, vôa
Sobre as azas da Fama:
E, não duvides circundar-me a frente
De vecejante Loiro, illustre premio
Que tu, sacra Melpomene, repartes
Aos doctos Filhos do fulgente Apólo.

LIVRO QUARTO.

ODE I.

A Venus.

A Quem, por tanto tempo as armas tinha
Cançado, em fim deposto,
De novo a guerra, oh Venus apregôas
Esqueça-te hum vencido. Jaz extincto
Aquelle fogo em mim que hum tempo viste
Quando duras cadêas,
Eu, Vassallo de Cinara, arrastrava.

Mãi cruel dos ternissimos Amores,
Deixa em o ocio tranquillo
O Mísero Soldado, que já tóca
Decimo Lustro da ligeira idade,
Indocil em soffrer teu brando imperio,
E vôa onde te chamão
Da Juventude as súpplicas ardentes.

E, se digno de ti, digno de Amores
Hum coração procuras,
Puxem os Cisnes candidos teu Carro
A habitação de Maximo, que as Artes

Cul-

Cultiva, os Réos defende, he bello, he nobre,
Teus féros Estendartes
A toda a parte levará com gloria.

A Fortuna o bafeja, elle triunfa
Com dadivas prestantes
D'hum Rival apocado, e já destina,
Nas frescas margens d'Alagoa Albana
Consagrar-te marmoreo simulacro
Assombrado co'as folhas
Das verdes odoriferas Cidreiras.

Nos teus Altares arderão contínuo
Suavissimos perfumes,
Ouvíras mil cançoens, mil brandos versos
Ao som da Lyra e Berecintia Frauta
Em honra tua candidas Donzellas
Com flóridos Mancebos
Formárão sempre festivaes Choréas.

Eu, de chammas reciprocas já deixo
A crédula esperança;
O tempo já passou, já não me he grato,
Sacrificar a Bromio, e a léda fronte
Já não me apraz cingir de frescas flores:
Mas porque Ligurino
Inda humedecem lagrimas meu rosto?

Huma apóz outra involuntaria corre;
E fica na garganta
A vóz que era tão prompta hoje truncada!

Em

Em lisongeiro somno inda te abraço
E, te sigo, oh cruel, no Marcio campo
E, te sigo nadando
Pelas voluveis Tiberinas agoas?

* * * * * * * * * * * * * *

O D E II.

A Julio Antonio.

QUem procura imitar Pindaro, oh Julio,
Qual Dedaleo Mancebo, se aventura,
A dar, voando, em azas enceradas
O nome aos vitreos mares.

Como torrente que dos montes desce,
A quem a chuva engrossa, e vence as margens;
Tal ferve immenso, e férvido se lança
Altisonante Vate.

Digno he Pindaro só do Delio Loiro:
Ou elle entôe audazes Dethirambos,
Ou elle entorne em ondas a harmonia
Livre das Leis humildes.

Ou Cante os Numes, os Monarchas cante
Progenie Devinal, que pôde hum tempo
Os Centauros domar, dar morte á horrenda
Flamívoma Chiméra.

Ou

Ou elle cante o vencedor em Piza
Que obtem a Palma, que a entestar o eleva
Co'o mesmo Olympo, e versos lhe consagre
Mais nobres que as Estatuas.

Ou elle chore da saudosa Esposa,
O meigo, e terno Esposo em flor cortado
E, ergue a virtude aos Ceos, salva-lhe o nome
Do Lethes invejoso.

Assim voando se equilibra o Cisne
Honra de Thebas sobre as altas nuvens,
E sóbe rapidissimo, entestando
Co'as fulgentes Estrellas.

Eu, igual ás solícitas Abelhas,
Que vão libando os Nectares das Flores,
Componho humilde, com trabalho, os versos,
De Tivoli entre os Bosques.

Tu, Vate mais subido, ah! tu sómente
Podes Cezar cantar, que ao Carro atados
Traz, enramando de Laureis a frente,
Os ferozes Sicambros.

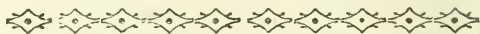
Cezar, preciosa dadiva dos Numes:
Raro dom que os Destinos nos fizerão;
E não farão jámais, inda que torne
A' Terra a Idade d'oiro.

Tu

Tu só descanta a sólida alegria,
O público prazer, pois Cezar volta;
O Foro emudecêo, fizerão pausa
Litigiosas vozes.

Se acaso he digno de se ouvir meu canto,
Teu canto seguirei, bradando, oh dia,
Dia feliz, que Augusto em fim trouxeste
Aos ditosos Romanos.

Dez Toiros, dez Novilhos, os teus votos
Aos Numes pagárão; tenro Novilho
Eu só pósso ofertar, sem Mái já brinca
Pelos hervosos prados.

As duras pontas, que da fronte rompem
Imitão Febe no terceiro dia,
Candida Estrella lhe assignalla a frente
O corpo todo he loiro.

O D E III.

A Melpomene.

AQuelle a quem Melpomene benigna
Meigos olhos lançou no tenro Berço;
Não buscará, por certo, ouzado Atléta
Istímicos combates
Nem de Achaia no campo em leve coche

Arras-

Arrastrado por férvidos Ginetes,
Correrá vencedor. Guerreiros feitos,
Q'abrem do excelso Capitolio as Portas,
Não lhe hão de a frente ornar do Delio loiro,
Por ter vencido os Reis, por ter domado,
Dos Potentados a Cerviz soberba.

Sómente á sombra de tufados Bosques,
E pelas margens dos serenos Rios,
Que férteis tornão co'a fugaz corrente
De Tivoli as Campinas,
A nobre Fama buscará, que outorgão
As Eólias Cançoens. Roma conspicua,
Soberana do Mundo, eis já se digna
Entre os amaveis Liricos contar-me,
Progenie excelsa de sublimes Vates,
Da torpe Inveja os venenosos dentes
Menos a clara Fama me ataçalhão.

Tu, que deriges da doirada Lyra,
Pieria Deosa as concertadas vozes;
Tu que do Mar aos Incolas dar podes,
Do Cisne a melodia;
Se eu sou chamado Vate, e se o Romano
Povo me mostra ao dedo, e se me aplaudem
Primeiro Mestre das Cançoens Latinas,
He teu presente só, dádiva he tua:
Devo-te a Fama, devo-te a existencia;
Por ti sou grato ao Mundo, e se meus versos,
Já celebrados são, tu lhes dás gloria.

ODE

* * * * * * * * * * * * * *

ODE IV.

Elogio de Druso.

QUal Aguia generosa, que o trisulco
Raio ministra ao Arbitro dos Numes,
A quem potente Jove,
O Imperio deo das vagabundas Aves,
Depois que aos Ceos o loiro Ganimedes
Levar pôde, fiel, nas pandas azas:
A quem Patrio vigor, e a juventude,
Não vista no trabalho, ao ninho arrancão,
E lhe ensinão golfar volantes nuvens,
Que impetuosa desce
Aos currais a empolgar Rebanho inerme;
E logo o amor da Lide, e a fome obrigão
A ataçalhar Dragoens, que em vão pelejão.

Ou qual tímida Corsa atenta ao pasto
Vê ao longe o Leão que as fulvas tetas
Da mãi deixára á pouco;
E já, (preza infeliz!) receia as garras:
Tal dos Alpes nas faldas escabrosas,
Vírão Druso empunhar, brandir as armas,
Os ferozes Vindélicos rebeldes
Da Amazonia Bipene as mãos armadas
O vírão Esquadroens, por nós vencidos.
Dos Ceos alto segredo!

Tan-

Tanto pôde a prudencia, e tanto pôde
De hum Mancebo o valor, e tanto o peito
Dos Neroens que adoptára, e anima Augusto.

Dos fortes, nascem fortes, e a virtude
No feróz Toiro, e férvido Ginete,
He dos Pais derivada.
D'Aguia real não nasce a Pomba imbelle:
Mas pôde a educação dar mór valia
A' força natural, pôde a cultura
Desenvolver o Germen das virtudes,
Dar-lhe viço energia. Onde costumes
Falecem, de repente o vicio impéra;
Quanto deves oh Roma
Aos valentes Neroens, Metauro o diga;
Diga-o Asdrubal derrotado. Oh dia
Sempre formoso nos Romanos Fastos!

De Italia afugentou medonhas sombras,
E primeiro raiou com luz serena
Depois que Anibal féro,
Qual chamma rapidissima, que abraza
O denso Bosque, ou Euro impetuoso,
Que de Cecilia o mar revolve, e turva
Toda a Espéria assollou. Ditoso dia,
Em que a Romulea Prole vencedora,
Com trabalho feliz subio aos Astros!
Então brilhou de novo
Dos Sacros Templos o esplendor manchado
Por Africanas mãos: e os altos Numes
Altar tiverão, Sacrificio, Incenso.

En-

Então bradava o pérfido Africano,
Já somos preza d'esfaimados Lobos;
Não mais a força, o brio
Hoje, tímidos Cervos provoquemos:
Poder fugir das garras esfaimadas
Eis o illustre triunfo, a gloria nossa.
Nação que evadir pôde o ferro, a chamma
De astutos Gregos, que abrazárão Troia,
Assoitada dos ventos, e das ondas
Ludibrio longo tempo
Foi d'inconstante mar, até que pôde
Tocar d'Hespéria a praia, e dar a Hespéria
Seus Penates, e Avós, seus tenros Filhos.

Qual nas montanhas d'Algido a Azinheira
Dos repetidos golpes desbastada
Da rigida Bipene
Se arreiga mais, e mais, tal Roma altiva
Do mesmo ferro, que a combate, tira
Mais força, mais vigor, mais cresce em gloria.
Não d'outra sorte, mutilada a horrivel
Hydra disforme contra o féro Alcides,
Que se indignava de se ver vencido;
Com mór furia crescia,
Nem Thebas vio brotar no extenso Campo,
Nem Colcos pulular entre os venenos,
Mais alentado furioso monstro.

Embora a possão sepultar no abysmo,
D'entre as sombras do Cáhos, mais formosa,
Ha de elevar a fronte.

Lu-

Lutem com ella formidaveis braços,
Seu mesmo vencedor com baque horrendo
Verá cahir na terra. As Mãis aos Filhos
Contarão lides, contarão triunfos;
Eu já não pósso annunciar Victorias
A' Carthago .... acabou Fortuna, e Gloria
Quando Asdrubal expira.
Tudo póde de Claudio o braço invicto:
Jove o defende, e a Mente cautelosa
Das mãos o tira do perigo, e morte.

* * * * * * * * * * * * * *

ODE V.

A Augusto.

DOs Numes immortaes, Rómulo he próle:
Celeste Genio, Protector de Roma
De nós ha quanto tempo te afastaste!
Torna, Cezar á Patria,
Traze-lhe a doce luz. Quando teu rosto
Assoma, eis surge a Primavera alegre;
Mais doce então se volve o claro dia,
He mais sereno o Ceo, mais brilha Apólo.

Qual terna Mái do Filho separada,
Que além do mar os ventos lhe demorão,
Que com suplices votos, e com preces
Aos Ceos por elle brada
Fitos na praia os olhos saudosos,

Ver arfando o Baixel no mar se finge.
Dest'arte a Patria com sinceros votos,
Busca, aguarda que volte o invicto Cezar

Seguro, em teu Governo o Boi tardîo,
Pasce, e devide a Terra em longos sulcos
Alma alegria, e paz, e a loira Ceres
Os campos fertelizão.
O Nauta fende os mares aplainados.
Nega a sincera Fé a entrada ao Crime
A casta habitação, as Leis, costumes
O cauteloso Adultero refreão.

De virtuosos Pais he justa a prole:
Corre a sevéra pena a par do Crime.
Quem teme hórrido Persa, ou frio Scita
Se impera o grande Augusto?
Quem se horroriza co'os ferozes Monstros
Que a Germania produz raios na Guerra?
Quem se amedronta co'o feróz tumulto
Que excita lá de longe a inculta Iberia?

O Lavrador contente as horas passa
Nos montes Paternaes tranquillo, e lédo
Casa co'os altos e despidos troncos
As vides pampinosas.
Em honra tua libaçoens consagra
Co'o licôr lédo, dadiva de Bromio
Entre os Lares Domesticos te invoca
Como a Grecia invocou, Polux, e Alcides.

Pós-

Póssas oh Cezar, dos Reinantes honra,
Fazer volver na Hespéria alegres dias:
Estes os votos são do Mundo, e Roma
Isto aos Numes rogamos
Quando aponta a manhãa, quando o Sol nasce.
Aos Ceos as mesmas súpplicas se inviáo
Quando alegres bebemos, quando a Noite
Surge, e o brilhante Sol, no mar se atufa.

ODE VI.

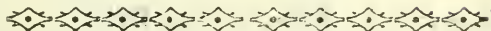
Em louvor de Apólo, e de Diana.

OH Numen Domador da raça impía
De Niobe insolente
De Ticio roubador tu já vingaste
Sacrilego delicto.
Tu foste o vencedor do bravo Achiles
Que da soberba Troia,
Quasi só destruíra os altos muros:
Da Grecia o mais valente
Só (desigual Soldado) a ti sómente,
Cedeo nas fortes armas:
Inda que Filho da Cerulea Thetis
Inda que as reforçadas
Torres Dardanias aluîo co'a lança;
Cahio, mordendo a Terra,
Qual Pinheiro abalado aos duros golpes,
Da rígida Bipene,

 Ou

Ou qual dos soltos Euros combatido,
Verdenegro Cypreste.
Não foi no seio escuro, e d'armas prenhe,
Do fementido Bruto,
Que votou falso Argivo á Grão Minerva
Entre festivas danças
Dos míseros Troianos enganados.
Com força descuberta
Da invicta Espada desfexava raios
E, dera crua morte
Aos mudos Innocentes, the fexados
Nas maternaes entranhas;
Se o Pai dos Numes, o supremo Jove
Vencido de teus rogos,
E das ferventes lagrimas de Venus
Não premitíra a Eneas
Erguer com lédo auspició outras Muralhas
Em Terra mais ditosa.
E, tu da casta, harmónica Thalia
Tu Preceptor Céleste,
Que os ondados finissimos cabellos,
Lavas no claro Xanto,
Tu defende o Brazão, sustenta a Gloria
Das Latinas Camenas.
Febo o fogo me dá, que o Genio abraza
Dá-me o nome de Vate.
E vós Donzellas Candidas, oh Môços
De clara Stirpe, e sangue,
A quem protege a Diva, que atravéssa
Co'as voadoras sétas

Li-

Ligeiros Cervos, fugitivos Linces
Observai a harmonia
Dos versos meus, do Lesbico Alaûde.
Cantai com sons acordes
O Filho de Latona, à argêntea Febe,
Que a noite nos aclara,
Que as ondeantes Mésses nos prospéra,
E volve alegres Mezes.
Quando Hymineo suave em laços d'oiro
Os coraçoens vos prenda
Direis então nos seculares Jógos
Ao som da eburnea Lyra,
Repetimos Cançoens do Vate Horacio
Que aos Numes agradárão.

O D E VII.

A Torcato.

DEsfez-se a neve, os campos dilatados
De vecejante relva se matizão
E, de virente Cónia
As corpulentas Arvores se enfeitão.

Muda de face a Terra, os turvos rios
Eis já se estreitão mais nas vitreas margens:
Formão as graças nuas
Co'as gentis Ninfas concertadas Danças.

A successão das Estaçoens, das Horas
Que os leves dias rápidas nos levão;
Com alta voz nos bradão
Que a eterna duração debalde anhelas.

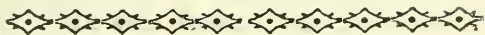
O rude Inverno os Zéfiros abrandão:
Succede á Primavera o secco Estio
Que se retira, e foge
Quando o Outono pomífero aparece.

Logo, prestes retorna o frio Inverno,
Mas finda seu rigor, findão seus damnos:
Só nós quando descemos
A's sombras onde existe o pio Enéas,

Onde envolto jaz Anco, e o rico Tullo:
Somos ligeiro pó, volantes sombras.
Quem sabe se os Destinos
Hum dia mais, nos guardão d'existencia!

Tudo quanto ao prazer deres contente
Escapará das mãos de avaro herdeiro,
Quando da Parca o ferro
O fio te cortar da fragil vida,

Quando em seu Tribunal, Minos te julgue
Nada, oh Charo Torcato, o sangue illustre
A Eloquencia, a virtude
Te ha de chamar de novo á doce vida.

Das trévas infernaes tirar não pôde
Jámais o casto Hippolyto, Diana:
Nem das prizoens do Lethes,
Thezeo desliga o pranteado Amigo.

ODE VIII.

A Censorino.

SE eu de Parrasio os Quadros possuíra
Se as fadigas d'Escopas, que dos Jaspes,
De Numes, e de Heroes formára Effigies,
(Bem como aquelle co'os Pinceis no Lenso;)
Déra aos charos amigos
Ricas Estatuas, Bronzes, e Relevos,
E Tripodes doiradas,
Dos fortes Gregos, recompensa illustre.

Nem tu terias, Censorino amado
As menos ricas dadivas prestantes.
Estes sublimes monumentos d'arte,
Os meus estreitos cabedaes excedem.
Assáz delles hes farto;
Meiga Fortuna, e Gosto te bafejão;
Mas pois estimas versos,
Versos d'estima, e preço, eu pósso dar-te.

Mas nem marmoreos Bustos, e as pomposas
Lapidaes inscripçoens que o nome guardão

Dos

Dos grandes Capitaens; d'Anibal féro,
As rechassadas, e vencidas Hostes;
D'impia Carthago as cinzas;
Louvão mais o guerreiro a quem deu nome
A Libia avassallada,
Que a branda voz das Musas de Calabria.

Se hum livro emudecer, perdes o fructo
De teus illustres, e guerreiros feitos:
Onde existíra de Mavorte o Filho,
Se invejoso silencio se oppozera,
De Romulo á memoria?
Podérão versos de sublimes Vates
Tirar da Estige, Eáco
Fazendo-o habitador do Elizio campo.

Quebranta a docta Musa as Leis da morte;
E o prestante Varão conduz ao Olympo:
O infatigavel Hercules dest'arte
Pôde sobir de Jove, ao Throno, á Meza,
Assim Castor, e Polux
Salvão das ondas combatidos Lenhos.
Assim do Mundo os votos
Bromio acceita de pampanos c'roado.

ODE

* * * * * * * * * * * * * *

O D E IX.

A Lolio.

NÃo creias, Lolio, que a terrivel Morte
Póssa seus golpes desfechar nos versos
Que eu, nascido Poeta
Nas Ribeiras do Aufido espumante
De nunca ouvida Lyra aos sons ajunto.

E se o Throno mais alto occupa Homéro;
Náo ficáo sepultados entre as sombras,
Do mudo esquecimento
De Pindaro, e Simonides as Musas
De Stesicoro, e Alcêo os tons severos.

Os voadores Seculos respeitáo
Do folgazáo Anacreonte os versos.
Amor inda respira,
Da Môça Eólia nas Cançoens suaves:
Vive o fogo, que a Lyra lhe abrazava.

Náo foi primeiro a decantada Helena,
Quem se deixou prender do aureo cabello
Dos soberbos vestidos
Tecidos d'oiro, de pomposo fausto
» De hum lisongeiro Adúltero ardiloso.

Náo

Não foi primeiro Teucro o que com arte
As pontas encurvou d'arcos Cidonios
As sétas embebendo.
Nem setiados vio seus altos muros
Só dos Argivos a abrazada Troia.

Nem derão só combates sanguinosos
Dignos da voz, e das Cançoens das Musas,
Sthénelo arrogante
E o grande Idomeneo. Victimas muitos,
Antes de Heitor, e Deifobo expirárão.

Muitos Heroes intrepidos vivêrão
Antes de Agamenon, mas não chorados
Jazem nas frias cinzas
Não tiverão cantor. Mui pouco dista
Da vil inercia incognita virtude.

Não deixárão meus versos ignorado,
Oh Lolio, teu louvor. Teus altos feitos,
Não deixarei cobertos,
Do esquecimento lívido co'as azas
Em meu canto, immortal, será teu nome.

Em negocios do Imperio, alma profunda:
Tu vez com rosto impávido, e seguro,
Huma, e outra fortuna:
Juiz imparcial, jámais impune
Deixas o crime, e sordida avareza.

O

O brilhante metal, que tantos prende
Perde comtigo a força; e nunca expira
Teu Consulado augusto.
Hes Magistrado sempre, quando inteiro
Propoens a honestidade aos interesses.

Com pezado sobrolho, austera fronte,
Tu regeitas as dadivas de Iniquos:
Da virtude escudado
Fazes passar victoriosas armas
Entre inimigas hostes que resistem.

Tu jámais chames bemaventurado
Quem tem grandezas, e thesoiros guarda
He sómente ditoso
Quem sabe usar das dadivas dos Numes
Quem soffrer póde a rígida pobreza.

O que se ancêa, e tímido descóra
Mais á face do crime, que á da morte:
Aquelle que não teme
O proprio sangue derramar constante
Se amigos, Cidadãos, se a Patria o pedem.

ODE

✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳

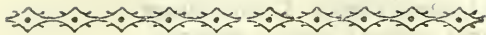
ODE X.

A Ligurino.

LIgurino cruel, e inda formoso,
E digno inda de amores,
Quando importuna, inesperada barba
Vier do rosto teu pizar o orgulho:
Quando os loiros cabellos,
Que ora nos alvos hombros te fluctuão,
Forem mudados pelas mãos da idade.

Quando nas faces mórbidas, e bellas,
A purpura se eclipse,
Que ora a côr vence da punícea Rosa:
Quando teu rosto, que me encanta agora
Perder o viço, a graça,
» E a luz dos olhos teus, lánguida, e morta
E, a frente eburnea, ríspida, e rugosa.

Ai! de mim, bradarás, (quando te vires
No refulgente Espelho,
Tão diverso daquelle Ligurino
Agora encantador.) Por que apeteço,
O mesmo, que eu negava?
Porque não corresponde o rosto antigo
De novo agora aos férvidos desejos?

ODE

ODE XI.

A Filis.

EU guardo oh Filis hum Tonel que encerra
Ha nove Invernos, o Licôr d'Albano:
No viçoso Jardim, crescem as Heras,
Cresce o Aipo abundante
Que te ficão tão bem, quando aos cabellos
Delles teces grinaldas florescentes.

Os alizares prateados brilhão;
E cinge o sacro altar casta verbena;
O sacro altar, que apetecer parece,
Das victimas o sangue.
Estão promptas as mãos ao sacrificio
Girão em torno os Môços, e as Donzellas.

Ondêa a crepitante lavaréda
Que o ar toldando vai d'espesso fumo.
O solemne aparato, a pompa bradão
Oh Filis que hes chamada,
A celebrar os Idus, que devidem,
O matizado Abril, tão grato a Venus.

Para mim fausto dia, e mais solemne
Que meu dia natal. Nelle Mecenas
O gyro começou da idade sua.

Dei-

Deixa oh formosa Filis,
Deixa pois de seguir Telefo illustre
De teus desejos férvidos, objecto.

Donzella mais feliz, mais nobre o guarda
Envolto, e prezo em ríspidas cadèas,
Mas que elle beija, voluntario Escravo
Faetonte abrazado
Do coche etherio, e lúcido cahindo,
Desengana avarentas esperanças.

O mal sofrido Pégazo co'o pezo
Do grão Belerofonte, exemplo he vivo,
Ao soberbo mortal, na quéda infausta,
Não transponhas a Esfera,
Que a sorte te assignou: julgo hum delicto
Céga ambição, que o desigual procura.

Eia oh Filis, meus ultimos amores
(Ultimo jugo, que arrastrar prometto)
Estuda doces Arias, que repitas
Co'a voz encantadora;
Olha, que os tristes lúgubres cuidados,
Ao som de mágos versos se dissipão.

* * * * * * * * * * * * * *

O D E XII.

A Virgilio.

DA Primavera lisongeiros Socios
Já sóprão Tracios ventos, que encrespando
Do mar azul a trémula planicie,
Enfunão brancas véllas.

Já de néve as campinas não se alastrão:
Os crystallinos rios, já libertos
Dos gelados grilhoens com rouco estrondo
Não vão cortando os eampos.

A infeliz Ave, que se dóe, se queixa,
Da morte d'Atis, com magoado acento,
Sentindo os dias tépidos fabríca
Seu ninho industrioso.

(Perpétuo opprobrio da Cecópria Casa
Q'ardendo em puro zello, ardendo em fogo,
Da impureza d'hum barbaro Monarcha,
Impávida se vinga.)

Ao som da frauta agreste, já repetem
Estendidos na relva brandos versos
Os Pastores ao Deos, que os gados préza,
Q'ama d'Arcadia os montes.

A suave Estação, Virgilio, accende,
Em nós a sêde d'espumante vinho;
Tu valîdo dos Principes, tu podes,
Beber Calleno Nectar.

Eïa, apressa-te, e vem; traze comtigo
Pequeno vaso de Sabeos perfumes
Elle vale hum Barril, que pousa escuso
N'Adéga de Sulpicio.

Almo Licôr, que aviva as esperanças:
Que mil prazeres traz, que accende o rosto,
E, que do peito túrbidos cuidados
Espanca para sempre.

Se tanto bem te apraz, corre apressado
Traze comtigo os bálçamos, são preço
Das invejadas dadivas de Bromio
» Que alegre te offereço.

Mas não de graça regalar-te intento
Como na casa de abastado, e cheio,
Esqueção-te porém fagueiros lucros
E acode persuroso.

Sempre lembrado da funesta Pira,
Junta á séria razão, breve Stulticia;
Que huma loucura a tempo, torna doce
O pezo da existencia.

ODE

* * * * * * * * * * * * * *

ODE XIII.

A Licia.

MEus fervorosos votos,
Escutárão os Ceos, Licia, escutárão
A fria mão da Idade te converte
Em repugnante velha:
E, queres inda parecer formosa!
Inda impudente bebes, e inda danças!

Com voz trémula, e rouca
Desafias Amor! Amor que he surdo!
Elle tranquillo pousa, e meigo habita
Nas faces delicadas,
Nas madeixas subtis, no eburneo cólo
Nos igneos olhos da cantora Grega.

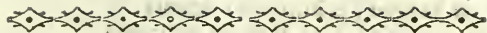
Rindo Amor esvoaça
Deixa a cortiça de Carvalho annoso,
E quando vê teus dentes amarellos
Teus cabellos de neve
E do rosto escarnado as torpes rugas
Feicha as azas, e tímido se esconde.

A Purpura brilhante,
A Pedraria fúlgida, não podem
Trazer-te os dias da primeira Idade

Os florescentes dias
Que a avara mão do Tempo inexoravel
Entre a sombra dos Seculos sepulta.

Que he feito dos Prazeres
Daquella viva graça, e tez mimoza,
Daquella Licia, que inspirava amores?
Daquella formosura,
Que muito a meu pezar, levar-me pôde,
Captivo o coração, preza a vontade?

E que nos resta agora,
Daquella Licia que brilhára tanto
Que apenas em belleza era vencida,
Por Cinara, que os Fados
Nos cortárão em flor, qual tenra planta
Que o surdo vento assoita, o Sol derruba!

Destinos invejosos,
Que deixão viver Licia inda mais tempo
Que huma importuna Gralha, porque possão
Os fervidos Mancebos,
Não sem riso, observar brilhante Faxo
Tornado em frio pó, tornado em cinzas.

ODE XIV.

A Augusto.

Com que brazoens, e titulos famosos,
O Povo de Quirino
E o grão Senado dos Conscriptos Padres
Já pôde eternizar teu nome, oh Cezar!
Em que Fastos lançar com letras d'oiro
A Fama eterna das virtudes tuas?

Por onde o claro Sol, ou nasça, ou morra
Esparge os igneos raios,
Se he clima donde alvergue a especie humana,
Alli hés dito, e proclamado sempre
O maior entre os Principes, d'esta arte
Teu nome, e Fama aos Astros se levanta.

Aos ferozes Vindelicos, que o Lacio
Jugo jámais provárão
Tu fizeste sentir o pezo, a força
De tuas armas triunfaes; e Druso
Das vencedoras Legioens á frente
Pizou, venceo, Genânos indomaveis.

Domou velozes Brenos abatendo
Innacessas Trincheiras
Postas nos cumes dos tremendos Alpes.

Logo o primeiro dos Neroens entorna
Rios de sangue, e impávido derrota
(Feliz auspicio!) os Rêssios belicosos.

Digna scena de ver-se! Eis já no meio
Das combatentes Hostes,
Que victimas abate! E quantas frentes
(Miseravel ruina!) entrega á Morte!
Corre, qual Austro, que revolve as ondas,
Quando as Pleiades rásgão densas nuvens.

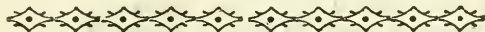
Tiberio corta os Esquadroens armados
Qual Aufido expumante
Que da Calabria o campo alaga, e cobre,
Assim valente, e rápido arremeça
O Ginete feróz por entre as chammas
As Falanges dos Barbaros derruba.

Inda que armadas venhão d'aço, e ferro;
Com ímpeto espantoso,
Alastra de cadaveres a Terra;
Sem sangue he vencedor: assim triunfa,
Tu, Numen Tutelar, seus passos guias,
Tu lhe dás armas, tu lhe dás concelho.

E tres lustros depois, tornando o dia
Em que humilde, e submissa,
De Alexandre a Metropoli te abríra,
Seu vasto Porto, seus desertos Paços,
Ventura sempre igual, poz termo á Guerra
Teu Imperio acabado, encheu de Gloria.

Oh

Oh Genio Tutelar de Italia, e Roma
O Indo, o Partho, o Scita
O Cántabro indomado hoje te adoráo
O Nillo que aos Mortaes a frente esconde:
Já te admira o Danubio alto, e profundo,
E o Tigris rapidissimo, te aclama.

E o Mar que brame rouco, e furioso
(De monstros povoado,)
Nas Costas d'Albion, recebe humilde
As Leis, que tu lhe impões. O Ibéro ardente,
E o Trace ousado, que despréza a morte,
A teus pés, c'o Sicambro, as armas prostráo.

ODE XV.

Elogio d'Augusto.

AO som da eburnea Lyra, em magos versos
Destinava cantar da Guerra os tranzes
Muros entrados, derribadas Torres,
Eis do Olympo me brada,
Auri-Crinito Apólo, e não consente,
Que eu golfe o mar Tirreno em fragil Barca.

He tua Idade, Augusto, a idade d'oiro
Os Campos cobre d'abundantes Mésses:
Ao Capitolio, a Jove, hoje são dadas

As

A perdidas Bandeiras
Arrancadas de novo ao Persa ousado
Feicha-se o Templo do bifronte Jano.

Geme, enfreado, o Crime audacioso
Reina, a Justiça, a Paz; e os vicios morrem
Brilhão de novo as desprezadas Artes,
Com que o nome Latino
Sobíra aos Astros, e de Italia as forças,
Tanto crescêrão na passada Idade.

Voa do Imperio, a magestade, a fama
The onde nasce o Sol, e onde se occulta.
Em quanto Cezar, manejar as rédeas,
Ao Povo de Quirino,
Da Civil Guerra a Furia Sanguinosa,
Não veremos surgir do Inferno horrendo.

O Furor cégo, que os Punhaes aguça
Que arma contra os Mortaes, Mortaes soberbos,
Q'entre Cidades, e Cidades alça
O Faxo da Discordia,
Os ternos laços desatar não póde
Da Paz que nos conserva, e que nos guarda.

Os Habitantes da Germania fria,
Que do fundo Danubio as agoas bebem,
Os Persas infiéis, Séres, e Getas,
Os Póvos que nascêrão
Do Tánais pelas margens congelladas
De Julio, o Edicto, as Leis, submissos guardão.

E,

E, nós contentes nos sagrados dias
Entre as fágueiras dadivas de Bromio
Co'os ternos Filhos, co'as fiéis Esposas
Com sacrosantos ritos
Invocaremos os Supremos Numes
» Entre fumo odorifero de Incenso.

E, ao som da Lidia Frauta, os altos feitos
Dos Vencedores Capitáes cantando,
Sua virtude aos Astros ergueremos,
E sobirá com ella
De Anchises, e de Troia, o nome, a gloria
E d'alma Venus a Progenie excelsa.

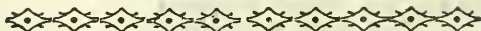
LIVRO DOS EPODOS.

EPODO I.

A Meçenas.

EM ligeiros Baixeis, cortando as ondas
Hirás charo Mecenas,
Entre os pujantes, torreados Lenhos,
Do rebelado Antonio
Expondo a vida ao mar, ao ferro, ao fogo
A que se exponha Augusto
Eu, que devo fazer, que só comtigo
Pósso prezar a vida?
(Sem ti me he grave a vida, e doce a morte)
Gozarei do repouso
Que eu não desejo, e busco, se a teu lado,
Não provo seus prazeres?
Vestirei férreas armas, que mál cumprem
A fragil peito imbelle?
Eu seguirei com animo prestante,
E sem temor teus passos
Pelos serros dos Alpes congellados
E Caucaso intratavel
E, pelas que o Sol últimas devisa
Inhabitadas praias.

Mas que pósso ajudar-te, inerte, e froxo,
Nos transes de Bellona?
A dura ausencia dilatada augmenta
Meus tristes sobresaltos,
Afrontando a teu lado a morte escura
Serão menos pezados.
Tal a Pomba solícita esvoáça
Em torno ao charo ninho:
Co'as meigas azas cobre implumes Filhos
Temendo a negra Serpe.
Longe do Lar pequeno, inda mais teme,
Os Silvos espantosos
Junto delle talvez servir podéra
De Escudo aos féros golpes.
Hirei, pois sem pavor, da horrivel guerra
Ver a face medonha.
De teu amor na sólida esperança,
Desafiando a morte,
Não porque intente fecundar mais campos
Com próvida Lavoira.
Ou conduzir Armentos numerosos
Dos pastos de Calabria,
Aos vales de Lucania, antes que Sirio
Dardeje ardentes chammas;
De meu pobre casal chegando os marcos
De Túsculo ás Muralhas.
Os beneficios teus cumprírão promptos,
E excedêrão meus votos.
Eu não desejo amontoar thesoiros,
Qual avarento Crémes,

Para os gastar, qual gasta o desleixado,
Dessipador Herdeiro.

EPODO II.

Louvor da vida Campestre.

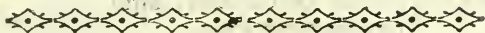
HE só ditoso aquelle, que afastado
Do estrépito do Mundo
Frugal, co'os proprios Bois cultiva o Campo
Que de seus Pais herdára,
Livre do torpe lucro: assim vivêráo
Os primeiros humanos.
O som medonho da guerreira Tuba,
Jámais o sobresalta.
Do irado mar náo teme as roucas ondas:
Nem desvelado corre
Aos Tribunaes, aos Porticos dos Grandes
Ao despontar d'Aurora.
Ora co'o Chopo antigo, enlaça, e prende,
As pampinosas vides,
Co'a recurvada Foice, outr'ora corta,
Os inuteis renovos,
E, hum tronco mais feliz n'hum tronco encherta
Já no fundo dos vales,
Contente vê pastar fecundo Armento
Que atrôa o ar mugindo.
Já cresta o loiro mel; já das ovelhas,
Tosquia os crespos vêlos.

Ergue o fecundo Outono a leda fronte
De Pomos coroada;
Quanto lhe apraz colher do ramo a fruta
Que elle mesmo enchertára!
Cortar da cepa humilde o doce cacho,
Que á purpura se iguala?
Taes dons a ti Silvano, a ti Priapo
Consagra nos altares.
Quer acaso encostar-se á sombra fresca
De antigas Azinheiras?
Ou na relva tenaz, que enroupa os Campos?
As agoas que murmurão,
O brando som das Aves lisongeiras
Co'as agoas misturado,
Do somno os doces balçamos lhe entornão,
Nas palpebras cançadas.
Ou quando Jove no sombrio Inverno
Tóa, e derrama o Gello,
Então lhe apraz colher na cauta rede
O Javali cerdoso,
Acossado dos caens, que látem féros
Nos matos intrincados.
Aos Tordos comilloens, fórma aboizes,
Em cilada escondida,
Apanha a Lebre tímida, e ligeira.
No laço ou visco enréda,
O Grú de arribação, premio jocundo
Da fadiga innocente.
Podem d'Amor acaso, entre estes brincos,
Lembrar as férreas sétas?

Se

Se d'outro lado a casta, e terna Esposa,
Qual antiga Sabina
Mulher do forte Calabrez, queimada
Do Sol, e ardente Clima
O ajuda em seu trabalho, e educa os Filhos,
Se quando á noite torna
Dos rusticos empregos fatigado,
Accende a antiga lenha,
E, das Ovelhas, que aos Rediz levára,
Ordenha o doce nectar,
Se do Tonel bojudo extrahe contente
Almo Licor de Bromio . . . .
Eu taes regallos, preferíra alegre
A's Ostras de Lucrino
Ao saboroso Peixe, que mil vezes
A negra Tempestade,
Que o vento oriental conduz nas azas
Troxe ás praias de Hespéria.
Ave Africana, saborosa, e tenra,
O Francolim de Jonia,
Nunca tão gratas a meu gosto forão,
Como forão no Campo,
As hervas salutiferas ao Corpo;
Os fructos da Oliveira;
Ou mimosa Novilha dessangrada,
De Termino nas festas:
Ou do Lobo feróz tirado ás garras
O tenro cordeirinho.
Quam grato he ver entre frugaes Banquetes
Tornar mansas Ovelhas

Já

Já do pasto aos curraes, e os Bois cançados
Trazer do Arado o ferro,
Pendurado do lánguido pescoço,
E ver em torno ao fogo,
Assentados os simplices Escravos
Que na casa nascêrão,
Alfio Usurario discorreu dest'arte
Prompto a buscar o Campo.
Ajunta os cabedaes, que tinha a juro,
Mas de novo os empresta.

EPÓDO III.

A Mecenas.

SE ha Parrecida que do Pai caduco,
O sangue derramasse;
Alhos coma sómente, que a Cicuta
He menos venenosa.
Oh cegadores rusticos, vós tendes
Estomagos de ferro!
Que veneno cruel me despedaça
As torradas entranhas!
Atróz peçonha, Vibora cruenta
Lançou nestes manjares
Ou, delles foi maldita cozinheira
A pérfida Canidia.
Quando o bello Jazão, dos Argonautas
O Conductor Valente,

Foi

Foi subjugar os indomaveis Toiros,
Sob ignorado jugo;
Medéa os membros lhe banhou co'o çumo
Dos alhos expremido.
Antes que as rédeas aos Dragoens Sanhudos
Batesse sobre os ares,
Fugindo de Corintho, com tal çumo
Os vestidos molhava
Com que do leito seu vingava a afronta
Na Rival innocente.
Jámais nos campos de Calabria, Sirio
Vomitou tanto fogo,
Jámais nas veias do valente Alcides
De Nezo as vestiduras
Tantos accezos turbilhoens lançárão
De chamma abrazadora.
E se veneno tal, teu gosto prende,
Verás, charo Mecenas
Como de ti fugindo a terna Môça
Teus osculos regeita.

* * * * * * * * * * * * * *

EPODO IV.

Contra Mênas.

QUal se observa perpétua antipathia
Entre o Lobo, e Cordeiro,
Tal a aversão, discordia sempiterna
Que a Natureza inspira,
A meu peito por ti, malvado infame
Q'inda o corpo conservas,
Do Hiberico Azurrague retalhado.
Q'na escarnada perna
Tens os signaes das asperas correntes
E vilissima braga
Embora campeando audacioso
Ostentes vão thesoiro,
A brilhante Fortuna não disfarça,
Teu vilissimo Berço
Quando arrastras, vaidoso, a ondada veste,
Enchendo a larga rua;
Olhando de revés, todos te insultão
No peito lhes não cabe
A livre indignação, todos exclamão
Eis o illustre Romano
Tantas vezes do assoite fustigado
Que o Porteiro cansava
Hoje lavra de Terra immensas geiras
Nos Campos de Falerno,

E,

E, sob os pés de alípedes Cavallos
Treme a Terra, se passa.
De Oton pizada a Lei se assenta altivo
Nos degráos do Theatro
Que a mesma austéra Lei, marca ao Senado.
De que serve aprompiar-se
A tanto custo fluctuante Armada
Contra Escravos rebeldes
Contra Piratas vis, se he Mênas feito
Supremo Commandante?

EPODO V.

Contra Canidia Feiticeira.

NUmes, oh Numes, Arbitros do Mundo
Que com potente braço
Desde o sereno Ceo, regeis a Terra!
Q'insólito temulto!
Por que se volvem com rancor os olhos
De quantas me contempláo?
Dizei: por vossos Filhos vos conjuro,
Por Lucina invocada,
E pela illustre Purpura, que visto,
E por Jove Supremo,
Porque me olhais qual aspera Madrasta
Ou, qual Féra nos Bosques
De voadora séta penetrada?
Apenás tenro Infante,

Ex-

Exhalou com voz trémula taes queixas
Das vestes o despojão
Seu bello corpo enternecido houvera
O bellicoso Trace.
Feróz Canidia, sôltos os cabellos,
Q'as Serpes enlaçavão,
Dentro de hum fogo magico mettia
As folhas da Figueira
D'entre as pedras d'hum Tumulo arrancadas,
E o funebre Cypreste,
E da Coruja os ovos, e a plumagem
Tintos no torpe sangue
De huma palreira Ran, e hervas trazidas
De Cólcos, e de Hibéria.
Duros Paizes, de venenos férteis,
E os óssos arrancados
Das fauces de Cadella esfomiada.
Depois, correndo em torno,
A feróz Maga, os angulos da casa:
Borrifa a nua Terra
Co'o Licor, que tirou do Estigio Lago.
Qual Javali, que foge,
Qual o marinho ouriço, se lhe irrição
Na cabeça os cabellos;
Veia incensivel, ao remórso, ao grito
A' voz da Consciencia,
Co'a dura Enchada escava a Terra fria,
E geme de trabalho;
Fórma cova profunda onde soterre
O mísero Menino.

Deixando á flor da Terra a face imberbe
Como fica nas ondas,
Do forte Nadador suspensa a fronte.
Só podendo co'a vista
Hir tocar os manjares que no dia
Tres vezes lhe renovão,
Para que ás mãos de descarnada fome
O mísero expirasse.
E arrancando-lhe o Figado, e as Médulas
Para formar hum Filtro
Poderoso em amor, quando em seus olhos
Fitos nas iguarias,
Se embaciásse a luz: já não faltava
Ao feitiço horroroso,
Mais do que a torpe Folia a cujo encanto
Dos Ceos se despegavão
A branca Lua, as lúcidas Estrellas:
(Se he certo o que assoalhão,
Da ociosa Parthenope os visinhos)
Eis chega a Feiticeira,
Canidia então roendo as negras unhas,
Que meditou, que disse?
Testemunhas fiéis destas fadigas,
Que reinais no silencio,
Quando os mysterios magicos se formão,
Oh noite, oh tu Diana,
Decei dos Ceos oh Numes vingadores,
Contra meus Inimigos,
Em quanto as Féras nas montanhas dormem,
Prezas em doce somno;

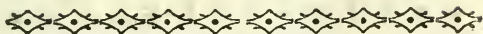
Os

Os Caens no bairro de Suburra uivando
Raivosos vão seguindo,
Esse adúltero velho, digno objecto,
De mófas, e rizadas;
De pomada odorifica innundado,
Que nunca tão perfeita
Sahio das minhas mãos industriosas.
Mas estes vingadores,
Pestiferos venenos não produzem
Seu desejado effeito.
Nem tanto podem, como póde aquelle
Vestido enfeitiçado,
Que á soberba Rival mandou nas nupcias,
A barbara Medéa.
Mas eis occulta em asperas montanhas
Raiz encantadora,
Illudida me traz; dorme tranquillo
Como se acaso o leito
Em que jaz, lhe molhasse o turvo Lethes.
Mas ah! que se levanta,
Mais poderosa Maga o encanto québra
Com mais potentes versos!
Mas ah Varo! (Que lagrimas te esperão!)
Mais efficaz bebida,
Te vai unir a mim: quando enlaçado
Teu coração conserve
Não, não te hão de soltar marcios encantos.
Eu te preparo hum Filtro,
Mais poderoso, que os encantos todos,
Q'teus desdens mais forte.

 Se-

Será mais baixo o Ceo, que as salfas ondas,
Mais alta que as Estrellas,
Primeiro se verá sobindo a Terra
Senão arder d'amores,
Por mim teu coração, como arde em chammas
Este negro Bitume.
A taes palavras o infeliz Menino
Já não procura meigo
Taes Monstros abrandar, suspenso hum pouco
Rompe o silencio, e brada,
Como bradava o mísero Thiestes,
As Furias invocando.
Podem, malvadas, os encantos vossos
Contra os mortaes mesquinhos
Contra os clamores da Justiça, podem,
Porém não vos isentão,
Da merecida pena, e tal delicto
As Victimas não pagão.
Devo expirar em fim; mas sombra nua,
Como nocturno Spectro,
Ululando, contínuo, o atróz semblante,
Vos rasgarei raivoso;
O somno espancarei de vossos olhos,
Com fúnebres bramidos
(Terão tal força os indignados manes)
A Plebe alvoroçada
Vos ha de apedrejar de rua em rua;
Infames Feiticeiras,
Hão de ser vossos lacerados membros
Pasto de féros Lobos,

Pas-

Pasto de Corvos do Esquilinio Monte
E meus Pais desgraçados,
Possão ver com seus olhos inda hum dia,
Esta horrorosa scena.

EPODO VI.

Contra Cassio Severo, Poeta malélico.

MAstim perseguidor que a todos ladras,
E, só tímido, e froxo,
Contra ferozes denodados Lobos.
Dize, porque não volves
Os teus agudos venenosos dentes,
Se os meus tu não receias?
Qual hum Dogue do Epiro, ou Cão Laconio
Dos simplices Pastores
Guarda sempre fiel, hirei constante
Até por alta neve,
De qualquer Féra proseguindo o rasto.
Tu, depois de atroares,
Com teus latidos os sombrios Bosques,
Farejas a comida,
Q'bemfazeja mão lançou na Terra.
Ah! teme que eu levante,
As sempre féras retrocidas pontas,
Contra Imigos malvados.
Provarás meu furor, qual já provárão,
O pérfido Licambe,

Das

Das máos do Genro, e Búbalo inimigo.
Esperas desgraçado
Se algum me abocanhar, que eu chore inulto
Qual Menino innocente?

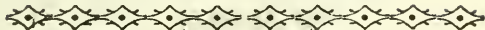
* * * * * * * * * * * * * *

EPODO VII.

Aos Cidadãos Romanos.

IMpios, onde correis? Lampeja o ferro
Em vossas máos cruentas,
E não basta inda o sangue, que entornaste,
Na Terra, e vastos Mares?
Mas não correu nos levantados muros,
Da Inimiga Carthago.
Delle o preço não foi Britano invicto
Q'á triunfal Carroça,
Viesse atado ao sacro Capitolio,
Dar mais brazoens a Roma.
Foi delle a Patria objecto; e foi Theatro
Das suas proprias armas,
Assim dos Parthos preencher quizestes,
Os temerarios votos.
Sempre o Leão sanhudo estende as garras
Contra a diversa especie.
Sanguinario furor nos tapa os olhos,
Ou nos arrastra o Fado.
Co'o proprio sangue d'execravel Crime.
A expiação fazemos.

Do

Do Fratrecidio. Vingador Destino
Os Romanos persegue;
De Remo o justo sangue, inda resalta
Nos tristes Descendentes.

EPODO VIII.

Contra huma Velha dissoluta.

SÃo já negros teus dentes; em teu rosto
Móra torpe velhice,
Inda pertendes, Século ambulante
Prender-me em doces laços?
Hediondo Esqueleto, que me importa
Que tenhas sangue illustre?
Que Imagens triunfaes venhão cercar-te
O Féretro medonho?
Que Pingentes de Perolas mais finas,
Nenhuma Esposa traga?
Pôde amor accender-me, porque guardas,
Estoicos Escriptos
Entre almofadas de bordada Seda?
Oh repugnante Velha,
Debalde tentarás co'a voz, com tudo
Inspirar-me ternura.

* * * * * * * * * * * * * *

EPODO IX.

A Mecenas.

E, Quando poderei feliz Mecenas
(Assim aprouve a Jove)
Sob altos téctos celebrar comtigo
Os triunfos de Cezar;
Bebendo do bom Cécubo guardado
Para festivos dias?
Ressoárão meus versos entoados
Ao som da Fraüta, e Lyra,
Em Frigio tom, em Dorico, bem como
Descantámos á pouco
Quando o Neptunio Heroe vencido, e roto
Co'os Lenhos abrazados
Fugio no undoso Mar; elle que a Roma
Cadêas preparava
Aos pérfidos Escravos arrancadas.
Os Illustres Romanos
(Talvez não creia o Seculo futuro)
Huma Mulhér seguindo
Armas vestindo, as ordens escutavão
De encarquilhado Eunuco.
E, via o Sol os Pavilhoens soberbos,
Da vaidosa Egypcia,
Entre as Romanas Aguias levantar-se!
Da vergonhosa scena

Os

Os Francos Cavalleiros indignados
Os arraiaes deixárão,
Viva Cezar, bradando, as Náos ligeiras
No Porto se encondêrão,
Varando em terra as recurvadas popas;
Viva o grande Triunfo!
Tu retardas as Victimas intactas,
E as doiradas Carroças,
Pois, nem da Guerra Jugurtina veio,
E das Púnicas lides
Maior Triunfador, inda que fosse
Da soberba Carthago,
O Illustre Domador, cuja virtude
Fez das altas ruinas,
Soberbo Mausoléo. No mar, na terra
Foi vencido o contrario
Da dor a veste lúgubre, transforma
Em purpura brilhante,
E, á despeito dos ventos conjurados
Busca as praias de Créta
Com as cem Cidades orgulhosa, e nobre,
Busca as ventosas Sirtes,
Ou erra vagabundo em mar ignoto,
» Onde o leva o Destino.
Arraza, oh Môço, os cópos do espumante
Vinho de Scio, e Lesbos,
Ou, bebamos do Cécubo precioso,
Q'o coração conforta
Nelle se afoguem, sobresaltos, sustos,
Que Cezar nos custára.

✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳

EPODO X.

Contra Mevio Poeta.

LArgue, solta do Porto a Náo que leva
O fedorento Mevio
Com triste agoiro, Furacoens juntai-vos
Batei co'as bravas ondas,
Do Lenho fragil ambos os costados.
O furioso Boreas
Revolva o turvo mar, quebre-lhe os remos,
Rasgue-lhe sôlto panno,
Sópre rijo Aquilão, qual brame irado
Sobre as altas montanhas,
Quando os troncos abate, e desarreiga.
Nunca em noite profunda,
Veja brilhar no Pólo amiga Estrella
Naquella plaga ethérea
Onde o frio Orion, se esconde, e encerra.
Seja-lhe o mar tão bravo,
Qual foi n'outr'ora aos Gregos vencedores
Quando, abrazada Troia,
Voltou Minerva, seu rancor, seu odio,
Contra o Baixel ímpio
Do sacrilego Aiáce; e quanto deve
Suor enregellado,
Cobrir teus Nautas assustados! Quanta
Palidez espantou,

Se

Se ha de ver em teu rosto! Que alaridos
Deves lançar aos ares?
Que inuteis votos formarás a Jove
Quando os mares, os ventos,
A' porfia bramindo, o debil Lenho,
Nos Roxedos quebrarem!
Teu corpo exangue sobre a praia nua
Sirva de pasto ás Aves,
Então, contente, ás negras Tempestades,
Sobre cruentas aras,
Offertarei com denegrida Ovelha
Libidinoso Cápro.

✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳ ✳

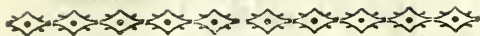
EPODO XI.

A Péssio.

JA' não me apraz, oh Péssio ao Som da Lyra,
Compor sonoros versos.
Amor, Tyranno Amor, me abraza o peito,
E o coraçaõ me prende.
Já por tres vezes, frígido Dezembro,
De verdejante Cóma
Os Bosques despojou, depois que Ináquia
Deixei d'amar furioso.
Eu fui, (que pejo!) a fabula de Roma!
Ao dedo me apontavão.
Até detesto, os festivaes Banquetes,
Onde hum triste silencio,

Trun-

Truncados ais, e languidez profunda,
Meu amor delatavão.
Depois, que o Nume férvido, indiscreto
Me arrancava do peito
O segredo escondido, eu te exclamava,
E, pôde o torpe lucro
Vencer, e suplantar do Engenho os dotes?
Mas se em fim justa bilis,
Livremente do peito já rompendo
Tão inuteis soccorros,
Q'nunca os golpes meus cicatrizavão.
Aos ventos entregava,
Deixando de lutar, mesquinho, e pobre,
Com Rivais opulentos;
Se assim determinado, me levanto
Das opiperas Mezas,
Buscando, a teu aceno, o proprio Alvergue,
Os passos vacilantes,
A meu pezar, incertos me conduzem
Ao Limiar tyranno
Da dura Porta em que jazi mil vezes,
Abatido, e cançado.
Agora amo Licisco, que se préza
De exceder em ternura
As mais mimosas, delicadas Môças.
Tão suaves cadêas,
Não me farão quebrar concelho austéro,
Nem revézes da sorte;
Mas outro amor sómente que me abraze,
Em chamma mais ardente.

EPO-

EPODO XII.

Aos Amigos.

A Abobeda dos Ceos se feicha escura
Co'a negra Tempestade,
Desfaz-se o ar turvado em neve, e chuva,
Nos Mares, e nos Bosques,
O Treicio Aquiláo brame furioso.
Charos, doces amigos,
Aproveite-se hum dia em quanto a Idade
He forte, e vigorosa,
Em quanto o velóz tempo nos convida,
Afoguem-se as tristezas,
Da velhice cruel, que a fronte enruga:
Corra espumante Vinho,
Que comigo nasceo, quando Torcato,
Obteve o consulado,
Tratemos de beber, náo de negocios.
Benigna Providencia,
Tudo ha de regular, só cumpre agora
De balçamo Achemenio
Innundar o cabello, ao som da Lyra
Afugentar cuidados.
Estas grandes liçoens dava o Centauro
Ao já crescido Alumno,
Invencivel Mortal, digna Progenie
Da maritima Thetis.

Eis o campo te aguarda, que o Escamandro
Corta co'a fria linfa.
E o Símois tortuoso, duras Parcas
A tornada te negão.
Nem póde o pranto da cerulea Thetis,
Fazer que á Patria voltes.
E, quando junto aos levantados muros
De Troia te acampares,
Afoga em roxo vinho, em doce canto,
Os túrbidos cuidados.

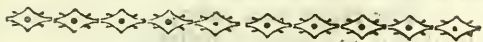
* * * * * * * * * * * * * *

EPODO XIII.

A Mecenas.

MEu ingenuo Mecenas, tu me affliges,
Tantas vezes bradando,
Porque motivo a languida Preguiça,
Entorna na minha alma,
Tão frio, tão profundo esquecimento,
Que dizer-se podéra,
Q'a grandes sorvos hei bebido as turvas
Ondas do fundo Lethes!
Hum Deos, hum Deos dispotico me véda
Impôr ultima Lima,
Aos promettidos comessados Jambos.
Dest'arte Anacreonte,
De amor ardeo pelo gentil Batilo,
Que sobre a branda Lyra,

Pou-

Pouco limados versos entoava.
Tu Victima d'amores,
Não sentes jugo igual? Se o fogo ardente
Q consumíra Troia
Não foi mais bello, que a suave chamma,
Que o coração te abraza,
Deixa que eu viva, que suspire prezo
Nos saborosos laços,
De Frine encantadora, que inconstante
Me rala, e me atormenta.

EPODO XIV.

A Neêra.

ERa de noite: a prateada Lua
Brilhava entre as Estrellas;
Quando tu nos meus braços enlaçada
Mais do que a fragil Era,
Se enlaça ao tronco d'hum Carvalho annoso,
Para offender os Numes
Proferias sagrados Juramentos,
Q'eu mesmo te dictava:
Em quanto o féro Lobo infesto fosse,
A's simplices Ovelhas,
E inimigo Orião turvasse os mares,
Aos Nautas sempre infesto
Em quanto aura subtil do loiro Apólo
Encrespasse os cabellos,

O

O nosso mútuo amor seria eterno.
    Oh pérfida Neêra,
Quantas amargas lagrimas te deve,
    Custar minha virtude!
Se acaso póde alguma coisa Horacio,
    Não passarás impune
Da fria noite as vagarosas horas
    De meu Rival nos braços:
Raivoso hirei buscar quem corresponda;
    A meu amor sincero.
Porém se acaso lívido ciume,
    Vier rasgar meu peito,
Hei de ultrajar mil vezes a belleza
    Da Ingrata que me offenda;
Sem que póssa huma vez minha constancia
    Ceder á Formosura,
Oh tu feliz Rival, tu, que triunfas
    Da minha Desventura,
Inda, que sejas nobre, e que possuas
    Mil campos, mil rebanhos;
E, que só para ti volva o Pactólo,
    As doiradas arêas;
Q'os sonhos Pitagóricos entendas;
    Q'sejas mais formoso,
Que o formoso Niréo, deixado hum dia
    Por Neêra inconstante,
Debalde chorarás, e então contente,
    Mofarei de teu pranto.

* * * * * * * * * * * * * *

EPODO XV.

Ao Povo Romanò.

EIs nova idàde nas civis discordias
Comessa a consumir-se.
Co'as proprias forças Roma se arruina,
Roma, que pôde hum tempo
Oppor-se ás armas dos visinhos Marsos
A's Tropas de Porcena.
E de Càpua rival, á sanha, á força.
D'Espártaco aos furores,
E do pérfido Alóbrogo inconstante
A's tramas cavilosas.
Aquella Roma, que a Germania féra
Co'o valor de seus Filhos,
Nunca domada vio, nem vio vencida.
Que Anibal detestado
Dos antigos Avós vencer não pôde.
Nós, sanguinaria Prole,
Nós procuramos reduzilla a cinzas:
As Féras da montanha
Formárão seus covis entre as ruinas,
Soberbos vencedores
Insultárão, passando, os restos tristes,
Os fervidos Gineres
Co'as férreas unhas assoitando a terra
Farão voar as cinzas,

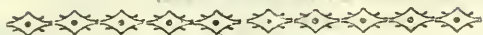
Dessipando, que horror! do grão Quirino
Os soterrados óssos.
Se algum de vós, ou todos, inda buscão,
Remedio a tantos males,
Imitai (este he só) tristes Focenses,
Q'a Patria abandonárão.
Deixando aos Javalís, deixando aos Lobos
A's roubadoras Féras
Os Templos, Posseçoens, e os doces Lares;
Fujamos apressados
Onde os mares, e os ventos nos levarem.
Se he grato este concelho,
E, se nada lembrais mais util, que elle,
Quem nos suspende os passos?
Sopra galerno favoravel vento,
Largue-se a Náo ligeira.
Porém juremos não tornar sem crime
Senão, quando os roxedos
Aboiarem do mar na superficie,
Arrancados do fundo.
De não voltar a Roma a curva proa
Senão, quando o espumante
Rapidissimo Pó cobrir os montes,
Ou, quando no Oceano,
Se for larçar o frígido Apenino.
Quando Amor monstruoso,
Juntar aos Cervos sanguinarias Tigres,
Quando á timida Pomba,
Se ajuntar o Milhafre carniceiro,
E do Leão sanhudo

Náo

Não temã a garra o simplice Rebanho.
Quando a ligeira Cabra,
Cortar, nadando, as ondas amargosãs.
Depois de taes conjuros,
Capazes de vedar doce tornada,
Intrepidos partamos,
Ou de Roma a porção mais nobre, e firme.
E fique o vulgo indocil
Na triste escuridão, no vil desprezo
D'huns Lares infelizes.
Vós cheios de valor, deixai sem pranto,
E feminis queixumes,
Deixai as praias ultimas da Etruria,
Hum novo Mundo espera,
Q'o fluctuante mar circunda, e lava.
Vamos buscar afoitos,
Felizes campos, opulentas Ilhas;
Onde a Terra fecunda,
Produz, não cultivada, os dons de Ceres,
Onde florece a vinha,
Sem que afiada Foice as vides córte,
E, a proveitosa Oliva,
Vingado mostra o fructo que promette.
A sombria Figueira,
Com seus pomos dulcissimos se enfeita.
Dos carcomidos troncos
Corre em ondas o mel. Dos altos Montes,
Correm límpidas agoas.
E voluntariamente a teta off'récem
As petulantes Cabras.

Nenhum contagio os gados apoquenta
Nem Sol ardente os crésta;
Náo brame o Urso informe em noite escura
Em torno das poizadas,
Nem sobre a nua terra o cólo entôna
A Vibora medonha.
D'outros prodigios, d'outras maravilhas,
Seremos testemunhas.
Os frios Euros, que nas azas trazem
As soltas Tempestades,
Náo cobriráo com frígidos chuveiros
Os matizados campos.
E, as tenras plantas do calor crestadas
Náo morreráo nas Leivas.
Alli concerva eterna Primavera
O Monarcha dos Numes.
Alli não foráo fortes Argonautas,
Cortando as frias ondas
Co'os alutados remos, nem Medéa
Pôde chegar voando.
Nem de Sidonia o Navegante ouzado,
E Ulysses vagabundo,
Pôde aportar co'os tristes companheiros
Das teimosas desgraças.
Ao Justo, ao Pio, Jupiter reserva
Estes ditosos climas.
Depois que extincta fôra a Idade d'oiro;
E o Seculo de ferro
Na Terra avassallada ergueo seu Throno.
Fujamos apressados,

Que

Que eu Vate acceito a Delio vos agoiro,
Venturosa fugida.

EPODO XVI.

A Canidia.

CAnidia, eu cedo em fim, e as mãos entrego
Vencido dos Coujuros.
Humilde, eu te supplico pelo horrendo
Throno de Prozerpina;
Por Diana tambem, tremendo Numen;
Pelos mágicos versos,
Que podem despenhar dos Ceos os Astros;
Que nunca mais profiras
Mysticas vozes de fataes encantos,
Que abandones de todo
A velóz roda de infernaes feitiços.
Pôde Télefo humilde,
Do grande Achiles acalmar a sanha
Contra quem mui soberbo
Commandára Esquadroens, e agudas lanças
Arremeçára ouzado.
Embalçamárão as Troianas Damas
De Heytor o frio corpo,
De Heytor que dera a morte a mil Guerreiros
Que destinado fôra
A ser vil pasto de Mastins raivosos,
De esfaimados Abutres;

De

Depois que o velho Priamo prostrado
Em terra vio chorando.
Os companheiros do infeliz Ulysses
(Enternecida Circe)
De Javalís cerdosos depozerão
A medonha figura.
Recobrárão de novo a voz, o gésto
E o rosto que perdèrão.
Assáz punido estou Canidia, amada
Até dos Nautas duros,
Findou ligeira a minha mocidade,
E macilenta pelle,
Cobre os óssos do rosto onde algum tempo
A purpura brilhára.
De teus perfumes mágicos á força
Já me alveja o cabello.
Não tem pausa desgraças que me opprimem.
Volve-se o dia, e noite,
E não pósso c'hum férvido suspiro,
Desafogar o peito.
Tinha negado teu poder, mas vejo,
E miseravel creio,
Que os magos versos, e as Cançoens tem força
De agrilhoar vontades,
De enloquecer de todo: oh Terra, oh Mares!
Ah! suspende a vingança,
Que mais queres de mim? Eis me abrazado.
De Nezo o sangue impuro,
Menos as veias inflammou d'Alcides,
Do Ethna as lavaredas

Me-

Menos ardor no peito me causárão
Complexo de venenos,
Quaes Cólcos não produz, tu só desejas
Que a cinzas reduzido,
Ludibrio seja em fim do solto vento?
Que premios me destinas?
Dize, dize, cruel, que prompto, humilde,
A' pena me sujeito.
De Toiros cento o sacrificio queres?
Já contente os dessangro.
Queres que o nome teu pelo Universo
Espalhe ao som da Lyra?
Direi, que hes pura, candida, innocente,
Q'em Astro transformada,
Giras no espaço do fulgente Olympo
Os dois Irmãos d'Helena
(Infamada com satiras atrozes,)
A's súpplicas cedendo,
Derão de novo ao desgraçado Vate,
A vista que perdêra.
Eu te conjuro pelo sangue illustre
Q'te gyra nas veias,
Q'não desfeiches contra mim teus golpes,
Da loucura me livra
Já que, Velha prudente, nunca imitas,
Infames Feiticeiras,
Q'vão tirar dos Tumulos dos Pobres
As cinzas taciturnas,
Depois do nono dia em que pagárão,
Tributo a Libitina.

Tens

Tens meigo coração, as mãos tens puras;
Hes Mãi terna, e fecunda;
Depois de dar á luz penhores d'alma,
Surges forte, e robusta.

* * * * * * * * * * * * * *

EPODO XVII.

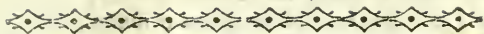
Resposta de Canidia.

PAra que invias súpplicas inuteis
A cerrados ouvidos?.
As duras pedras que no mar negrejão,
Quando Neptuno irado
Co'as turvas ondas se enfurece, e berra,
Nunca forão tão surdas
Aos lastimosos lúgubres gemidos,
Dos Náufragos, que expirão.
Deves acaso escarnecer impune
Os sagrados mysterios,
A que preside Amor? Foste creado
Pontifice supremo
Dos profundos, e mágicos segredos?
E depois que teus versos,
Me tornárão a fabula do Povo,
Morrerei não vingada?
Embora com mil dádivas procures,
Mais poderosas Magas,
Que mais subtil veneno te preparem
Oh soccorros baldados!

Será mais tarda a morte, que teus votos,
Viverás desgraçado.
Teus dias crescerão, porque se augmentem
As mágoas com teus dias.
O muito infeliz Tantalo presiste
Faminto n'abundancia
Deseja, em vão, findar triste existencia.
E Prometheo ligado
De balde quer morrer. Sezifo aspira
A suspender a pedra
No cume da montanha, porém Jove
Com dura lei lho véda.
Tu quererás, em vão, já desgostoso
Da penosa existencia
Precipitar-te de elevadas Torres;
E quererás no seio,
Cravar duro Punhal, debalde ao laço,
Darás o infausto cólo.
Sobre ti mesmo conduzida óvante
Em triunfal Carroça,
Farei ceder a Terra espavorida,
A meu poder supremo.
Se eu posso dar o movimento, a vida
Aos frios Simulacros,
Se, prompta á minha voz, a argentea Lua,
Dos Ceos se precepita,
Se as cinzas do sepulchro, animo, e chamo,
Se, os meus potentes Filtros,
Os duros coraçoens, d'amor quebrantão
Acaso eu sôlta em choro,

Só

Só verei contra ti sem força as artes;
Que a Mágica me ensina?

Fim dos Epodos.

HYMNO,

Que se devia repetir nas Festas que os Romanos fazião no fim de cada Seculo.

A Apólo, e a Diana.

OH Loiro, intonso Apólo, oh tu Diana,
Que hes Nume Tutelar dos densos bosques,
Honra do Olympo, fulgurantes Astros
Oh sacrosantos Numes!

Sempre adoraveis, adorados sempre,
Escutai nossas súpplicas, e votos,
Nestes sagrados dias, que a Sibila
Promettêra em seus versos.

Puro Esquadrão de candidas Donzellas
De castos Môços, escolhido Côro,
Aos grandes Numes, que defendem Roma,
Almos Hymnos envia.

Alma da Natureza, oh Sol, que o dia
Trazes, e levas no brilhante coche,
Nada vejas maior, gyrando a Terra,
Que a Soberana Roma.

Oh

Oh compassiva Ilitia, ou se mais prézas,
Ou de Lucina mais, te he grato o nome,
Preside á geração, e adóça as mágoas,
Do doloroso parto.

Conserva as Mãis fecundas, e defende
Os tenros fructos seus, firma o Decreto
Do laço conjugal, de nova Próle
Enche a soberba Roma.

E, quando o tardo Seculo se finde
Possão em dias tres, e em tantas noites
Os jogos festivaes, e os doces cantos
Com prazer celebrar-se.

E vós, Parcas viridicas, que tendes,
Já cumprido os oraculos, de novo
Juntai a vossos vaticinios, lédos
E venturosos Fados.

Cubra-se a Terra de abundantes Mésses;
E a chuva salutifera lhe nutra,
Seus fructos, seus rebanhos, e respirem
Hum ar sereno, e puro.

Mostra-te meigo, oh Febo, e as duras sétas
Mette de novo no carcaz, e escuta
As súpplicas dos Môços, tu Diana
Escuta as das Donzellas.

S'obra

S'obra foi vossa a Soberana Roma
Se á praia Etrusca os Troades chegárão
Se lhes mandastes que os paternos Lares
Deixassem presurosos.

Se o casto Eneas á queimada Troia
Pôde superviver, lhe abrís caminho
Por entre as chammas que á fadada Patria
Em cinzas convertêrão.

Se móres bens lhes dais; Numes potentes
Virtude aos Môços dai, repouso aos Velhos,
E thesoiros, grandeza, gloria, e nome
Aos Filhos de Quirino.

A progenie de Anchises, e de Venus,
Que hoje candidas victimas offérta,
Possa vencer os Inimigos, possa,
Perdoar aos vencidos.

Já na Terra, e no Mar, de Mêdia o Povo
Teme seu braço, e consular Bipene:
E, o Indio ha pouco féro, o Scita ouzado
Esperão seus Decretos.

Já reina a Paz, e a Fé, e o Pejo antigo,
O brio sempre intacto, a saá virtude,
The agora envolta em sombra co'a abundancia
A ressurgir comessão.

O

O Deos presságo do futuro incerto,
Em cujos hombros sôa a eburnea Aljava,
Que amando as Musas, com potentes hervas,
Suspende o passo á morte.

Se vê propicio o Palatino monte,
Por dilatados Seculos prospére,
E derrame mil bens de Italia, e Roma
No Imperio florescente.

Tu que o monte Aventino, oh casta Deosa,
E o Algido te apraz, dá prompto ouvido
Dos Baroens quinze as súpplicas, e aos votos
De innocentes Donzellas,

Depois de haver cantado a Febo, e Cintia,
Justo Louvor, aos Lares nos tornamos,
Certos, que Jove, que Supremos Numes
Hão de ouvir nossos votos.

Fim do primeiro Tomo das Obras de Horacio.

E R R A T A S.

Na Prefação.

	Erros.	*Emendas.*
Pag. xxii lin. 13	prescreve	proscreve
Pag. xxv lin. 5	*Melibé*	*Melibæe*
Pag. xxxi lin. 12	o mais delicado engenhoso	o mais delicado, e engenhoso
Pag. 16 Ode IX. lin. 4	Velhice amorosa ao longe aponta	Deve ler-se A velhice morósa ao longe aponta
Pag. 41 Ode XXVII. lin. 12	He sempre o teu amor, nobre, e puro	Deve ler-se He sempre o teu amor, e nobre, e puro.
Pag. 83 Ode XVI. lin. 13	Inda que visses rinchar, em tôrno, o altivo	Deve ler-se E que visses rinchar em torno o altivo
Pag. 110 Ode VI. lin. 17	plautro	plaustro
Pag. 111 Ode VII. lin. 6	*Asteréa.*	*Astéria.*
Ibid. - - - - lin. 7	Asteréa,	Astéria,
Pag. 116 Ode IX. lin. 3	Calay	Caláis